



UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE
NA LÍNGUA GUARANÍ MBYÁ
(TAMBEOPÉ)

Mauro Luiz Carvalho

BRASÍLIA
2013

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA – UnB
INSTITUTO DE LETRAS – IL
DEPARTAMENTO DE LINGUÍSTICA, PORTUGUÊS E LÍNGUAS CLÁSSICAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LINGUÍSTICA – PPGL

TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE
NA LÍNGUA GUARANÍ MBYÁ
(TAMBEOPÉ)

Dissertação de Mestrado

MAURO LUIZ CARVALHO

Orientadora:
Profa. Dra. Ana Suely Arruda Câmara Cabral

Coorientadora:
Profa. Dra. Ana Helena Rossi

BRASÍLIA
2013

MAURO LUIZ CARVALHO

**TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE
NA LÍNGUA GUARANÍ MBYÁ
(TAMBEOPÉ)**

Dissertação apresentada ao Curso de Pós-Graduação em Linguística do Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Linguística, sob a orientação da Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e sob a coorientação da Profa. Dra. Ana Helena Rossi.

Banca examinadora:

Profa. Dra. Ana Suelly Arruda Câmara Cabral (Presidente)

Prof. Dr. Wilmar da Rocha D'Angelis (Membro externo)

Prof. Dr. Aryon Dall'Igna Rodrigues (Membro interno)

Profa. Dra. Beatriz Carretta Correa da Silva (Membro suplente)

**BRASÍLIA
2013**

Ao nosso Deus Nhanderu Tenonde, ao meu povo Guaraní, em especial à minha tia Keretxu Endy (Marilza da Silva), a quem devo a minha eterna gratidão.

AGRADECIMENTOS

À minha querida filha Nyara, a quem agradeço por sua paciência e por ter estado sempre ao meu lado dando-me força e alegria.

Minha enorme gratidão à minha grande e querida companheira Vilma, que sempre me deu força e coragem nas minhas caminhadas, sempre ao meu lado, tanto nos sucessos quanto nas dificuldades.

À minha inteligentíssima orientadora Ana Suelly, em quem confiei durante todo o meu curso, desejo todo sucesso que ela merece.

Ao nosso grande mestre Aryon RODRIGUES, que viabilizou o curso no LALI para os indígenas do qual me alegro em fazer parte.

À minha coorientadora Ana Rossi por me ajudar a caminhar mais uma etapa desse longo caminho.

Ao grande amigo Jorge Domingues, que me ajudou muito a resolver todos os problemas técnicos tanto os relativos à formatação da dissertação e uso de programas de computador, quanto à correção da presente dissertação.

Agradeço imensamente ao Prof. Wilmar da Rocha D'Angelis pelos ensinamentos durante o curso de fonologia para os pesquisadores do LALI que estudam no Programa de Pós-Graduação em Linguística UnB, assim como pelas contribuições dadas enquanto membro da banca que avaliou minha dissertação. Agradeço igualmente a Beatriz Carretta Correa da Silva, que também foi membro da mesma banca, pelas importantes observações e sugestões apresentadas para melhorar a minha dissertação.

A Severina (Sissi), pela valiosa contribuição nos ajustes de formatação desta dissertação, segundo a ABNT.

A minha gratidão aos amigos e colegas pesquisadores indígenas do LALI, Paltu Kamairá, Wary Kamaiurá, Kaman Kalapalo, Makau Nafukua e amiga Altaci Cocama.

Aos meus demais amigos do LALI, Suse A. de Sousa, Fabio Pereira, Ariel C. e Silva, Vanessa Porto, João Henrique, Vitor Hugo, Gabriel Barros, sem esquecer de nenhum (por me sentir acolhido por todos os membros), meu muito obrigado.

A todos os amigos e conhecidos índios e não índios, que possibilitaram a minha entrada nesse curso. Nunca me esquecerei da grande ajuda que me concederam.

Ao meu amado irmão Sílvio, por seu apoio incondicional.

À minha tia Marilza, que me criou e sempre acreditou em mim.

À minha querida e grande irmã Aciara, que sempre confiou em mim e que contribuiu muito com informações valiosíssimas.

Ao meu tio e cacique Antonio Carvalho, que me ajudou a buscar informações sobre nossa cultura contribuindo fundamentalmente em minhas pesquisas.

Ao meu tio Jonas Ernesto, que não mediu esforços para me ajudar nas pesquisas de campo.

À minha tia Joana, que sempre me ajudou nas informações sobre a cultura do nosso povo.

A Sandra Guaraní, por sempre me ajudar nas informações da pesquisa.

Ao cacique Nelson dos Santos pelo apoio.

Agradeço enormemente aos meus parentes Guaraní.

Por fim, a minha gratidão aos colegas e amigos Tupinikím que, direta ou indiretamente, me ajudaram para mais essa conquista.

À professora Graça Cota por me encaminhar sua tese para que eu pudesse enriquecer o meu trabalho.

A Kalna, por sempre estar disponível para me ajudar e pelas contribuições de sua dissertação.

À minha grande amiga Fortaleza, por sempre estar disponível para me ajudar.

A Zélia, por desde início do meu trabalho me apoiou.

A Andrea Cristina, que na sua condição de Subsecretária de Educação municipal de Aracruz que não mediu esforços para poder me ajudar a seguir com os meus estudos.

A Alzenira Marques Tupinikím, que na condição de Coordenadora de Educação Indígena do município de Aracruz que muito fez para que eu realizasse esse curso.

A Marli Gomes, que sempre me fortaleceu com suas palavras de apoio.

“A língua, de modo geral, é o meio pelo qual qualquer cultura se manifesta.”

(RODRIGUES, 2011)

SUMÁRIO

ABREVIATURAS.....	11
SIGLAS.....	15
RESUMO	16
ABSTRACT	17
CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO.....	18
1.1 OBJETIVO GERAL.....	18
1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	18
1.3 JUSTIFICATIVA.....	19
1.4 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS	19
1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO.....	20
CAPÍTULO II: POVO E LÍNGUA GUARANÍ.....	22
2.1 O POVO INDÍGENA GUARANÍ	22
2.2 GUARANÍ MBYÁ (TAMBEOPÉ) DO ESPIRITO SANTO	23
2.3 A ESCOLA NA ALDEIA GUARANÍ: CONTEXTO HISTÓRICO E LEGAL	25
2.4 PROCESSO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA	27
2.5 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E FORMAÇÃO DE EDUCADORES INDIGENAS	28
2.6 TRANSMISSÃO E ENSINO TRADICIONAL E ESCOLAR: SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA	35
2.7 CASAMENTO GUARANÍ: PRÁTICAS SOCIAIS E SOCIALIZAÇÃO SECUNDÁRIA.....	37
2.8 OS MBYÁ (TAMBEOPÉ)	39
2.8.1 Quem são eles?.....	39
2.8.2 Qual é o território dos Guaraní?	41
2.8.3 Quantos são?	43
2.9 GUARANÍ NHANDÉWA	43
2.9.1 Quem são?.....	43
2.9.2 Onde vivem? Quantos são?	46
2.10 GUARANÍ KAIOWÁ	46
2.10.1 Quem são eles?.....	46
2.10.2 Onde vivem? Quantos são?	49
2.11 CONSIDERAÇÕES GERAIS	50

CAPÍTULO III: REVISÃO CRONOLÓGICA DA LITERATURA SOBRE TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE EM LÍNGUAS TUPÍ-GUARANÍ.....	51
3.1 MARCAÇÃO TEMPORAL NA LÍNGUA KAIOWÁ, POR TAYLOR	51
3.2 FUTURO E NÃO FUTURO	52
3.3 CENÁRIOS TEMPORAIS NOS TEXTOS NARRATIVOS	53
3.4 MARCADORES DE CENÁRIOS.....	54
3.5 MARCADOR DE ASPECTO PONTUAL <i>-ma</i>	56
3.6 MARCADORES TEMPORAIS DO PASSADO E <i>ra'e</i>	59
3.7 MARCADORES TEMPORAIS DE FUTURO	62
3.8 MARCADORES TEMPORAIS E NOMINALIZAÇÕES	66
3.9 PALAVRAS TEMPORAIS.....	67
3.10 É O GUARANÍ UMA LÍNGUA SEM EXPRESSÃO DE TEMPO? POR TONHAUSER	69
3.11 TEMPO, ASPECTO E EVIDENCIALIDADE EM GUARANÍ, POR DIETRICH	71
CAPÍTULO IV: APORTE TEÓRICO.....	77
4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	77
4.2 SOBRE ASPECTO	78
4.2.1 Sobre a temporalidade linguística.....	81
4.2.2 Sobre a noção de referencial espaço-temporal.....	81
4.2.3 Sobre o referencial enunciativo (REN).....	82
4.3 TIPOLOGIA UNIVERSAL, DESCLÉS E GUENTCHÉVA.....	83
4.3.1 Universais invariantes e primitivos	84
4.3.2 Tipologia de aspecto.....	85
4.3.3 Aspecto	86
4.3.4 Noção de evento	87
4.3.5 Interação de aspecto ₁ e aspecto ₂	87
4.3.6 Noções aspectuais.....	88
4.3.7. Diferenças entre estado, evento e processo, segundo Desclés e Guentchéva.....	89
4.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS	89
CAPÍTULO V: TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE EM UM TEXTO GUARANÍ MBYÁ (TAMBEOPÉ).....	91
5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	91
5.2 ANÁLISE DE UM RELATO MÍTICO EM MBYÁ (TAMBEOPÉ)	92
5.2.1 Aspecto	92
5.2.1.1 Expressões aspectuais de estabilidade de uma relação predicativa	93
5.2.1.2 Noções aspectuais expressas por verbos estativos.....	97

5.2.1.3 Aspecto “repetitivo”	99
5.2.1.4 <i>Djepi</i> “aspecto frequentativo”	100
5.2.1.5 Aspecto de ação plural	100
5.2.1.6 <i>We</i> “aspecto aditivo”	101
5.2.1.7 Aspecto “completivo”	102
5.2.1.8 Aspecto incompletivo <i>teri</i>	102
5.2.2 Modalidade.....	104
5.2.2.1 Modalidade deôntica	104
5.2.2.2 Modalidade Empática	106
5.2.2.3 Modalidade epistêmica	107
5.2.2.4 Modalidade alética	117
5.2.3 O marcador discursivo <i>ma</i>	118
5.2.4 Sobre os morfemas <i>kwe</i> e <i>rã</i> nos nomes	119
5.2.5 Interjeições	121
5.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES	122
CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO	123
REFERÊNCIAS	129
ANEXOS	135

ABREVIATURAS

Abreviaturas usadas na análise linguística do texto “A origem do Sol e da Lua”

1	Primeira pessoa do singular
123	Primeira pessoa do plural inclusiva
13	Primeira pessoa do plural exclusiva
2	Segunda pessoa do singular
23	Segunda pessoa do plural
3	Terceira pessoa do singular
3corr	Terceira pessoa correferencial
abl	Ablativo
adit	Aditivo
admir	Admirativo
ag	Agente
along	Alongamento
antig	Antigamente
aten	Atenuativo
aux	Auxiliar
c.	Comitativo
caus	Causativo
col	Coletivo
comp	Comparativo
compl	Completivo
contraf.1	Contrafactual.1
contraf.2	Contrafactual.2
dat	Dativo
des	Desiderativo
desc	Desconhecido
direc	Direcional
dub	Dubitativo
empr.P.	Empréstimo do Português
empr.E.	Empréstimo do Espanhol
enf	Enfático
enquan	Enquanto
ev	Evidência
Excel	Excelência
excl	Exclusivo
exort	Exortativo
fm	Feminino
fnl	Finalidade
frequen	Frequentativo
frustr	Frustrativo
hesit	Hesitação
hipot	Hipotético
incl	Inclusivo
incompl	Incompletivo
ind	Indicativo

instr	Instrumento
intens	Intensiv
interj	Interjeição
limit	Limitativo
líq	Líquido
loc	Locativo
loc.ref	Local referido
MD	Marcador de discurso
mov	Movimento
neg	Negativo
NP	Nominalizador de predicados
NRS	Nome religioso do Deus Sol
pass	Passado
perm	Permansivo
permiss	Permissivo
pert	Pertencente
pl	Plural
possib	Possibilidade
poten	Potencial
prep	Prepositivo
prog	Progressivo
proj-v	Modalide projetiva
proj	Estado de existência prejetado de uma entidade
R ¹	Prefixo relacional de contiguidade
R ²	Prefixo relacional de não contiguidade
R ³	Prefixo relacional correferencial
R ⁴	Prefixo relacional genérico e humano
rec	Recíproco
red	Reduplicativo
refl	Reflexivo
rel	Relacional
rem	Remoto
rep	Repetitivo
report	Reportivo
retr	Retrospectivo
son	Sonora
subor	Subordinador
surprs	Surpresa
topic	Topicalização
trans	Translativo
voc	Vocativo

Abreviaturas usadas por Taylor

cond	condicional
conec	conectivo
contraft	contrafeita

dimin	diminutivo
dur	durativo
excl	exclusivo
frust	frustrâneo
fut	futuro
ger	gerúndio
hab	habitual
hipot	hipotético
int	interrogativo
inten	intensificador
marc-temp	marcador temporal
marc-verb	marcador verbal
nom	nominalizador
obj	objeto
pal-temp	palavra temporal
pass	passado
pergt	pergunta
pont	pontual
prop	propósito
temp-verb	tempo verbal

Abreviaturas usadas por Tonhauser

1SG	Primeira Pessoa do singular
3	Terceira pessoa
A	Conjunto de prefixo de pessoa
B	Conjunto de prefixo de sujeito intransitivo
BUT	Expectativo de negação
DES	Desiderativo
DIM	Diminutivo
FUT	Marcador de Futuro
MIGHT	Possibilidade modal
MUST	Necessidade modal
NOM	Nominalizador
O	Objeto
PERF	Perfectivo
PROG	Progressivo
Pron	Pronome
QU	Pergunta

Abreviaturas usadas por Dietrich

ARCON	atestiguada la realización/existencia continua del hecho enunciado (evidencial)
ARES	atestiguado el resultado (evidencialidad)

AS	evidencialidad asertiva
av	avañe”ẽ, guaraní paraguayo
COMP	comparación
CONT	aspecto continuativo
CPL	aspecto completivo
DEM	demostrativo
DEST	aspecto destinativo
DIM	diminutivo
EL	elativo
FR	futuro remoto
FUT	futuro
gch	guaraní chaqueño
ID	identificado
int	intensificador de imperativo (negativo y positivo)
INT	interrogación
LOC	locativo
NA	no atestiguado (evidencialidad)
NEG	negación
NoF	no futuro
NOR	nominalizador de oraciones (corresponde a oraciones “relativas”)
PAR	pasado remoto
PAS	pasado
PERF	aspecto perfectivo
pl	plural
PR	pronombre
PTG	proto-tupí-guaraní
REL	flexión relacional, contigüidad entre el elemento determinado y su atributo
SEP	separativo
sg	singular

SIGLAS

CEE – Conselho Estadual de Educação

CIMI – Conselho Indigenista Missionário

CNE – Conselho Nacional de Educação

CTI – Centro de Trabalho Indigenista

DNIT – Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte

EMPI – Escola Municipal Pluridocente Indígena

EMUI – Escola Municipal Unidocente Indígena

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

IDEA – Instituto para Desenvolvimento de Adulto

ILGM – Inventário da Língua Guaraní Mbyá

IPOLE – Instituto de Investigação e Desenvolvimento em Política Linguística

ISA – Instituto Socioambiental

LDB – Lei das Diretrizes e Bases da Educação

MEC – Ministério da Educação e Cultura

NISI – Núcleo Interinstitucional de Saúde Indígena

PIFCV – Posto Indígena de Caieiras Velhas

PIN – Posto Indígena

PMA – Prefeitura Municipal de Aracruz

SEDU – Secretaria Estadual da Educação

SEMED – Secretaria Municipal de Educação

SPI – Serviço de Proteção aos Índios

SPIILTN – Serviço de Proteção aos Índios e Localização dos Trabalhadores Nacionais

SUER – Superintendencia de Educação Regional

UFES – Universidade Federal do Espírito Santo

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

USF – Universidade São Francisco

USP – Universidade de São Paulo

RESUMO

Esta dissertação apresenta uma descrição das expressões de tempo, aspecto e modalidade na língua Mbyá (Tambeopé), a qual, junto com o Kaiowá e o Nhandéwa formam um grupo de línguas muito próximas dentro do sub-ramo I da família linguística Tupí-Guaraní (RODRIGUES, 1984-1985). A escolha do tema desta dissertação se deu em decorrência, principalmente, da necessidade de sistematização do conhecimento linguístico da língua Mbyá (Tambeopé) para o desenvolvimento de um ensino voltado para uma aprendizagem dessa língua nas escolas das aldeias. Um ensino que parta do conhecimento gramatical do Mbyá fundado na funcionalidade dessa língua e, portanto, referenciado na cultura tradicional dos seus falantes. A análise foi desenvolvida à luz da abordagem teórica sobre tempo, aspecto e modalidade de autoria Jean Pierre Desclés (1980, 1989), segundo a qual “[...] as noções de aspecto e de tempo transcendem o sistema gramatical das línguas [...] frequentemente em interação, de uma parte, com o léxico verbal, a quantificação e as expressões adverbiais e, de outra parte, os modos de ação (Aktionsart) e a modalidade.” (GUENTCHÉVA, 2011, p. 1). Os dados escolhidos para fundamentar a análise provêm de uma narrativa mítica intitulada *Kwaray a’egui djatxy oiko ypy rã gware* “a origem do Sol e da Lua” proferido por Wera Kwaray (Antônio Carvalho). Foram considerados estudos precedentes sobre as noções de tempo, aspecto e modalidade em outras línguas Guaraní, dentre os quais os estudos de Taylor (1984), Dietrich (2010), Tonhauser (2010). A análise apresentada contou com as intuições do seu autor, falante nativo da língua Mbyá (Tambeopé).

Palavras-chave: Tempo. Aspecto. Modalidade. Mbyá. Sub-ramo I. Família linguística Tupí-Guaraní.

ABSTRACT

This dissertation presents a description of the expressions of tense, aspect and modality in the Mbyá (Tambeopé) language, which, together with the Kaiowá and the Nhandéwa form a group of languages very close to each other inside de subgroup I of the Tupí-Guaraní linguistic family (RODRIGUES, 1984-1985). The choice of the theme of this dissertation considered the need of systematization of a linguistic knowledge of the Mbyá language on the behalf of the development of the language teaching in the Indian schools, prioritizing a grammatical knowledge founded in the language functionality, therefore referenced in its speaker's traditional culture. The analysis has been developed under the theoretical approach of tense, aspect, and modality proposed by Jean Pierre Desclés (1980, 1989), according to which "[...] the notions of aspect and tense go beyond the grammatical system of the languages [...], on the one hand frequently associated with the verbal lexicon, quantification and adverbial expressions, and, on the other hand, associated with mode of actions (Aktionzart) and modality." (GUENTCHÉVA, 2011, p. 1). The data supporting the analysis comes from a mythical discourse *Kwaray a'egui djatxy oiko ypy rã gware* "the origin of the sun and of the moon", narrated by Wera Kwaray (Antônio Carvalho). We have considered previous studies on tense, aspect, and modality in other Guaraní languages, among which the studies by Dietrich (2010), Tonhausen (2010), and Taylor (1984). The analysis presented here have benefited from the intuitions of the author this dissertation, who is a native speaker of Mbyá (Tambeopé).

Keywords: Tense. Aspect. Modalidadity. Mbyá. Subgroup I. Tupí-Guaraní linguistic family.

CAPÍTULO I: INTRODUÇÃO

Esta dissertação apresenta uma análise das expressões das noções de tempo, aspecto e modalidade na língua Mbyá (Tambeopé)¹, a partir de uma narrativa mítica sobre a origem do Sol e da Lua, contada por um Mbyá (Tambeopé), conhecedor das tradições milenares do seu povo, Wera Kwaray. Essa língua é falada pelos indígenas do subgrupo Mbyá (Tambeopé), que vivem no Estado do Espírito Santo.

1.1 OBJETIVO GERAL

O estudo teve como objetivo principal elaborar uma análise dessas noções, alternativa às já existentes, e que revelasse quais os princípios que norteiam a visão do povo Mbyá (Tambeopé) com respeito à temporalidade dos eventos, estados e processos, e que revelasse também como o falante se coloca no ato da enunciação em face dessa temporalidade.

Como falante nativo do Mbyá (Tambeopé) não me satisfaziam as descrições existentes sobre as noções de tempo nas línguas Nhandéwa, Mbyá e Kaiowá, uma vez que são fortemente pautadas na tradição da linguística do Espanhol e do Português. Embora o povo Guaraní do Brasil seja o que em sua totalidade aproxima-se mais do falante bilíngue, e suas respectivas línguas contenham bastante empréstimos do Português, e /ou do Espanhol, aspectos fundamentais da referência cultural que perpassa suas línguas é de tradição Tupí-Guaraní milenar.

1.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

O estudo teve como objetivos específicos: (a) descrever as expressões de tempo, aspecto e modalidade na língua em tela; (b) realizar uma análise dessas noções a partir de dados de um discurso que fosse representativo de situação de fala culturalmente natural; (c) fundamentar a análise com uma abordagem diferenciada, que permitisse outro olhar sobre as noções de tempo, aspecto e modalidade em Mbyá (Tambeopé).

¹ Nhandéwa Tambeopé, que no sentido literal significa Nhande-wa'e = nossa gente, Tambeopé = tanga quadrada, achatada, ou seja, portadores de tanga quadrada e achatada, são conhecidos também pelo nome Mbyá.

1.3 JUSTIFICATIVA

A escolha do tema desta dissertação se deu em decorrência, principalmente, da necessidade de sistematização do conhecimento linguístico da língua Mbyá (Tambeopé) para o desenvolvimento do seu ensino adequado a aprendizes, de forma que esses viessem a adquirir um conhecimento gramatical de sua língua, fundado na funcionalidade desta e, portanto, referenciado na cultura tradicional de seus falantes. A sistematização do conhecimento linguístico é fundamental para a formação de professores de língua nativa e para a sua prática docente. O conhecimento que buscamos é, dessa forma, de importância fundamental para o fortalecimento da língua. Por outro lado, a sistematização desse conhecimento por um falante nativo pode trazer contribuições importantes para o aprofundamento do tema e para o desenvolvimento dos estudos linguísticos da família Tupí-Guaraní e mesmo do tronco Tupí.

Como veremos no capítulo 3, os trabalhos existentes sobre tempo, aspecto e modalidade voltados para as línguas Guaraní, diferem uns dos outros, embora a maioria tome como referência noções paralelas de cultura ocidental, como as noções de tempo passado presente e futuro. Vários desses estudos confundem aspecto com modalidade, ou mesmo desconsiderem a existência da categoria modalidade em línguas Guaraní.

Como professor de língua Mbyá (Tambeopé) e pesquisador linguista de minha língua nativa, me propus, nesta dissertação, a abordar as noções de tempo, aspecto e modalidade, visando a contribuir para o conhecimento linguístico de minha língua materna, um conhecimento calcado no modo de ver e agir sobre o mundo próprio à minha cultura. Optei por escolher um aporte teórico que permitisse outro olhar sobre o tema, que fosse o mais adequado possível à realidade de minha língua.

1.4 CONSIDERAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS

A análise que aqui desenvolvemos foi pautada na abordagem teórica defendida por Jean Pierre Desclés (1980, 1989), segundo a qual “[...] as noções de aspecto e de tempo transcendem o sistema gramatical das línguas [...] frequentemente em interação, de uma parte, com o léxico verbal, a quantificação e as expressões adverbiais e, de outra parte, os modos de ação (Aktionzart) e a modalidade.” (GUENTCHÉVA, 2011, p. 1). Essa abordagem teórica foi a que nos pareceu mais adequada à língua Mbyá

(Tambeopé), justamente por não tratar as noções de aspecto e de tempo fechadas em si mesmas, mas em interação com outras expressões linguísticas e com outras subáreas da gramática.

Os dados escolhidos para fundamentar a análise provêm de uma narrativa mítica. A opção por uma narrativa dessa natureza fundou-se no fato de que tínhamos mais possibilidades de ocorrências das diferentes expressões que carregam noções temporais, visto que nesses relatos, normalmente, o narrador antes de entrar na narrativa propriamente dita, apresenta-a com o seu discurso próprio e, quanto mais natural a narração, mais intervenções ele faz sobre o conteúdo narrado, aumentando as possibilidades de contrastar a fala subjetiva do narrador com o conteúdo do cenário do mito.

Desenvolvemos, então, esta dissertação a partir de um relato mítico que envolve diálogos, pressuposições por parte dos personagens, dentre outras situações, de forma que conseguíssemos reunir o maior número possível de dados contextualizados para a análise. Além do relato mítico, conseguimos dados adicionais junto às comunidades Mbyá (Tambeopé) do Espírito Santo, o que foi muito importante para substanciar as hipóteses desenvolvidas.

Para a coleta de dados adicionais foram consideradas as seguintes variáveis sociolinguísticas: a) ser membro do grupo de pessoas mais velhas da comunidade; b) ser um Guaraní religioso.

Os dados foram gravados em sistema digital e consistiram em várias narrativas e conversas sobre elementos do léxico Mbyá (Tambopé), embora no trabalho final os dados ilustrativos tenham como fonte um único relato mítico, o relato sobre a origem do Sol e da Lua.

Os dados foram analisados, em parte, em campo, com a participação de sábios Mbyá (Tambeopé), em parte, no Laboratório de Linguas Indígenas (LALI).

1.5 ORGANIZAÇÃO DA DISSERTAÇÃO

O capítulo inicial desta dissertação é uma introdução ao estudo, em que destacamos os objetivos, a justificativa para o trabalho, os fundamentos teóricos e aspectos metodológicos utilizados e apresentação da organização interna da dissertação. No capítulo 2 fazemos considerações sobre o povo Guaraní, enquanto um dos mais

populosos e geograficamente espalhados da América Latina, sendo que no Brasil existem três principais subgrupos étnicos Guaraní, estudados e classificados pelos antropólogos e linguistas: os Mbyá, os Nhandéwa e os Kaiowá².

Ainda neste capítulo apresentamos considerações sobre cada um desses subgrupos, sobre seus respectivos etnônimos e sobre suas respectivas localizações geográficas. Fazemos também considerações sobre as variedades Guaraní Txiripá (Chiripa) e Tambeopé. Também tecemos informações sobre as escolas Guaraní do Espírito Santo em seu contexto histórico, sobre a educação escolar indígena do Espírito Santo, sobre a formação dos educadores, e como estes transmitem conhecimentos no espaço escolar. Falamos também sobre um tema que julgamos de importância fundamental para a sobrevivência e fortalecimento linguístico e cultural Guaraní que é o casamento nessa cultura.

No Capítulo 3 apresentamos uma revisão da literatura que aborda a noção de tempo e aspeto em línguas Tupí-Guaraní.

No capítulo 4 discutimos aspectos da abordagem teórica adotada, de autoria de Desclés (1980, 1989) e de Guentchéva (2011).

No capítulo 5 apresentamos a análise das noções de tempo, aspecto e modalidade em Mbyá (Tambeopé), a partir do relato mítico sobre a origem do Sol e da Lua. Descrevemos também outros elementos discursivos presentes no texto – uma partícula discursiva e algumas interjeições – por serem coadjuvantes das noções aspectuais, temporais e modalizadoras na dinâmica da narrativa.

No capítulo 6 expomos as nossas conclusões, enfatizando que em Mbyá (Tambeopé), a noção de tempo não é dissociada da noção de modalidade e que a noção de aspecto ou *Aktionsart* é fundamental e ricamente manifestada na língua, interagindo de forma dinâmica com as expressões de modalidade. A análise da língua através da narrativa escolhida revela como os Mbyá (Tambeopé) situam o conteúdo narrado no tempo e como ele próprio se coloca com respeito ao conteúdo narrado. Os diálogos dos personagens, por sua vez, refletem falas diretas de interações entre falante e ouvinte em um tempo atual. Em uma narrativa mítica, compõem o cenário e as ações, costumes e tradições milenares do povo Mbyá (Tambeopé), e as suas noções de tempo e espaço se entrelaçam, permitindo uma visão de como se caracterizam tempo, aspecto e modalidade do ponto de vista Mbyá (Tambeopé).

² Para os índios Guaraní do Espírito Santo, Mbyá é o mesmo que Tambeopé; Nhandéwa parece ser o mesmo que Txiripá ou Awa katu ete, assim denominados por Shaden (1974), por Nimuendaju (1978), e por Melià (1991). Kaiowá é o mesmo que Paĩ Tawyterã, assim registrado por Melià (1991).

CAPÍTULO II: POVO E LÍNGUA GUARANÍ

2.1 O POVO INDÍGENA GUARANÍ

Os Guaraní, um dos maiores povos indígenas da América Latina, são falantes da língua Guaraní, pertencente ao tronco Tupí e à família linguística Tupí-Guaraní que se subdivide em ramos e dialetos (RODRIGUES, 1985).

No Brasil existem três principais subgrupos étnicos Guaraní, estudados e classificados pelo antropólogo Schaden (1974). Porém, tem-se registro de outras variedades linguísticas Guaraní não bem definidas quanto às suas origens linguística e cultural. São eles: Txiripá (Chiripá), e Tambeopé. Segundo Dooley (2008, p. 2) “quanto à autodenominação, todos os três grupos indígenas se chamam de [ja” ”deβa] ou [ja” ”deβaλε] (Nhandéwa) “nossa gente” ”.

Conforme os dados históricos de Guaraní Retã (2008, p. 5) desde a pré-colonização os Guaraní habitavam o “[...] litoral atlântico no Brasil, região do Chaco no Paraguai, o noroeste da Argentina, o leste da Bolívia” e pequena parte do Uruguai. Em uma época remota a língua Guaraní não tinha distinção linguística. Um fato que poderia ter favorecido a mudança linguística (além do tempo cronológico) seria a dispersão e reagrupamento de famílias em diferentes regiões. Os Guaraní tiveram que se adaptar a a novas regiões, com climas diferentes, de forma que os novos ambientes em que passaram a viver contaram para mudanças na cultura original. Entretanto, ainda não foi apresentada nenhuma hipótese de como se deu o desmembramento desses subgrupos.

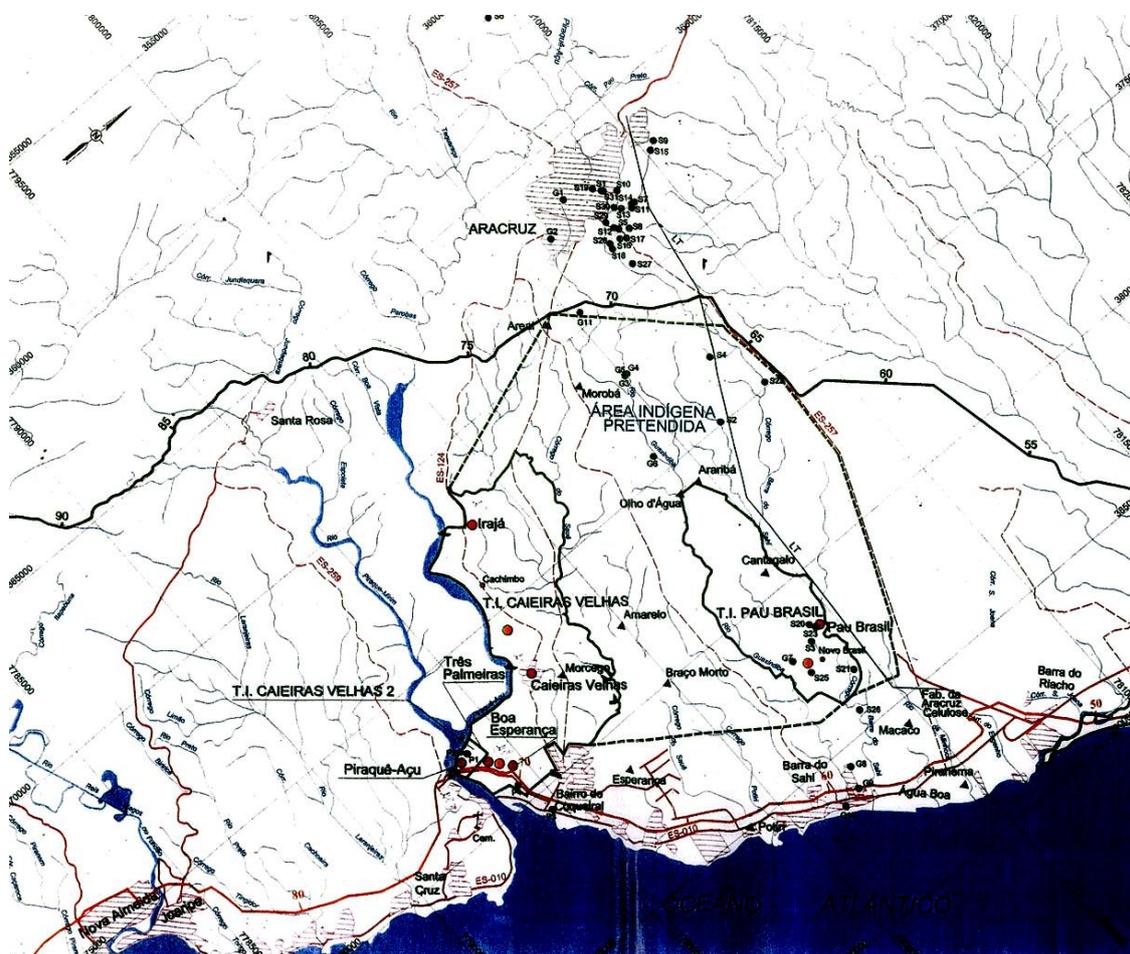
Atualmente no Brasil os Guaraní estão localizados em diversas regiões. Na região sul estão concentrados nos estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina e Paraná, na região Sudeste, em São Paulo, Rio de Janeiro e Espírito Santo, e na região Centro-Oeste no estado de Mato Grosso do Sul.

A população do povo Guaraní no Brasil, segundo dados da Fundação Nacional da Saúde Indígena (FUNASA) e da Fundação Nacional do Índio (FUNAI) (2008) é de aproximadamente 51.000 indivíduos, sendo 31.000 Kaiowá, 13.000 Nhandéwa e 7.000 Mbyá. Ressaltamos que os dados populacionais atuais dos Guaraní ainda não foram concluídos pelos órgãos responsáveis.

2.2 GUARANÍ MBYÁ (TAMBEOPÉ) DO ESPIRITO SANTO

Os Mbyá (Tambeopé)³ residem nas aldeias Tekoa Porã (Boa Esperança), Mboapy Pindo (Três Palmeiras) e Piraqueaçu, próximo à Rodovia ES 010 no distrito de Santa Cruz, município de Aracruz, litoral norte do estado do Espírito Santo. Todavia, existe uma 4ª (quarta) aldeia, que é na verdade um aldeamento Guaraní, denominado Olho D'água, que se encontra mais distante das outras aldeias, e também é mais recente. Localiza-se numa área retomada e reconhecida como área indígena, mas ainda não demarcada oficialmente. Vejamos essa distribuição no mapa a seguir:

Mapa 1: Aldeias Guaraní no Espírito Santo⁴



No que diz respeito à origem do termo Tambeopé, este significa literalmente “tanga achatada ou quadrada” *tambeo-tanga*, *pe-achatada*, quadrada (indumentária

³ No Espírito Santo, esse grupo Guaraní se autodenomina Tambeopé. Os antropólogos os conhecem como Mbyá.

⁴ Fonte: Biodinâmica (2005 *apud* TEAO, K.M. 2007) *Arandu Renda Reko: A vida da escola Guaraní Mbyá*.

masculina), isto é, eles são conhecidos como “os que usam tanga quadrada”. Os Mbyá, classificados por Schaden (1974, p. 2) como um subgrupo dos Guaraní, é o mesmo subgrupo dos Tambeopé⁵ autodenominado por muitos como Mbyá (MELLO 2007, p. 51; CICCARONE 2001, p. 22). Portanto, Tambeopé e Mbyá não têm diferenças culturais e linguísticas, mas diferem culturalmente dos dois subgrupos Guaraní, isto é, dos Nhandéwa e dos Kaiowá.

Um grupo familiar Tambeopé deslocou-se do Rio Grande do Sul por volta da década de 1940, e chegou no Espírito Santo na década de 1960. Esse grupo era orientado pela *Kunhã Karai* (xamã) Tatatxĩ Ywa Rete. Nessa época, esse grupo era movido pela crença de encontrar *Ywy Marãe 'y* que literalmente significa “Terra que não perece”, uma terra divina, um paraíso encontrado na direção onde o Sol nasce, no lado leste do grande “Território Guaraní⁶”.

Reiteramos que o grupo mencionado faz parte do povo Guaraní classificado por Schaden (1974, p. 2) em três principais subgrupos: Mbyá, Nhandéwa e Kaiowá. Porém, as origens desses subgrupos ainda suscita discussão entre os profissionais da área, isto é, antropólogos e linguistas. Cada língua falada por esse povo foi classificada por RODRIGUES (1985) como dialetos do Guaraní pertencendo à família Tupí-Guaraní, do tronco linguístico Tupí, este composto por 10 famílias. Na Família Tupí-Guaraní, RODRIGUES identificou cerca de 21 (vinte e uma) línguas derivadas dessa família, entre elas a língua Guaraní com variação dialetal, Mbyá, Kaiowá e Nhandéwa e, subdividiu-as em sub-ramos. O Mbyá (Tambeopé) faz parte do sub-ramo I.

Dados de nossa pesquisa de campo revelam que nas aldeias acima referidas todos os Guaraní entrevistados, com exceção dos Nhandéwa, se autoidentificam como Tambeopé, porém, “os não índios” os conhecem como Mbyá. Talvez por isso, alguns Guaraní parecem familiarizados com esse termo, e atualmente não se importam mais de serem chamados de Mbyá, exceto aqueles anciões conservadores da cultura tradicional desse povo indígena.

Ladeira (1990, p. 28) defende que os Guaraní do Espírito Santo:

⁵ Segundo Antonio Carvalho, 47 anos, Cacique da aldeia Tekoa Porã, Mbyá é mesmo que Tambeopé, só muda o nome. No entanto, ele prefere ser chamado de Tambeopé.

⁶ O Grande Território Guaraní corresponde a uma porção de terra que compreende em seu território tradicional a antiga região de Misiones, o leste paraguaio, o nordeste argentino, o norte uruguaio, os estados do sul do Brasil e o litoral brasileiro desde o Rio Grande do Sul até o Espírito Santo. (LADEIRA, 1994, p. 9).

[...] são descendentes dos grupos que não se submeteram aos espanhóis nem às missões religiosas jesuítas, [...] há indícios de que eles se refugiaram nos lugares mais altos e nas matas de mais difícil acesso, escapando assim do processo de catequização e de integração cultural.

Contudo, provavelmente esses indígenas sofreram influências, talvez não diretamente, mas por meio de seus antepassados que deixaram vestígios da catequização para seus sucessores. Isso pode ser constatado através do empréstimo na língua e do uso de instrumentos musicais, como a rabeca e o violão, trazidos pelos Padres Jesuítas, ainda no século XVII, da Europa para as Américas. As técnicas de produção de instrumentos musicais tinham como finalidade o crescimento econômico das “Misiones” e confere status à Igreja.

No tocante às aldeias objeto de nosso estudo, identificamos que em Tekoa Porã, vivem 27 (vinte e sete) famílias, sendo 5 (cinco) Nhandéwa e 22 (vinte e duas) Tambeopé. Na aldeia de Piraquêçu, vivem 13 famílias, de origem Nhandéwa e, Tambeopé. É importante destacar que em certos casos, é muito difícil distinguir pessoas Nhandéwa de pessoas Tambeopé, devido a mistura dos dois grupos por meio de casamento recorrentes entre eles. Na aldeia de Mboapy Pindo, vivem 26 famílias, sendo 1 (uma) Nhandéwa e 25 (vinte e cinco) Tambeopé. No aldeamento Olho D’água, vivem 2 (duas) famílias. Isso inclui aproximadamente 300 indivíduos na contagem total. Esse número inclui famílias compostas por casamentos entre Tambeopé e Nhandéwa de outros lugares. Isto significa que esse número contabiliza os indivíduos que não são apenas Tambeopé e Nhandéwa (dados obtidos via Posto de Saúde de Boa Esperança em 8-11-2012).

2.3 A ESCOLA NA ALDEIA GUARANÍ: CONTEXTO HISTÓRICO E LEGAL

A primeira escola na aldeia Tekoa Porã (Boa Esperança) foi construída pela Secretaria de Educação do Estado (SEDU). Classificada como escola rural, ela continha uma sala de aula, cozinha, depósito de alimentos, dois banheiros e uma área frontal cimentada de (3x4) sem fechamento lateral. A escola foi entregue à Prefeitura Municipal de Aracruz e inaugurada em 1987 com o nome de Escola Municipal Unidocente Indígena de Boa Esperança (EMUI), e mais tarde passou a ser chamada de Escola Pluridocente Indígena de Boa Esperança (EMPI) em razão do aumento do corpo

docente que atendia crianças indígenas da 1ª a 4ª séries, e posteriormente incluiu a Pré-escola, hoje chamada de Educação Infantil.

Essa escola foi construída a partir da exigência do indígena Guaraní Kwaray Mimbi (João Carvalho) membro político da comunidade e um dos filhos de Tatatxi Yawa Rete (fundadora da aldeia Boa Esperança). Apesar da discordância entre os membros internos da comunidade, a solicitação da construção da escola EMUI foi atendida pela SEDU, sendo acompanhada pela FUNAI. A primeira professora a trabalhar nessa escola era funcionária da Prefeitura Municipal de Aracruz do Espírito Santo (PMA), que mais tarde veio a falecer. A segunda professora era funcionária da FUNAI, e atualmente ela trabalha como assistente no Posto Indígena da FUNAI de Caeiras Velhas⁷ (PIFCV).

O trabalho dos docentes na referida escola era de transmitir o conhecimento nacional a partir de um modelo pedagógico “integracionista” por meio do programa da FUNAI. Em 1991, teve início a primeira turma de 4ª série com alunos que haviam concluído a primeira etapa do Ensino Fundamental. Nesse ínterim, apenas duas estudantes indígenas continuaram a estudar fora da aldeia nas séries seguintes, sendo que uma desistiu na 6ª série. Até então na comunidade não havia ainda uma discussão acerca da Educação Diferenciada. No entanto, nesse mesmo ano, a responsabilidade da educação para estudantes indígenas foi transferida da FUNAI para o Ministério da Educação e Cultura (MEC), Um fator marcante e importante que mudou o rumo da “educação para o índio”⁸ no Brasil.

Para os Guaraní, a educação de fora⁹, oferecida para eles na década de 1980, era um tema de discussão que a maioria recusava. Este modelo de educação era de pouca relevância, principalmente para os mais velhos, conservadores da cultura, que viam nele uma ameaça à extinção de seus valores, suas crenças e de modo geral de sua educação tradicional. No registro da Ciccarone (2001, p. 102) encontramos a fala de uma liderança Guaraní que relata a educação tradicional:

A *opy* (casa de reza tradicional Guaraní) é a nossa escola, é lá que se fala sobre a vida, como os deuses pensam sobre o mundo, a humanidade, a vida na aldeia, a prática do ensinamento, mas é

⁷ Entre as 5 (cinco) aldeias dos índios Tupinikím, , Caeiras Velha (onde está inserido o Posto da FUNAI), é a maior e sua população é de aproximadamente 2.400 indivíduos.

⁸ Enfatizamos o termo “educação para índio” para indicar que essa educação vem de fora e é imposta.

⁹ A “educação de fora” assim chamada pelos Guaraní do ES é uma educação nacional padronizada e implementada para se opor a uma educação tradicional e cultural dos Guaraní.

uma escola livre, entra quem quiser (LEONARDO, ALDEIA DE TRES PALMEIRAS [ES], 1998).

Para outros indígenas Guaraní, essa era uma oportunidade de suas crianças aprenderem as coisas de fora, para poderem defender suas comunidades e preservarem seus direitos com base na Lei, e virem a ser futuros líderes políticos em suas aldeias.

Nessa perspectiva, a preocupação dos mais velhos parecia prever as consequências que essa “educação de fora” traria para a comunidade. Hoje percebemos as grandes influências da cultura nacional sobre cultura indígena Guaraní. Muitos indivíduos Guaraní, principalmente os jovens, não têm vontade ou até mesmo preocupação com a própria cultura e sua tradição, mesmo tendo diversos tipos de apoios por parte de alguns conservadores e lideranças indígenas.

Nesse sentido, Souza (2010, p. 45) ressalta a questão das influências da cultura “não indígena” sobre os povos indígenas do Brasil, afirmando que ainda há povos sem contato com a sociedade nacional, porém há povos que “[...] estão em perigo de extinção pelo contato intenso com a sociedade não indígena, e por isso há poucos falantes”. Analisando essa questão, por certo, os indígenas mais velhos da aldeia Tekoa Porã já antecipavam os efeitos negativos quanto à “educação de fora”.

2.4 PROCESSO DE EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA: BREVE RETROSPECTIVA HISTÓRICA

O caminho da educação para os povos indígenas do Brasil é visto em três momentos: 1º) a “**educação indígena**”, antes da colonização do Brasil, que configura uma educação da tradição e cultura trazendo valores e conhecimentos, tanto científicos quanto natural e social dos próprios povos indígenas;

2º) a “**educação para índio**” desenvolvida durante o colonialismo, o império e até no Brasil república, que configurou uma educação integracionista, civilizatória que por muito tempo ficou a cargo dos Jesuítas. Este modelo educacional foi oficializado a partir de 1910 com a criação do Serviço de Proteção ao Índio e Localização dos Trabalhadores Nacionais (SPI/TN), órgão criado pelo Decreto- Lei nº 8072, de 20 de julho de 1910, e instalado a 7 de setembro do mesmo ano. E foi em janeiro de 1918 que passou a ser apenas SPI, transferindo-se as atribuições dos trabalhadores nacionais a

outros órgãos, por novo decreto. Tendo como diretor o então Tenente Coronel Cândido Rondon, durante o governo de Nilo Peçanha. O SPI tinha o papel de “proteger” e “integrar” os índios à sociedade “civilizada”. Em 1967, este órgão foi substituído pela FUNAI. Os órgãos municipais e estaduais também tinham o colaborava na “integração” do índio à sociedade brasileira até meados de 1991, ano em que a responsabilidade da “educação para índio” passou da FUNAI para o Ministério da Educação e Cultura (MEC).

Com efeito, é na década de 1990 que se inicia o 3º momento do modelo educacional, isto é, a “**Educação Escolar Indígena**” criada através do Decreto nº 26 de 14 de fevereiro de 1991, um fator marcante e de muita relevância que mudou o rumo da “educação para índio”. Essa conquista e a formalização desse novo modelo de educação indígena efetivaram-se através de reivindicações e movimentos dos próprios indígenas, dos apoiadores não indígenas e dos órgãos não governamentais, baseando-se primeiramente na Lei maior (Constituição Brasileira de 1988) que nos artigos 210 e 215, 231 e 232 garantem os direitos à cultura e ao modo viver dos indígenas. Até então, nenhuma das Constituições Federais regidas na Lei brasileira havia considerado os direitos específicos e diferenciados dos povos indígenas.

A Constituição Brasileira de 1934 foi a primeira Lei a se posicionar mínimamente sobre a questão indígena, porém, não fazia referência alguma à questão da educação. Ademais, a partir de 1999, a categoria “escola indígena” funcionou através do parecer Nº 14 e da Resolução Nº 03 do Conselho Nacional de Educação (CNE) fundamentada na Lei das Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB 9394/96) e da Constituição Federal de 1988 (ABREU & ALBUQUERQUE, 2012, p. 272).

2.5 EDUCAÇÃO ESCOLAR INDÍGENA E FORMAÇÃO DE EDUCADORES INDIGENAS

Segundo Teao (2007, p. 111):

A educação escolar indígena no Espírito Santo pode ser dividida em dois momentos, antes e após 1991. Somente em 1991, a partir do Decreto Nº 26/91 que transferia a responsabilidade da educação indígena da FUNAI (Fundação Nacional do Índio) para o MEC (Ministério da Educação e Cultura), é que se inicia o processo de educação escolar indígena. Antes de 1991, a educação escolar era de responsabilidade da FUNAI e dos

governos municipal e estadual. Sendo que algumas escolas eram mantidas pelo município e pelo governo do Estado. Além disso, os professores eram não índios. Na maioria dos casos, tratava-se de funcionários da FUNAI e em outros eram professores da rede estadual e municipal (TEAO, 2007, p. 111).

Apesar de o sistema da educação brasileira em 1991 haver possibilitado uma nova educação, com a intenção de fazer dos indígenas protagonistas na construção de uma nova escola e de um currículo diferenciado no Brasil, na comunidade Guaraní de Tekoa Porã os recursos humanos ainda eram precários, não havia indígenas formados ou em processo de formação na área de magistério para trabalhar como professores do Ensino Fundamental.

O processo de escolarização na aldeia Tekoa Porã prolongou-se durante 11 anos, isto é, de 1987 a 1998. Uma das influências notáveis foi o ensino da língua materna no cotidiano das crianças e dos jovens que foram submetidas a essa escolarização. Tal mudança foi possível porque a comunidade Guaraní de Tekoa Porã notou uma espécie de “mistura” do Português e Guaraní no falar das crianças. De fato, havia notável assimilação da língua portuguesa dentro dos seus falares. Por isso, a comunidade preocupou-se com o novo rumo da educação para as crianças Guaraní da aldeia Tekoa Porã.

Nesse sentido, houve uma oportunidade por parte das lideranças Guaraní e também Tupinikím de reivindicar uma educação com a “cara indígena e do jeito indígena”. Logo a movimentação pelos direitos às terras tradicionalmente ocupadas e pelas assistências à educação e saúde tomou corpo de extensão maior. Para concretizar e fortalecer as lutas na questão fundiária¹⁰ e amenizar os problemas vivenciados pelas comunidades Guaraní e Tupinikím, os representantes indígenas, juntamente com órgãos governamentais e não governamentais, criaram o Núcleo Interinstitucional de Saúde Indígena do Espírito Santo (NISI/ES) através da Portaria Municipal nº. 4.158/94 (COTA, 2000, p. 97). Segundo Teao (2007, p.112):

O NISI tinha como principais áreas de atuação a saúde, a educação e a agricultura. Seus principais objetivos eram implementar projetos nas aldeias indígenas de Aracruz visando a elaboração e aplicação de soluções aos problemas vivenciados por estas comunidades étnicas (TEAO, 2007, p.112).

¹⁰ A luta pela terra já era realidade desde 1960, ano em que a empresa de Celulose se instalou nas áreas Tupinikím que mais tarde tomou conta da maior parte das terras tradicionais desses índios.

Com efeito, o NISI teve fundamental atuação política em benefício da comunidade. Por meio dele realizou-se em 1995 o Primeiro Seminário de Educação Indígena no Espírito Santo na aldeia Tekoa Porã, cujo objetivo foi discutir as políticas de Educação Diferenciada para o Guaraní e os Tupinikím. O seminário contou com a participação de lideranças indígenas Guaraní e Tupíniquim, de antropólogos, da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), da Secretaria de Educação Municipal (SEMED), da FUNAI, do Conselho Indigenista Missionário (CIMI), da Pastoral Indigenista e da empresa Aracruz Celulose.

A pauta desse seminário foi constituída de temas como: as Leis específicas da educação indígena, as necessidades dos Guaraní e Tupíniquim, as políticas públicas destinadas à educação, o currículo diferenciado, a alfabetização e a escrita, a língua indígena e experiências de outros grupos étnicos acerca da educação escolar diferenciada (COTA, 2000, p. 112). Durante o seminário, os Guaraní discutiram o relatório do IV Assembléia Nacional do povo Guaraní (Nhemboaty Guatxu) realizado em São Paulo, quando traçaram encaminhamentos para educação escolar nas aldeias Guaraní a partir dos seguintes temas:

- Os professores devem ser escolhidos pela comunidade Guaraní;
- O reconhecimento oficial das escolas indígenas;
- A educação deve ser planejada com a comunidade e as lideranças indígenas;
- Os professores devem ter contato com as lideranças indígenas e a comunidade;
- A necessidade de acompanhamento de uma assessoria para a educação indígena;
- A educação deve ser bilíngue e a alfabetização em Guaraní;
- A escola Guaraní deve ser diferente da municipal, ensinando as tradições e os costumes dos Guaraní.

Os Tupinikím encaminharam como pontos principais para a educação escolar indígena:

- A contratação de professores indígenas;
- A realização de concurso público diferenciado;
- Formação periódica para os professores indígenas;

- Garantia de recursos humanos e financeiros dos órgãos públicos para a educação;
- Implantação do segundo grau diferenciado nas aldeias;
- Envio de materiais didáticos e equipamentos para as escolas;
- Garantia do acesso e permanência dos alunos indígenas nas escolas;
- Apoio para a pesquisa da história dos índios Tupinikím com participação dos próprios índios;
- Garantia de merendeiras indígenas para as aldeias;
- Garantia do ensino de quinta a oitava séries nas aldeias¹¹.

Foi nesse seminário que os participantes tiveram que escolher alguns jovens Guaraní que estavam em processo de estudo, ou que pararam de estudar na 4ª série do Ensino Fundamental, uma vez que esse foi o mínimo de escolaridade exigida para ingressar no curso de Magistério Indígena Diferenciado. Esse curso serviu para formar futuros educadores com habilitação profissional em magistério de 1ª à 4ª série do Ensino Fundamental¹², formação específica em educação indígena.

No decorrer do tempo, o projeto da educação escolar indígena foi ganhando força para sua realização. No período que compreende os anos de 1996 a 1999, um ano depois do primeiro seminário, realizou-se o curso de Magistério Indígena Diferenciado para os Guaraní e Tupinikím. Este curso foi aprovado pelo Conselho Estadual de Educação (CEE) e realizado com parceria entre a Secretaria de Educação de Aracruz (SEMED), a Secretaria de Estado da Educação (SEDU), a Fundação Nacional do Índio (FUNAI), o Conselho Indigenista Missionário (CIMI), a Pastoral Indigenista e o Instituto para o Desenvolvimento e Educação de Adultos (IDEA). Os formados obtiveram títulos de conclusão pela Escola Estadual Monsenhor Guilherme Schmidt de Aracruz.

O curso começou com 45 alunos indígenas, sendo 38 Tupinikím e 7 Guaraní, mas durante o curso matricularam mais 12 cursistas indígenas Tupinikím. Ao término do curso em 1999 formaram-se cerca de 37 educadores, sendo 32 Tupinikím e 5 Guaraní. Esse curso tinha formação de nível Médio com carga horária aproximadamente

¹¹ A partir de 2003, com o Ensino Fundamental de 9 anos, corresponde do 6º ao 9º ano.

¹² O curso tinha formação de nível Médio.

de 2.970 horas, distribuídas em tempo/aula e tempo/aldeia¹³ com duração de três anos ou 12 etapas.

Os principais objetivos do curso de formação foram:

- Implementar a educação indígena específica e diferenciada, intercultural e bilíngue;
- Elaborar propostas de conhecimento com processos próprios de aprendizagem dos povos indígenas e também de outros povos;
- Produzir material didático para as duas etnias;
- Valorizar as culturas Tupinikím e Guaraní.

Durante o curso foram elaborados dois livros pelos alunos indígenas, os quais foram editados e publicados pelo MEC: *Os Tupinikím e Guaraní contam e Tupinikím e Guaraní na luta pela terra*. Além desses, com assessoria do linguista Waldemar Ferreira Netto da Universidade de São Paulo (USP) em 1997 e 1998, os cursistas Guaraní elaboraram duas cartilhas didáticas, todas em língua materna e uma tradução do português para Guaraní do livrinho infantil em quadrinho intitulado *O Kurumim que desafiou o Tupã*. Em 2007, com assessoria do mesmo linguista e juntamente com assessoria pedagógica de Jackeline Rodrigues Mendes da Universidade São Francisco (USF), os educadores Guaraní juntamente com os representantes Guaraní elaboraram o primeiro livro didático de etnomatemática *Guaraní, Arãdu Porã Rape (O caminho da sabedoria)*, escrito totalmente em Guaraní, editado e publicado pelo MEC no mesmo ano.

Em 1998, aconteceu o Segundo Seminário para refletir e debater as práticas/experiências, desafios, possibilidades da educação e iniciar o processo de construção de currículo diferenciado voltado às necessidades de cada povo. Nesse seminário foram levantadas várias questões, uma das mais importantes era a necessidade de construir um currículo diferenciado para os Guaraní e os Tupinikím. Após esse seminário foram discutidas e elaboradas proposta curricular para as escolas desses povos.

¹³ “Tempo aula” é o tempo de curso presencial onde o aluno teria que estar presente. “Tempo aldeia” é desenvolvimento de atividade durante alunos estiverem em suas respectivas aldeias.

Para construir as propostas, foram lembradas as problemáticas construídas durante o curso de Magistério Indígena com os cinco pontos abaixo descritos:

- 1) a luta Tupinikím e Guaraní no contexto nacional;
- 2) a interação dos Tupinikím e dos Guaraní com o meio ambiente;
- 3) a organização socioeconômica do povo Tupinikím e dos Guaraní no contexto local, regional e mundial;
- 4) a cultura Tupinikím e a Guaraní no contexto da cultura brasileira, e
- 5) a organização política dos Tupinikím e Guaraní no contexto local, regional, nacional e mundial.

Após a formação dos educadores indígenas em 1999, as comunidades Guaraní e Tupinikím solicitaram a aceleração da atuação dos educadores indígenas recém-formados nas aldeias. Por isso, no mesmo ano, a Prefeitura Municipal de Aracruz realizou o primeiro concurso para professores indígenas, uma atitude inédita no Brasil.

Segundo Teao (2007, p. 116):

[...] A partir deste concurso, dois professores Guaraní iniciaram seus trabalhos nas aldeias. Podemos perceber, então, que o processo de escolarização indígena é muito recente para os Guaraní. Os Mbyá possuem duas escolas. A primeira foi fundada em Tekoa Porã, em 1987, e a segunda em Mboapy Pindo, em 2000.

Mboapy Pindo é uma aldeia Guaraní que foi fundada em 1996 e que fica próxima à aldeia Tekoa Porã. No início havia lá apenas uma família. Em 1998 já havia mais de uma família, com um número de crianças suficiente para abrir uma nova turma multisseriada de estudantes de 1ª e 2ª séries do Ensino Fundamental. ¹⁴Segundo Cota (2008, p. 256) “A SEMED só aceitou instituir legalmente a EMPI Três Palmeiras em 2000, quando foi assinado o ato de sua criação e ela passou a fazer parte do Sistema de Educação Municipal de Aracruz”.

¹⁴ Nesse tempo, em função dessa necessidade, eu, Karai Arão (Mauro Luiz Carvalho, autor dessa dissertação), como membro do povo Guaraní e morador de Tekoa Porã em processo de formação do curso de Magistério Indígena, assumi o cargo de educador bilíngue na escola da aldeia Mboapy Pindo, com contrato temporário pela (SEDU/ES).

Ainda em 1998¹⁵, uma indígena Guaraní Keretxu (Aciara Carvalho), moradora da aldeia Tekoa Porã, que também estava em processo de formação pelo mesmo curso, assumiu o cargo de educadora bilíngue na escola da referida aldeia substituindo a professora regente de Educação Infantil e servidora da prefeitura. Mais tarde, em 2000, após o término do curso de magistério e ter sido classificada no concurso público para professores indígenas¹⁶, a educadora Keretxu veio a substituir outra professora de 1ª a 4ª série do Ensino Fundamental, que era servidora da FUNAI.

Com a necessidade de mais educadores Guaraní para atender a demanda do número de alunos, as lideranças Guaraní tanto da região sul quanto da região sudeste reivindicaram um projeto para formação específica de Magistério Guaraní. Assim sendo, a FUNAI, o MEC e os governos estaduais estabeleceram uma parceria e implantaram o Programa de Formação Escolar Guaraní da Região Sul e Sudeste do Brasil *Kuaa-Mbo''e = Conhecer e Ensinar*. Este curso foi realizado nos anos de 2003 a 2009 no sul do país envolvendo 5 (cinco) estados brasileiros (Espírito Santo, Rio de Janeiro, Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul) dos quais participaram cerca de 74 indígenas Guaraní, sendo que somente 7 (sete) eram do Espírito Santo. Este curso era de nível médio com habilitação de Magistério Diferenciado para as séries iniciais do Ensino Fundamental (TEAO, 2009, p. 111).

Todavia, até o ano de 2006, as problemáticas já mencionadas acima, que nortearam os planejamentos dos educadores Guaraní, pareciam não estar de acordo como o que o povo Guaraní queria. Dessa forma, neste mesmo ano de 2006 foi realizada uma reunião com educadores e comunidades Guaraní para discutirem a questão de qual modelo educacional atenderia às necessidades da comunidade indígena Guaraní. Nessa reunião foram traçadas as problemáticas que deveriam nortear o ensino-aprendizagem das escolas Guaraní: 1) auto-sustentabilidade das aldeias; 2) organização socioespacial Guaraní; 3) resgate, preservação e divulgação da cultura; 4) história Guaraní e 5) saúde (COTA, 2008, p. 240).

Não obstante, em 2010 a Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) deu início ao projeto do Curso de Graduação em Licenciatura Indígena dos Povos do Sul da Mata Atlântica - Guaraní, Kaingáng e Xoklég, do Centro de Filosofia e Ciências

¹⁵ Informação dada por Aciara Carvalho em 2012.

¹⁶ Concurso público municipal específico para Educadores Indígenas que aconteceu no ano de 1999, este era o primeiro no Brasil até então.

Humanas, por meio da Resolução N° 004/CEG/2010, de 28 de abril de 2010. Do Espírito Santo, três indígenas Guaraní estão fazendo esse curso, sendo que um deles já está exercendo o magistério como professor, apesar de ainda não ter concluído o curso que termina em 2014.

2.6 TRANSMISSÃO E ENSINO TRADICIONAL E ESCOLAR: SOCIALIZAÇÃO PRIMÁRIA¹⁷

Tradicionalmente, entre os Guaraní a transmissão de conhecimento é realizada através de envolvimento nas atividades comunitárias e familiares. Esses envolvimento incluem momentos religiosos como rituais, cantos e reflexões, momentos de trabalhos em mutirões, momentos de ouvir/contar histórias, fábulas, momentos de falar e ouvir os sonhos, momentos de caça e pesca, etc. São esses momentos que proporcionam aos indígenas Guaraní os conhecimentos e diálogos com as sabedorias milenares de seus ancestrais. Vale ressaltar que desde a gestação, a criança vem sendo preparada, aos cuidados da mãe e da avó para alcançar os preceitos Guaraní.

Na infância, a criança menino acompanha o pai nas suas atividades diárias, enquanto que a criança menina acompanha a mãe nos seus afazeres tanto de natureza doméstica quanto de artesanatos, entre outros. Assim a mãe, assim como o pai da criança, transmite ao pequeno indígena o modo de fazer e de pensar das suas tradições, bem como os valores e os conhecimentos específicos da cultura de seu povo. As conversas e os conselhos são fundamentais para a criança, tudo que a família faz reflete nas crianças, elas repetem o que os adultos fazem.

De fato, os mais velhos da comunidade têm o papel de conselheiros; as anciãs instruem as mulheres mães ou futuras mães sobre os conhecimentos básicos da cultura que envolvem a alimentação, cuidados na gestação, no resguardo, e sobre os perigos que ameaçam a religiosidade, afetando diretamente os Guaraní. Geralmente na aldeia Guaraní, como de costume, as anciãs estão preocupadas com o aprendizado dos jovens, e sendo assim elas dedicam momentos de repasse dos seus conhecimentos

¹⁷ Socialização primária e secundária são conceitos idealizados por Gerges Herbet Mead (1982). Socialização primária é a que a criança vivencia no âmbito doméstico, onde assimila os saberes e práticas dos envolvidos (familiares); a socialização secundária é a vivenciada pela criança quando esta se encontra em uma fase de mais independência, em que começa a assimilar os saberes e práticas da comunidade, da escola, da rua, etc.

principalmente para as crianças e moças, como é o caso do trabalho na roça e da organização da cozinha coletiva nos dias do mutirão.

A fase da puberdade é o momento da passagem da criança para adulto, fase que considera o indivíduo apto para suas atividades independentes. Nessa fase também é permitido o casamento, desde que o jovem e a jovem queiram se casar. Depois dessa fase, tanto o rapaz quanto a moça já devem saber de todas as atividades básicas que eles aprenderam junto aos adultos durante a fase infantil. No início da puberdade, acontece o ritual de passagem.

Os rapazes eram preparados da seguinte maneira: eram usados espinhos de planta ou finco de uma *takuara* para perfurar o lábio inferior afim de que os jovens não perecessem nos maus caminhos do mundo dos malignos. Esses cuidados e preparações também valem para as moças, quando da primeira menstruação. Os cabelos das moças são cortados e desses cabelos são feitas tranças que servem como adornos para pernas e joelhos dos homens. Em seguida, a jovem é mantida sob os cuidados da mãe e das avós em sua própria casa, durante quatro semanas, sem ter contato com a comunidade ou com pessoas de fora. Esta jovem é sempre levada e trazida pela mãe para realizar as necessidades físicas, e o seu leito sempre é posto no alto, isto é, acerca de 1 metro e meio do chão. A dieta é bastante rígida, com restrições alimentares.

Esse tipo de ritual ainda é realizado na aldeia Guaraní de Tekoa Porã e Mboapy Pindo. Essa prática é sustentada ainda pela crença da existência do bem e do mal. Com efeito, os Guaraní acreditam que os males são adquiridos quando não são feitos os rituais de impedimento. Segundo eles, os males estão prontos para *ne rentũ* “te cheirar” e *ne moma’e* “fazer te olhar” e conseqüentemente *nde djopy* “te pegar” durante a fase da puberdade, que é a de maior vulnerabilidade para os jovens. Por isso, a transmissão de valores e conhecimentos são de grande importância para o povo Guaraní porque assim ele poderá evitar o domínio dos males desse mundo sobre seu povo.

Acreditamos, no entanto, que no decorrer do tempo os Guaraní foram pressionados direta ou indiretamente pela cultura dos não índios, e por esta razão acabaram aceitando escolas não indígenas dentro de suas áreas. Na atualidade, a escola faz o papel de transmissão dos saberes, o professor indígena busca informações sobre sua cultura e a registra. Portanto, as práticas do professor faz muita diferença na hora de ensinar as crianças. O ensino é baseado nos métodos de observação e envolvimento com

a natureza, sendo que esses conhecimentos são trazidos para a sala de aula. Por exemplo, o professor leva os alunos para o campo e demonstra como fazer armadilha para pegar gambá [saruê], e os alunos observam cada detalhe. De volta à sala de aula, o professor pede como tarefa que os alunos escrevam sobre como fazer armadilha, e o professor os orienta pedagogicamente construindo as seguintes etapas do exercício que pode ser um desenho, um texto, uma apresentação oral, ou reproduzir um objeto:

- Em primeiro lugar, o aluno deve colocar um título no que vai fazer;
- Em segundo lugar, o aluno deve saber “para quê” servirá o que ele está fazendo;
- Em terceiro lugar, o aluno deve usar determinados materiais (segundo a orientação do professor ou então o aluno deve propor os materiais sem ajuda).

Nesse caso, as atividades pedagógicas partem do concreto para a teoria, o que condiz com a maneira de ver o mundo dos Guaraní. Para os alunos, é mais fácil observar uma atividade antes de reproduzi-la, do que haver primeiro a explicação e depois a realização.

2.7 CASAMENTO GUARANÍ: PRÁTICAS SOCIAIS E SOCIALIZAÇÃO SECUNDÁRIA

O casamento acontecia sempre coletivamente e com cerimônias. Era normal os noivos oferecerem alimentos e bebidas típicas no final de casório. No início, quando a moça ou o rapaz chega à puberdade, ou seja, na primeira menstruação para moça, e quando a voz engrossa para os rapazes, eles já chegam com a capacidade de fazer atividades de adultos, tendo sido antes preparados pelos próprios pais. Antes e durante o crescimento da criança até e no período pós-puberdade, a criança passa por uma série de regras incluindo atividades de casas ou fora de casa. Por isso, ela chega à puberdade sabendo ser mais autônoma nos seus afazeres tanto doméstico quanto na roça, mas sem restringir as necessidades sociais e harmônicas dos pais e da comunidade. Ao término da puberdade, os pais da moça ou do rapaz sempre dão conselhos sobre com quem esses jovens deverão casar.

Normalmente, os pais escolhem os noivos ou as noivas para viverem junto de seus filhos. Porém, a moça ou o rapaz pode rejeitar o casamento arrumado, caso isso não lhe agrade. Os pais não observam a beleza da moça ou do rapaz, mas observa sua dignidade, seu modo de viver na comunidade, sua simpatia e principalmente se eles são ou não trabalhadores. Em muitos casos, os pais oferecem suas filhas ou filhos para determinadas pessoas que anteriormente foram observadas por eles. Conforme afirmação anterior, para acontecer o casamento é preciso que os dois pretendentes concordem e que tenham certeza de que querem se casar. O casamento também pode acontecer se a moça e o rapaz descobrirem que se gostam sem interferência dos pais, mas não é aconselhável os pretendentes se encontrarem ocultamente fora do casamento. É permitido casamento de pessoas com idades muito diferentes, isso é aceitável pelos pais quando a pessoa é trabalhadora e tenha bons comportamentos na comunidade e tenha certeza de que seu filho ou sua filha terá segurança com a pessoa mais velha com quem irá se casar.

Quando é chegado o momento do casamento, os noivos e as noivas são colocados em fileiras num terreno aberto - geralmente num lugar onde acontecem reuniões. Nesse espaço as moças são enfileiradas de lado oposto de rapazes, e assim feito, as falas são dirigidas pelas autoridades e pelos pais dos noivos.

Para confirmar que há noivos interessados um pelo outro, os rapazes segurando as flores nas mãos direcionam uma flor para cada moça segundo o que dizem as autoridades. Caso a moça aceitar a flor dada pelo rapaz, esses irão casar, e assim acontece com todos que estão em fileiras.

Para realizar o casamento, o cacique chama os noivos diante dos presentes, e dirige a ambos os últimos conselhos, tanto das autoridades quanto dos pais dos noivos. Então o casamento é finalizado quando os noivos dão as mãos um para o outro.

Todavia, existem tipos de pintura corporal feitos de cinzas de folhas de taquara misturada com cera de jataí que identifica a pessoa solteira e/ou casada. Por isso, após o casamento, os casados serão pintados com esse tipo de desenho.

Na atualidade, algumas aldeias Guaraní ainda mantêm a forma antiga de casamento como, por exemplo: o casamento coletivo, os noivos enfileirados, aperto de mãos dos noivos como finalização do casório, e os conselhos das autoridades e pais dos noivos. Mas deixou-se de usar as flores como aceitação ou rejeição pela pretendente, e a

pintura de identificação como solteira ou como casada. Também são poucos noivos que ainda oferecem alimentação e bebidas típicas para a cerimônia de casamento.

Como se percebe, atualmente a forma de arranjar casamento mudou, pois na maioria das vezes as moças e os rapazes rejeitam os conselhos dos pais e querem ser autônomas nas suas decisões, sem ter ao menos preparo psicológico para enfrentar possíveis frustrações na vida conjugal. Atualmente em muitos casos, o casamento não dura muito tempo como durava antigamente. Parece que as moças e os rapazes se apegam muita à beleza do outro e não à vida e como a pessoa é de fato, ou pela história do indivíduo, aspectos que, segundo os mais velhos, são decisivos para uma união durável e harmônica.

2.8 OS MBYÁ (TAMBEOPÉ)

2.8.1 Quem são eles?

Os Mbyá são um dos subgrupos do povo Guaraní (RODRIGUES, 1985) que linguisticamente pertencem ao Tronco Tupí e à Família Linguística Tupí-Guaraní do ramo 1(um).

O subgrupo Mbyá é diferente e ao mesmo tempo se assemelha linguística e culturalmente aos Nhandéwa e aos Kaiowá. Por isso, muitos Guaraní, mesmo considerados Mbyá, explicam que esse nome designava os índios “desconhecidos”, ou seja, “gente estranha”. Uma outra explicação dada pelos Guaraní é que há muito tempo existia um grupo de pessoas Guaraní exclusivamente destinadas à religiosidade, e que eram dotadas de sentimento e adoração aos deuses. Esse grupo tinha o nome de *Mbyá*, cujo significado é “sentimental”.

Segundo Ambrosetti (1895, p. 5) e Muller (1934, p. 179), citados por Meliá (1991):

Mbyá significa “gente” sendo os índios deste nome designados, ainda, kainguá, kaaygua e ka’aguygua, isto é, habitantes da selva, ou em alusão à tanga dos homens chamaram de Baticola, também com referência ao modo de cortar os cabelos chamaram de Apyteré.

Alguns Guaraní conhecidos como Mbyá não gostam de serem chamados por esse termo porque esta é a designação que os Guaraní (Tambeopé) (portadores de tanga quadrada) consideram errada pois foi dada pelos “não índios”.

Segundo Garlet (1997, *apud* Mello, 2007, p. 54): “O etnônimo “Mbyá”, por exemplo, aparece pela primeira vez na literatura por volta da metade do século XIX, designando os Guaraní habitantes da região do Rio Mondai no Paraguai”.

Já os Guaraní Mbyá do Guairá registrados por Cadogan (1959, p. 5) se autodenominam como “Jeguaká-va Tenondé porãgue i”. Na linguagem comum, isso significa “adorno de pluma para cabeça”, na linguagem religiosa significa “os primeiros homens escolhidos que receberam o adorno de plumas”. Cadogan acrescenta ainda que o registro místico reproduzido por ele parece ter sido conservado originalmente sem influencia cristã. Com relação aos anais religiosos, Cadogan encontra indícios de semelhanças entre Mbyá e Apapocuva registrado por Nimuendajú.

Com efeito, entre os Guaraní de diferentes dialetos, de fato, existem diferenças entre Kaiowá, Mbyá e Nhandéwa. Entretanto, contrariando a denominação dada por Schaden (1974) e por Dooley (2008, p. 02), os Nhandéwa não são os mesmos que os Txiripá (Chiripá), pois linguística e culturalmente os Txiripás se aproximam mais dos Mbyá. Outros afirmam que no passado os Txiripá eram mais religiosos e falavam um pouco diferente, mas não chegam a assemelhá-los aos Nhandéwa, como afirma Schaden. Segundo Mello (2007, p. 50):

Os Chiripá do sul do Brasil, na literatura etnográfica ou ficam subsumidos entre os Mbyá ou são equivocadamente associados aos Nhandéwa. Os Chiripá criticam tal invisibilidade e o desconhecimento por parte da sociedade nacional a respeito das diferenciações que possuem perante os outros subgrupos Guaraní e vêm reforçando sua presença no contexto identitário entre os Guaraní do sul do Brasil. Meus interlocutores Nhandéwa também rejeitam a identificação dos dois grupos como sendo um único.

Mello (2007, p. 52) registra um depoimento de um professor Nhandéwa do Paraná no qual ele define a diferença entre os Nhandéwa e os Chiripá. Segundo ele:

O Chiripá e o Mbyá para nós são o mesmo, é o Guaraní do sul né. [...] Eu acho que o Chiripá e o Nhandéwa não podem ser o mesmo. A fala é diferente da nossa e a reza, o sistema a gente vê que também tem diferença. Tem outro sistema. Mas é tudo Guaraní também. (PROFESSOR NHANDÉWA DO PARANA, *apud* MELLO, 2007, p. 52).

Nesse sentido, Melià *apud* Cota (2008, p. 220) afirma que “existem diferenças dialetais e culturais muito grandes entre os subgrupos Guaraní e que a situação não é tão fácil de resolver, nem tampouco deve ser ignorada”. De acordo com essa afirmação, acrescentamos que provavelmente em um tempo remoto, bem antes da colonização portuguesa e espanhola, essas diferenças já existiam. Mas, sem dúvida, as semelhanças linguísticas principalmente existentes entre os Guaraní indica o tempo em que eles pertenciam a uma origem comum.

Segundo Mello (2007, p. 50) um dos mais velhos professores Guaraní e com mais tempo na profissão de professor bilíngue, Sr. Agostinho, 62 anos, filho de pais Chiripá, define sua percepção sobre o assunto:

Hoje a gente fala a mesma linguagem (os Mbyá e os Chiripá). Agora, antigamente o Chiripá já tinha outra linguagem diferente dos outros Guaraní. Por exemplo, Werá Tudjá, meu pai, o velho pai ali que mora aqui em Biguaçu (SC), ele fala o Chiripá. Até eu muitas vezes não entendo a língua dele porque eu já tô morando a parte, já tô mais convivendo com outros Guaraní, vou dizer, os Tambeopé (uma das autodenominações do etnônimo Mbyá). (AGOSTINHO, *apud* MELLO, 2007, p. 50).

Segundo Agostinho registrado por Mello, atualmente as “línguas” dos Chiripá e Tambeopé estão “misturadas”. Para Mello (2007, p. 51) “Tambeopé é uma autodenominação de um subgrupo que até pouco tempo atrás detinha uma “língua” própria, agora “misturado” com Chiripá”.

2.8.2 Qual é o território dos Guaraní?

Segundo Ladeira (1994, p. 3) “o Território Tradicional Guaraní/Mbyá compreende a região de Misiones na Argentina, o Leste Paraguai, o Norte do Uruguai, os estados do sul do Brasil e o litoral desde o Espírito Santo até o Rio Grande do Sul”.

Todavia, foi registrada a existência de uma aldeia Guaraní Mbyá no município de Jacundá (PA) e em Tocantins numa das áreas Karajá de Xambioá, além de poucas famílias dispersas na região Centro-Oeste (INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL, ISA, 2003).

Mapa 2: Área da presença Guaraní, Mapa Guaraní Retã, CTI, 2008.



Os Mbyá são os que mais se locomovem dentro de seu grande território, como vê-se no mapa 2. Essa forma de deslocamento é vista pelos antropólogos como estratégias para os indígenas manterem suas culturas preservadas sem muita influência dos não índios. Por isso, entre os Mbyá ainda são rígidas a manutenção do casamento tradicional dentro da mesma etnia. Apesar da existência de sua territorialidade

reconhecida pelos antropólogos e historiadores, a realidade atualmente é outra. Segundo dados da FUNAI de 2011, quanto à situação legal das terras Mbyá, muitas comunidades estão em situação precária. Há comunidades em situação de acampamento e outras vivendo dentro dos limites definidos pelo Departamento Nacional de Infraestrutura de Transporte (DNIT), sendo que algumas áreas são arrendadas, mas outras se situam dentro de reserva biológica.

2.8.3 Quantos são?

Segundo o ILGM (2011) e Guaraní Retã (2008, p.18), no Brasil a população de Mbyá (Tambeopé) é de 7.000 indivíduos, distribuídos em mais de 60 municípios dos seis Estados seguintes: Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná, São Paulo, Rio de Janeiro, Espírito Santo. Todavia, dados do ISA, informam que eles também se encontram na região norte do país onde há famílias Mbyá (ISA, 2003). Segundo dados da revista Guaraní Retã (2008, p.18), no Paraguai a população de Mbya (Tambeopé) é de 15.000 mil indivíduos, na Argentina é de 5.500, totalizando 27.500 indivíduos.

2.9 GUARANÍ NHANDÉWA

2.9.1 Quem são?

Os Nhandéwa são um dos subgrupos do povo Guaraní que linguisticamente pertencem ao Tronco Tupí e à Família Linguística Tupí-Guaraní do ramo 1(um) (RODRIGUES, 1985).

Nhandéwa significa “que é de nossa gente”. *Nhande-nos*, *wa-* provavelmente veio da palavra *wa'e* -nominalizador de predicativo que sofreu redução. Alguns Guaraní Tambeopé¹⁸ do Espírito Santo usam a expressão *nhadewa'e* nos seus discursos, que significa “que é de nossa gente”. Melià (1992, p. 245) define que *nhandéwa* significa “los que somos nosotros”. Mas em outra pesquisa feita por Mello (2007, p. 55) e Costa (2010, p. 18) o termo é descrito da seguinte forma, *Nhande-nós*, *awa-homem*, “ser humano, gente, pessoa”. Tanto Costa como Melià e Schaden informam que o termo *Nhandéwa* é uma expressão correntemente usada geralmente por qualquer Guaraní. Para Schaden (1974, p. 2-3):

¹⁸ Tambeopé é o mesmo subgrupo Guaraní Mbyá.

Ñandéva [...] é autodenominação de todos os Guaraní [...] Mas é a única autodenominação usada pelas comunidades que falam o dialeto registrado por Nimuendajú com o nome de Apapocúva e que parece ter sido falado também pelos Tañyguá¹⁹ e algumas outras hordas mencionadas por aquele autor.

Segundo Costa (2010, p. 13), os Nhandéwa denominados por Schaden (1974, p. 12) constituem o mesmo grupo dos “Avá- Katú-Eté” assim denominado por Melià (1992, p. 245). Segundo essa pesquisadora, a esse grupo:

[...] pertencem os Nhandéwa-Guaraní de São Paulo e norte do Paraná, grupo que se considera uma unidade étnica e dialetal [...] são igualmente distintos de outros grupos Nhandéwa de outras regiões do Brasil, como os que habitam a região do rio Ocoí e do Rio das Cobras (PR) e rio Iguatemi (MS), de onde partiram, há quase dois séculos, os grupos que viriam a formar as aldeias aqui consideradas (COSTA, 2010, p. 13).

Observa-se, então, que para essa pesquisadora existem duas variedades de Nhandéwa que demonstram uma distinção linguística e cultural entre os Nhandéwa das regiões citadas anteriormente, além de diferenciar os principais subgrupos Guaraní Mbyá e Kaiowá. Segundo Melià (1992, p. 245) no Paraguai, os Nhandéwa são denominados de “Ava Guaraní” - “pessoas Guaraní” ou “Avá-Katú-Eté” como já mencionado. Alguns Nhandéwa de Mato Grosso do Sul se autodenominam somente como Guaraní.

Linguisticamente, os Nhandéwa (que vieram do Mato Grosso do Sul) e hoje estão instalado no Espírito Santo²⁰ assemelham-se aos Kaiowá. Porém, os próprios Nhandéwa dizem que muitas palavras dos Kaiowá são diferentes. No estado do Espírito Santo os anfitriões Tambeopé (Mbyá) chamam os Nhandéwa e Kaiowá originários do Mato Grosso do Sul de “paraguai”, justamente pelo fato da língua deles assemelhar-se à língua paraguaia (Avanhe”em), talvez assemelhando-se também em função da “mistura” (djopara) com a língua Kaiowá ou paraguaia que no Mato Grosso do Sul é muito comum.

Entretanto, para Ciccarone (2001, p. 26):

¹⁹ Tañyguá= grupos Guaraní Nhandéwa que habitavam a margem direita do baixo Iguatemi (MS).

²⁰ Um grupo de Nhandewa veio do Mato Grosso do Sul para o Espírito Santo, e se instalaram na aldeia dos Tambeopé (Mbyá).

Os Mbyá chamavam os Kaiowa de *paraguai*, termo que indicava de modo genérico diferenças lingüísticas e religiosas (“*Falam e rezam diferente da gente*”), mas que principalmente excluindo-os da identificação com os *Nhandéwa* (nós inclusivo, nossa gente), os identificava com a população nacional mestiça do Paraguai. (CICCARONE 2001)

Para melhor compreendermos o porquê dessa semelhança entre as línguas faladas pelos Nhandéwa e Kaiowá, Dooley (2008, p. 3) afirma que “os *Nhandéwa de Mato Grosso do Sul* tendem a falar uma mistura de Kaiowá, Avañeém e seu próprio dialeto”. Nimuendajú (1987, p. 24-25) menciona essa tendência: “Os bandos do sul de Mato Grosso, por sua vez, incorporam elementos estranhos à sua língua através do paraguaio”. Por isso, a língua paraguaia, Kaiowá e Nhandéwa de (MS) aos ouvidos dos Mbyá parece não ter diferenças. Mas, na realidade, segundo os estudos feitos por Dooley (2008, p. 8) e por Rodrigues (1984/1985, p. 38) há diferenças fonética e morfológica na estrutura lingüística entre a língua paraguaia e dialetos Nhandéwa, assim chamados por esses pesquisadores.

Concluimos, então, que, para etnólogos, a origem dos Guaraní ainda não está devidamente clara. No caso dos Nhandéwa por exemplo, há uma hipótese de eles descenderem dos antigos Guaraní chamados de Carimas, Mbarakajus, etc. Atualmente os Nhandéwa são chamados pelos antropólogos de Txiripá, Apapocuva, Ava Guaraní, Ava katu-Ete, Guaraní, Tupí-Guaraní e de Paraguai. Segundo Dooley (2008, p. 6), “os Nhandéwa propriamente ditos, portanto, compunham os Apapocuva, os Tañygua e os Oguauíva, no tempo de Nimuendajú”.

Para muitos “não índios” e para alguns Mbyá, os Nhandéwa são conhecidos como Txiripá/Chiripa ou vice-versa, enquanto que para os outros Mbyá (Tambeopé), eles não são os mesmos. Segundo alguns Mbyá (Tambeopé), os “Txiripá” ou “Chiripa” são diferentes dos Nhandéwa. Essa diferença é observada através da língua que os Txiripá falam: eles utilizam muitas palavras com atenuativos e, são considerados mais religiosos entre os Guaraní. Os Nhandéwa que se diferenciam na fala como os Kaiowá ou os paraguaios, não são portanto Txiripá.

2.9.2 Onde vivem? Quantos são?

Segundo Dooley (2008, p. 3-5) e Costa (2010, p. 14) os Nhandéwa Guaraní atuais distribuem-se em 3 (três) estados brasileiros (São Paulo, Paraná e Mato Grosso do Sul). No estado de São Paulo, os Nhandéwa Guaraní vivem nos Postos Indígenas de Nimuendaju (Araribá), Itariri, Bananal e Piaçagwera, mais recentemente, em Barão de Antonina e Itaporanga, nas aldeias chamadas Pyaú, Karuguá e Tekoá Porã. No estado de Paraná, os Nhandéwa Guaraní vivem no Posto Indígena de Laranjinha, no Posto Indígena Pinhalzinho e na região do rio Ocoí e no Rio das Cobras. No estado de Mato Grosso do Sul, também existem Nhandéwa Guaraní nos seguintes postos: PIN (Posto Indígena) Dourados, PIN Caarapo, PIN Piraju’y, PIN Ramada e PIN Jacare’y. Provavelmente o lugar mais antigo localiza-se no rio Iguatemi. Outros Nhandéwa Guaraní se localizam no país vizinho como Paraguai.

Segundo Costa (2010, p. 14), em 2002, a população Nhandéwa Guaraní na região do estado de São Paulo era de aproximadamente 570 (quinhentos e setenta) pessoas habitando 6 (seis) aldeias. Na região do Paraná (informações colhidas em 1989 pela 1ª Superintendência Regional da FUNAI em Curitiba), não obtivemos informação clara. Porém, pode ser de aproximadamente 400 indivíduos. Na Região de Mato Grosso do Sul, segundo o Conselho Indigenista Missionário CIMI (1979), a população é de aproximadamente 2.350 indivíduos. Segundo dados da Revista Guaraní Retã (2008, p. 18) a população Nhandéwa ou Awa-Guaraní é de 13 mil no Brasil, 13.200 mil no Paraguai e 1.000 mil indivíduos na Argentina, totalizando 27.200 mil Nhandéwa.

2.10 GUARANÍ KAIOWÁ

2.10.1 Quem são eles?

Kaiowá é um povo que particularmente se auto diferencia de outros subgrupos Guaraní. Linguisticamente ele faz parte do Tronco Tupí da família Tupí-Guaraní do dialeto Kaiowá do ramo 1 registrado por Rodrigues (1985, p. 38).

Todavia, autores como Melià (2008, p. 53), Dooley (2008, p. 2), Ciccarone (2001, p. 22) informam que no Paraguai, Kaiowá é associado ao nome de Paĩ-Tavyterã ou Caaguá ~ Ka’aguá. Os Kaiowá também usam o nome de te’yí (índio, povo). Segundo Melià (2008, p.53), “ka’aygua por su relación com ka’a (yerba mate) y que

ignoran lós nombres de Cayuá, Kaiová, etc.” Provavelmente foram chamados de kaiua ou kaiova referindo-se a outra interpretação, como por exemplo “comedor de macaco”.

Assim registra Mello (2007, p. 54):

Outras vezes, eram nomes atribuídos a um grupo por seus vizinhos ou inimigos e, nesses casos, são alcunhas consideradas pejorativas pelo próprio grupo, como no caso do etnônimo Kaiowá, que significa comedor de macaco, por exemplo.

Porém a origem da palavra *ka'aygua* vem de (*ka'a*-vegetação, mata, *ygua*-pertencente. No Mbyá, falar-se-ia em (*ka'aguyregua*), isto é, “habitante da mata”. Mas para Paĩ-Tavyterã para Muller (1934, p. 180-181 *apud* MELIÀ, 2008, p. 52) significa que: “os Paĩ se encuentran sobre todo al norte del río Jejuí, serian Guaraní menos “puros” que lós Mbyá y habrian recibido de lós criollos el nombre de pañ (Paĩ), que seria una abreviacion de (com)-pañ-(ero)”.

Esta é uma afirmação muito discutida entre estudiosos. Uma outra explicação é dada pelo próprio Melià (2008, p. 129) para quem o significado de Paĩ é uma forma de saudação entre eles e que:

[...] (no confundir com Paĩ) no tiene traduccion, y fue el nombre dado por el Dios-Creador Ñane Ramõi Papa AL primer hombre, cuando le pregunto: ‘Reikovépa pai’, y el primer pai dijo entonces: “Aikove”, ló que hasta hoy sigwe siendo su saludo tradicional. Tavyterã se traducirá como ‘habitantes Del poblado Del centro de la tierra; ya que se compone e Tava-yvy-ete-rã’ (MELIÀ, 2008, p. 129).

Segundo Melià (2008, p. 13), historicamente os Paĩ foram descobertos na década de 1750 e 1760, e que os Paĩ atuais são descendentes daqueles Caaguá²¹ do século XVIII e também dos Itatin²² do século XVI e XVII. Aparentemente esses índios estavam isolados e desconhecidos até a segunda metade do século XVIII. Melià (1992, p. 247) complementa sua versão afirmando que:

²¹ Melià (2008, p. 33) considera que *Caaguá* ou *ka'agua* significa povo da floresta ou habitante da selva do monte. Observa que esse povo era também chamado de Montenese e que mais tarde passaram a ser chamado de Paĩ-Tavyterã e que habitava a serra de Amambay, parte de Maracayú, no Paraguai.

²² Itatin é o povo que vivia nessa região na cabeceira e no curso médio alto de Ypané entre Paraguai e Paraná, que é o mesmo de Paĩ onde vivem atualmente.

[...] os Paĩ-Tavyterã podem ser identificados com os antigos itatins, dos quais se tem notícia desde os tempos da primeira entrada dos europeus no Paraguai [...] Do tempo em que eram conhecidos como caaguá da selva ficou a denominação de kaiowá, ainda usada no Brasil. Sua autodenominação, no entanto, é a de paĩ-tavyterã, com clara alusão ao seu modo de ser religioso: paĩ seria o título com que os deuses e habitantes do paraíso saúdam e se dirigem a palavra, e tavyterã: os futuros habitantes do povoado do centro da terra.

Essa hipótese também é admitida por Cadogan para quem os Paĩ são realmente os Itatin. Essa afirmação veio após sua comparação e identificação da diferença dialetal entre Paĩ e os Guaraní do Guairá do século XVII registrado por Montoya (MELIÀ, 2008, p. 54).

Quanto às influências culturais dos Paĩ com os não indígenas, assim como aconteceu com outros Guaraní, os Paĩ identificados por Cadogan (MELIÀ, 2008, p. 53) são descendentes de um grupo de índios catequizados e submetidos durante anos às influências jesuíticas. Para provar essa afirmação, Cadogan identificou algumas palavras usadas na religião Paĩ como sendo de uso religioso dos jesuítas.

A identificação dos grupos Guaraní no Brasil se complica devido às convivências de grupos dialetais numa reserva ou aldeamento, pois, segundo Dooley (2008, p. 7) “Em Mato Grosso do Sul, a mescla linguística já alcançou proporções muito maiores, envolvendo milhares de falantes e três dialetos: Kaiowá, Ñandéwa, e Avañeém”.

Assim sendo, acreditamos que as culturas entre esses grupos em parte são reproduzidas pelo outro. Por exemplo: se um índio Guaraní Mbyá viver entre os Paĩ ou Nhandéwa por muito tempo, a possibilidade de reproduzir o ritual do outro seria muito grande. A outra possibilidade é a reprodução das técnicas para produção de artes²³ ou de moradia. A convivência entre diferentes grupos Guaraní numa mesma aldeia se explica por alguma razão, por exemplo, um Nhandéwa oriundo do estado de Mato Grosso do Sul que está residindo no estado do Espírito Santo diz que o motivo da mudança de seu estado de origem inclui vários tipos de problema, como, por exemplo a briga de terras entre índios e fazendeiros.

²³ Muller nota a forma técnica e o nome da produção de cesto das três parcialidades Guaraní. Mbyá=adjaka, Txiripá=adjo, e Paĩ=pynacũ. (cf. MELIÀ, 2008).

Segundo Schaden (1974, p. 14):

[...] Em alguns núcleos, o convívio de famílias Ñandéva, Mbüá e Kayová levou a tão intenso processo de homogeneização (como, por exemplo, na aldeia do Araribá) que nesses grupos hoje se tornou impossível distinguir com o necessário rigor as linhas divisórias entre uma subcultura e outra.

Uma das formas mais eficazes para identificação é através da língua, e mesmo assim às vezes é difícil quando já está muito assimilada. Fazendo comparação linguística entre diferentes grupos Guaraní, a língua Paĩ/Kaiowá é mais próxima de Avane'ẽ do Paraguai e, a língua Nhandéwa é mais próxima de Mbyá. Esse fenômeno é chamado por Dooley (2008, p. 8-11-19), de dois agrupamentos fonológicos. Ainda, Dooley (2008, p. 34) cita observação feita por Dietrich de que Avane'ẽ e Kaiowá já são bem pertos entre si em morfossintaxe.

Sem dúvida, de acordo com Dooley e Dietrich, a respeito da língua, devemos dizer que aos nossos ouvidos o discurso entre essas parcialidades Guaraní mostra que a maior diferença entre todas é a língua Mbyá que muitos Guaraní consideram a mesma que Nhandéwa Tambeopé (Mbyá). Incluímos aqui a língua Txiripá que alguns Guaraní não consideram como Nhandéwa, segundo afirmam os não indígenas. Isso merece, portanto, um estudo a parte.

Vimos que os Paĩ denominados de Kaiowá, Kaiwa, Caigua, etc, diferem culturalmente dos outros subgrupos Guaraní, o que é atestado principalmente por Cadogan, Muller e Schaden. E que a origem dos Paĩ provavelmente foram dos Caagua e dos Itatin da região de Amambay que não eram os mesmos Guaraní de Guairá.

2.10.2 Onde vivem? Quantos são?

A maior concentração dos Paĩ/Kaiowá está entre a região de Amambay no Paraguai com cerca de 59 reservas ou comunidades e, na região de Amambai (MS) no Brasil com cerca de 33 reservas ou comunidades (MAPA GUARANÍ RETA, 2008).

Segundo dados da Revista Guarani Retã (2008, p.18), no Brasil vivem cerca de 31 mil Kaiowá, no Paraguai cerca de 13 mil, totalizando 44 mil Kaiowá ou Paĩ Tawyterã.

2.11 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Neste capítulo apresentamos o povo Guaraní como um dos maiores que existem na América Latina subdividindo em três principais subgrupos, Mbyá, Nhandéwa e Kaiowá. O termo *Nhandéva*, *Ñadéva* ou *Nhandéwa* é utilizado por todos indígenas Guaraní que significa *nossa gente*. Ao longo desta dissertação uso o termo Nhandéwa Tambeopé ou Mbyá (Tambeopé) para designar o Mbyá diferenciado dos Nhandéwa e Kaiowá. Discutimos que o subgrupo Mbyá é diferente e ao mesmo tempo se assemelha linguisticamente e culturalmente aos Nhandéwa e aos Kaiowá. Etimologicamente a palavra Mbyá provavelmente veio de *py'a* que tem vários significados “gente”, “corpo”, “órgãos” e “sentimental”. Muitos outros estudiosos da cultura Guaraní Mbyá, como Cadogan, registram nomes de identificação dos índios.

Os Txiripá podem ser os mesmos Mbyá ou outro subgrupo étnico, mas não se identificam como subgrupo Nhandéwa. Como muitos indígenas do Brasil, os Guaraní do Espírito Santo também reivindicam melhores escolas e querem que a educação escolar indígena esteja com “cara indígena”. Pelos estudos feitos por Dooley, a língua Kaiowá é mais próxima da língua Avane^{em} do Paraguai, e a língua Nhandéwa é mais próxima da língua Mbyá. Este estudo se apresenta satisfatoriamente, pois está de acordo com o objetivo proposto. Porém, o conteúdo a ser estudado no âmbito do povo Guaraní carece de uma pesquisa mais ampla a nível de Doutorado, uma vez que este trabalho não deveria ter limites para investigação. Tanto a língua quanto suas origens étnicas precisam ter um estudo mais aprofundado pelas diversas áreas de conhecimento.

CAPÍTULO III: REVISÃO CRONOLÓGICA DA LITERATURA SOBRE TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE EM LÍNGUAS TUPI-GUARANÍ

3.1 MARCAÇÃO TEMPORAL NA LÍNGUA KAIOWÁ, POR TAYLOR

Em seu artigo intitulado “Marcação Temporal na Língua Kaiowá”, Taylor (1984) identifica uma série de marcadores e palavras temporais nessa língua. Para ele os marcadores são também indicadores de modo, embora outros indiquem o aspecto. Um ponto importante ressaltado por ele é que ao interpretar um marcador temporal, “é preciso verificar se o ponto de referência temporal é imediato ao ato da fala ou a algum outro momento, talvez referindo-se ao tema de uma narrativa.”

Taylor (1984, p. 1), compara os cinco traços gerais da marcação temporal entre a língua portuguesa e a língua Kaiowá, que para o nosso estudo é de fundamental importância. Os traços são os seguintes:

1- No Português, a principal distinção no sistema de marcação temporal é entre o passado e o não passado, enquanto que no Kaiowá é entre o futuro e o não futuro;

2- No Kaiowá não existe uma marcação distinta para aquilo que se chama, na gramática do Português tradicional, tempo verbal relativo;

3- Em geral, o Kaiowá apresenta menos formas de flexão verbal de tempo do que o Português. Contudo, através do contexto, palavras temporais, e marcadores de tempo mais ou menos livres, ainda existe capacidade para a plena expressão dos conceitos temporais;

4- Os marcadores temporais do Kaiowá, do passado e futuro, são, na verdade, indicadores tanto de modo como de tempo, e alguns também são indicadores de aspecto. No Português, semelhantemente, o modo, o tempo e o aspecto são fundidos dentro da flexão verbal;

5- No Kaiowá, o tempo verbal é neutralizado muito mais do que no português devido ao fato de que, muitas vezes, a marcação temporal é realizada apenas nas unidades maiores do discurso ou está implícita no contexto, ao invés de ser realizado enunciado por enunciado.

3.2 FUTURO E NÃO FUTURO

Taylor descreve marcadores explícitos para o passado e futuro: *wa'ekwe* indica passado e *wa'erã* indica o futuro. Entretanto, mostra que no exemplo seguinte o verbo *oho* “ele- ir” na ausência de marcadores de tempo, o verbo é traduzido no presente “ele vai” ou no passado “ele foi”. Segundo Taylor, isso vai depender do contexto. Ao meu ver, ele faz uma observação importante quando diz que esse verbo pode estar no presente ou no passado, porém nunca no futuro (“ele irá”).

1) *Oho wa'ekwe.*

ele-ir pass

“Ele foi”.

2) *Oho wa'erã.*

ele-ir fut

“Ele irá”.

Taylor baseia-se nas ideias de John Lyons (1979, p. 321) sobre as diversas categorizações temporais que constam nas línguas do mundo. São possíveis várias categorizações. O “ponto-zero teórico” – o “agora” do enunciado – poderia ser reagrupado com o “passado” ou com o “futuro”, do que resultaria, por um lado, a dicotomia entre “futuro” e “não futuro”, e por outro lado, a entre “passado” e “não-passado”.

Cenários temporais: Para concretizar e identificar a marcação temporal, Taylor usa o cenário temporal como referencial, o qual serve como base para a determinação do tempo verbal apropriado ao enunciado. Esse enunciado possui as seguintes possibilidades:

1º - O cenário temporal pode ser aquele ato da fala que você está assistindo. Exemplo “vai chover”. Neste caso, o cenário temporal para a marcação do futuro seria simultâneo ao ato da fala; que o evento de chover é predicado como futuro, com respeito ao ato da fala que se está assistindo.

2º - O cenário temporal pode ser o ato da fala narrado pelo falante, como por exemplo: “Então meu pai disse: Vai chover”. Neste caso, o cenário temporal para o enunciado “Vai chover”, não é mais o ato da fala do falante, mas sim, do pai dele, um

ato narrado a outro, não aquele assistido pelo ouvinte, e nessa expectativa ele expõe que é exatamente com respeito ao ato da fala narrado, que o evento “chover” é predicado como futuro.

3º - O cenário temporal pode ser uma situação referida no próprio enunciado ou no contexto. Neste último caso, Taylor exemplifica, “Ontem ia chover”, assim, a expressão “ia chover” não seria qualquer ato da fala, nem aquele que se está assistindo, nem um narrado e, sim, o dia anterior ao do ato da fala que se está assistindo.

Então, resumindo, há três possibilidades para o cenário temporal, a) um ato da fala assistido, b) um ato de fala narrado, c) uma situação referida.

Taylor explicita que no enunciado “ontem ia chover” há dois cenários que entram na determinação da marcação temporal: tanto o ato de fala assistido, como a situação referida do dia anterior. Nesse caso teria a forma futuro do pretérito que trata-se de marcação temporal que, em si, reflete um cenário temporal duplo, que no português se chama de “tempo verbal relativo”, abrangendo o pretérito mais-que-perfeito e o futuro do pretérito, entre outros. Taylor observa que isso não ocorre no Kaiowá, ou seja, não há tempo verbal relativo, apenas para o absoluto. Abaixo, há três exemplos do Kaiowá que correspondem aos três cenários mostrados acima.

3) *Oky-tama*

ele-chover-fut-pont

“Vai chover agora mesmo”.

4) *Oky-tama, he’i*

ele-chover-fut-pont ele-dizer

“Vai chover agora mesmo, ele disse.”

5) *Kwehewe oky-tama*

um dia-pass-mais ele-chover-fut-pont

“Quase estava para chover há dois ou três dias”.

3.3 CENÁRIOS TEMPORAIS NOS TEXTOS NARRATIVOS

Com relação ao desenrolar da história narrada, há uma atualização periódica do cenário temporal. Existe também uma progressão temporal e proporcional que ocorre do

início ao fim da história. Para Taylor, existem pelo menos onze traços significativos para descrever o cenário temporal (TAYLOR 1984, p. 5).

A descrição do texto como uma série formada de cenários e episódios:

Segundo Taylor um episódio, quando ocorre num texto narrativo é definido como um trecho do texto que segue um cenário e continua até que o narrador mude para um novo cenário. Por exemplo, em um episódio dos cenários do texto “o acidente”²⁴ Taylor observou dois componentes principais: i) diálogo narrado ou um ato da fala. ii) uma reação ao ato da fala.”A reação pode ser uma atividade específica que resulta de uma exortação ou ordem expressa por uma fala direta (discurso direto), ou pode manifestar-se na forma de uma conclusão.”

3.4 MARCADORES DE CENÁRIOS

Taylor descreve os três marcadores de cenários que funcionam sintaticamente como introdutores das orações subordinadas, o *ramo* traduzido por: quando, enquanto, depois, logo que, desde que, se, e no caso de, os quais ocorrem com mais frequência e têm significado mais amplo. O *-jave* é traduzido por “enquanto”. O *-rire* é traduzido por “depois” e, em alguns casos, tem significado de *se*, nas orações contrafactuais. O *jave* e *-rire* têm significados mais específicos do que *-ramo*, já que se referem apenas à duração e sequência.

6) *Iporiahu xe-vy xesy oho-ramo guóga-py.*

lamentável me-para minha-mãe ela-ir-quando dela-casa-para
“Fiquei com pena de minha mãe quando ela foi para casa”.

a) Cenário temporal contrastivo:

Para Taylor as orações do tipo *-ramo* (prótase) referem-se ao mesmo cenário temporal que o da oração principal (apódose), a menos que ocorram marcadores que indiquem o contrário. E quando vêm marcadas, podem se referir a um cenário temporal distinto daquele da (apódose).

²⁴ “O acidente” é um uma história de acidente, cujos discursos dos que o presenciaram são objetos de análise linguística por Taylor.

7) *Ereju-ma niko xe-reheramo, aha-ta*

você vir-pont mas mim-para quando eu-ir-fut

“Já que você veio para me (buscar), irei”.

8) *Aipo-rami ere xe-wyramo, naha'ã mo'ãiry mba'ewe.*

desta-maneira você-falar (a)mim-para-quando eu-não-tentar fut qualquer-coisa

“Já que você falou comigo desta maneira, não farei nada de mal”.

Ao analisar o exemplo 7, Taylor ressalta que o pontual *-ma* indica que “vir” refere-se ao passado recente, e no exemplo 8, o conectivo *aipo -rami* refere-se retroativamente a algo que acabou de ser dito. Deste modo, em ambos os casos a prótase refere-se ao passado recente, ao passo que a apódose manifesta futuro.

b) Prótase e o marcador temporal de futuro

Taylor (1984) também descreve a relação de prótase e o marcador de futuro. Por exemplo, o marcador temporal de futuro *-ta* ocorre apenas com *-ramo* num cenário temporal não futuro e significa uma ação que é uma ameaça ou iminente:

9) *Omoĩ-taramo preso, noregutái awe.* (empr.P.)

ele pôr-fut-quando preso não-nós-gostar também

“Quando ele estava quase para prendê-lo, não gostamos daquilo”.

c) -ramo como “Sempre que”:

No exemplo 10, a seguir, a ênfase de frequência da prótase é definida contextualmente. Na apódose, o pontual tem o sentido de “naquele momento”. “Sempre que me levanto, imediatamente a dor me trespassa”.

10) *Apu'ã-ramo, xekutu-ma.*

eu levantar-quando me trespassar-pont

“Sempre que me levanto, a dor me trespassa”.

d) -javé:

Segundo Taylor (1984), *javé* “enquanto”, também é usado como um conectivo no nível de discurso (exemplo 11) e descreve dois fatos que ocorrem simultaneamente. Indica ainda que a apódose termina quase que simultaneamente com a prótase, ou que ocorre durante a duração da prótase:

11) *Jawe orohendu caminhão ojejapi-wa'e ojóehe nipo ra'e.*

enquanto nós-ouvir carro eles-amassar-um um-ao-outro-em aspc aspc

“ouvimos o que deve ter sido carros chocando e um contra o outro”.

e) -rire

Com relação ao marcador *-rire*, Taylor o descreve como marcador que indica a sequência de dois eventos: Nas construções que contém duas orações, apódose, no que se refere ao aspecto temporal, é sempre subsequente à prótase:

12) *Oho-ma mombyry-rire, oporandu ijáry.*

ele-ir-pont longe-depois ele-perguntar seu-possuidor

“Depois de terem ido uma longa distância, foi que o dono (da pinga) perguntou”.

Há também um outro uso específico de *-rire*, em combinação com *arã* “hipotético” e o marcador de tempo/aspecto *ra'e*, que, segundo Taylor (1984, p.13), expressa contrafactuais no passado.

13) *Osoro-rire mboka xe-rehe ra'e, xejuka ete-ma arã ra'e.*

ele-partir-depois resolver me-em asp me-matar relamente-pont hipot aspc.

“se o revolver tivesse disparado contra mim, teria me destruído completamente”

3.5 MARCADOR DE ASPECTO PONTUAL *-ma*

Para Taylor (1984), o aspecto pontual *-ma* provavelmente é o mais usado dentre todos os marcadores de aspecto existentes na língua, manifestando-se com significados aparentemente distintos, dependendo do contexto em que ocorre. No

entanto, todos os significados são ligados entre si através do conceito *pontual*. *-ma* expressa a realização de um estado, ação ou momento, seu início ou fim.

a) Função de *-ma* ao nível da palavra

Outra função do *-ma* indicado por Taylor é simplesmente ao nível da palavra, por exemplo, o marcador *-ma* pode dar um aspecto pontual ao verbo indicador de processo:

- 14) a) *Oke*. = ele-dormir
 “Ele estava dormindo”.
 b) *Oke-ma*. = ele-dormir-pont
 “Ele pegou no sono”.

O *-ma* pode também dar um aspecto inicial (incoativo) e um aspecto final (cessativo) a um verbo de processo.

- 15) a) *Oky* = eles chover.
 “Choveu”.
 b) *Oky-ma* = eles chover-pont
 “Começou a chover”.

Taylor mostra que *-ma* às vezes dá a um verbo um cenário temporal de proximidade. Deste modo, o verbo é marcado para indicar passado recente ou o futuro imediato:

- 16) *Omano-ma*
 ele-morrer-pont
 “Ele morreu (recentemente)”

- 17) a) *Aha-ta* = eu ir-fut.
 “Eu irei”.
 b) *Aha-tama* = eu-ir-fut=pont
 “Irei imediatamente”.

b) A função de *-ma* no nível do período

Outra função do *-ma* indicado por Taylor é no nível do período. Nesse nível, *-ma* assinala a interpretação correta da inter-relação entre as orações que ocorrem dentro da estrutura do período:

Por exemplo, nas orações seguintes, *-ma* pode auxiliar na indicação exata da conexão entre orações:

18) a) *Hembipe oho.*

ele-claro ele-ir

“Estava claro, e ele se Foi”.

b) *Hembipe-ma oho-ma.*

ele-claro-pont ele-ir-pont

“Logo que clareou, ele se foi”.

c) Predicação e topicalização

Quanto à predicação e topicalização, Taylor mostra que, quando *-ma* é sufixado a uma palavra não verbal, – como, por exemplo, um substantivo, uma expressão temporal ou locativa – desempenha uma função de predicação ou topicalização:

19) *Nde róga-pyma voi ereime.*

sua casa-em pont de fato você estar

“É na sua própria casa que você está sentada neste momento”.

d) A função de *-ma* nos níveis mais alto do discurso

Segundo Taylor (1984, p. 16), a função de *-ma* nos níveis mais altos do discurso, o aspecto pontual, incoativo, cessativo e próximo de *-ma* é empregado num contexto muito mais amplo. *-ma* não se refere apenas às inter-relações existentes entre as orações, mas também esclarece a estrutura de um texto na sua totalidade e marca momentos cruciais ou até mesmo decisivos na explicação do enredo.

A história de tartaruga e da onça descrito por Taylor mostra a interação importante entre as duas personagens marcada pelas duas primeiras ocorrências de *-ma*.

20) *Xe kwerái-ma!*

“Estou cansada!”

21) *Nandejeupíry-ma nde!*

“Você não sabe subir!”.

O *-ma* marca também, a transição dos fatos gerais e habituais para os fatos específicos e dá precisão ao cenário, como a chegada, marca também a conclusão da descrição, indica o fim e também o início.

3.6 MARCADORES TEMPORAIS DO PASSADO E *ra'e*

Quanto ao marcador temporal do passado *ra'e* Taylor demonstra como *ra'e* se relaciona com outros marcadores temporais, embora tenha uma função mais ampla do que aquela de marcar o passado. O *ra'e* nunca estabelece o cenário como as outras, como, *wa'ekwe*, *araka'e* e *kuri*. Taylor compara a função de *ra'e* com a função de outros marcadores no diagrama explicativo em seguida:

Quadro 1: Grau de presencialidade

		GRAU DE PRESENCIALIDADE	
		Direto	Indireto
Tempo passado	Próximo	<i>kuri</i>	<i>ra'e</i>
	Remoto	<i>wa'ekwe</i>	<i>araka'e</i>

Os dados do quadro acima, extraídos do texto sobre a Onça e o Tamanduá (Taylor, 1966, p.19), demonstra, contrastivamente, o uso dos quatro marcadores.

22) *Emombe'u xe-wy. Araka'e ete-pa a-rupi ohasa araka'e kaguare?*

você-contar me-para quando exatamente-int aqui-por ele-passar pass tamanduá

“Diga-me. Quando foi exatamente que o tamanduá passou por aqui?”.

23) *Mbohapy jasy-ma kaguare ohasa hagwe ko'a-rupi. Oho wa'ekwe a-koty.*

Três meses-pont tamanduá ele-passar nom este-aqui-por ele-ir pass esta-direção.

“Faz três meses que o tamanduá passou por aqui. Ele foi nesta direção”.

Os marcadores temporais *araka'e* e *wa'ekwe* referem-se ao mesmo evento temporal passado. Para evidenciar essa afirmação Taylor expõe exemplos de uma história onde “a onça empregou *araka'e* porque ela não sabia e nem viu quando o tamanduá partiu”. No entanto, o “espírito” que viu o tamanduá partir, emprega *wa'ekwe*.

24) *Mamo-koty oho ra'e?*

aonde-direção ele-ir marcador

“Em que direção ele foi?”

25) *Ko'a-koty angaete oho kuri*

esta aqui-direção mesmo agora ele-ir Marc verb.

“Agorinha mesmo, ele foi nesta direção”.

Ao analisar a história, Taylor (1984, p. 20) observa que “tanto o marcador *ra'e* como *kuri* referem-se ao mesmo evento, ou seja, um fato que foi presenciado pelo “espírito” (*kuri*), mas não pela onça(*ra'e*).” Ele observa ainda outro exemplo que ilustra o contraste entre *araka'e* (remoto) e *ra'e* (recente).

26) *Ãy nhandervixa pyahu omanda wai nipo ra'e: Upéa*

então nosso-chefe novo ele-governar mal aspc aspc aquele um

nipo opáixa nhanembohasa asy wa'erã nipo araka'e

aspc todo como nós fazer passar mau fut aspc temp verb

ou omanda nhande-rehe.

ele vir ele governar nos-sobre

“Então, nosso novo chefe devia estar governando duramente. Foi para nos maltratar de toda maneira, que ele veio algum tempo atrás para nos governar”.

Embora Taylor identifique a associação de noções temporais e de fonte de informação (presenciado) em partículas como *ra'e*, analisa essa associação como sendo uma associação de tempo e aspecto (TAYLOR 1984, p.13).

a) Mais algumas funções do *ra'e*

Taylor descreve mais algumas funções de *ra'e* ressaltando que além de marcar o passado recente sem envolvimento do falante, também descreve um evento do qual o falante não estava consciente quando ocorreu. Há três maneiras usadas pelo falante para descobrir os fatos: i) através de sua própria percepção; ii) por ter sido informado; iii) por dedução de outra evidência. Esses exemplos serão detalhados em seguida. Porém, o detalhamento por completo está no texto original (TAYLOR 1984, p. 20.).

b) Através de sua própria percepção

27) *Há'e ra'e.*

ela aspc

“No final das contas era ela!”

c) Por ter sido informado.

28) *Amañwasu-ramo, nipo omano-ma há'e ra'e.*

chuva forte-quando aspc ela morrer-pont ela aspc

“Ela deve ter morrido durante a chuva forte”.

Segundo Taylor (1984, p.21) o marcador de aspecto *nipo* no exemplo 28, reforça *ra'e* ao indicar para o ouvinte que o falante não tinha conhecimento pessoal do fato. Mais tarde, naquele mesmo dia, o falante foi informado sobre a morte dela por um regional.

d) Por dedução de outra evidência

29) *Nipo ijapu ra'e xe-wy.*

aspc ele mentir aspc mim-para

“Ele deve ter mentido para mim”.

e) Ra'e Desempenhando a função de “Flashback”

Taylor ressalta que o *ra'e* frequentemente funciona como “*flashback*”, porque refere-se a um fato que, embora não tenha sido desconhecido antes, é agora conhecido.

30) *Xerenda ojere ojere. Ha ipo oisu'u ra'e mbói.*

meu-sentar ele-voltar ele-voltar conec dele-pata ela-picar aspc cobra.

“Meu cavalo cambaleou, cambaleou. Uma cobra o **tinha** picado na pata dianteira”.

Segundo Taylor (1984, p. 22), a ordem de ocorrência destas duas orações não é uma sequência temporal, mas uma sequência perceptiva do ponto de vista do locutor da oração. O falante nota primeiro a agonia do cavalo e, mais tarde, descobre o porquê dessa agonia.

Em contraste, *ra'e* raramente funciona como indicador de “*flashback*” quando o falante conhece os eventos quando esses ocorrem.

31) *Oroho-upe-gui orocho ra'e-orocho*

nós-ir aquele-de nós-ir aspe nós-ir

“Estávamos indo - aliás, tínhamos deixado aquele lugar - estávamos indo...”.

3.7 MARCADORES TEMPORAIS DE FUTURO

Para Taylor (1984, p. 22), existem três principais marcadores temporais de futuro que são:

- *-ta* “futuro próximo”,
- *wa'erã* “futuro remoto”,
- *arã* “hipotético”.

Segundo ele, *-ta* e *wa'erã* “expressam um determinado grau de certeza [...] *arã* expressa um futuro contingente”. Taylor percebe que o conteúdo principal de cada elemento é contrastivo e que parece haver também um grau de fronteira entre eles com fronteiras indeterminadas (TAYLOR 1984, p. 22). Alguns dos exemplos contrastivos apresentados por Taylor são os seguintes:

32) *Ani erejapo upéa! Erejapo-ramo, xepoxy arã nde-wy.*

não você-fazer aquilo você-fazer-aquilo-quando eu-zangado fut você-para

“Não faça isto! Se você fizesse/fizer, eu ficaria/ficarei zangado com você”.

33) *Erejapo-ramo upéa, xepoxy-ta nde-wy.*

você-fazer-quando aquilo eu-zangado-fut você-para

“Se você fizer isto, ficarei zangado com você”.

No exemplo 32, Taylor (Op. cit., p.23) diz o seguinte: “[...] pode ser descrito como um reforço de um imperativo negativo [...]”. E quanto ao exemplo 33, descreve que, “é uma ameaça e uma advertência [...]”.

Taylor apresenta o quadro que reproduzimos em seguida, sintetizando a semântica do que ele considera marcadores de futuro:

Quadro 2: Grau de certeza

		GRAU DE CERTEZA	
		Fatual	Hipotético
TEMPO FUTURO	Próximo	<i>-ta</i>	<i>arã</i>
	Remoto	<i>wa'erã</i>	

a) Marcador de futuro *-ta*

Para Taylor, *-ta* é composto de proximidade e certeza e esse marcador expressa um futuro próximo e certo. Assim ele explica, “[...] o falante expressa certeza quanto ao futuro por causa de seu envolvimento pessoal para alcançar aquilo que ele diz que acontecerá, ou por causa da proximidade do fato esperado”. Pondera, entretanto, ao afirmar que: “Quando se pensa que um fato acontecerá logo, há menos probabilidade de possíveis contingências que possam frustrar a realização do fato previsto”:

34) *Aha-ta amba'apo, he'i* [...]

eu-ir-fut eu trabalhar ele dizer [...]

“Eu vou trabalhar,” disse ele.

b) Como indicador de um futuro contingente

35) *Okwera porã ijase'o-ramo, oporahéi-ta.*

ela-curar bem dele-garganta-quando ele-cantar-fut

“Quando a garganta dele melhorar, ele vai cantar”.

Taylor chama à atenção para o fato de que não existe nenhuma razão linguística para o emprego de *-ta* em vez de *arã* no enunciado acima. Isso depende de como o falante vê a contingência.

No enunciado seguinte, Taylor mostra a expressão inversa do falante:

36) *Ha ndokweráí-ramo katu, ndoporahéi joty arã.*

mas não-ele-melhorar-quando mas não-ele-cantar até fut
 “Mas se ele não melhorar, (ainda assim) ele não vai cantar”.

Nesse exemplo, o falante muda para o hipotético *arã*. O falante espera que a garganta melhore, mas reconhece que existe a possibilidade de permanecer uma fraqueza física

c) Como indicador de iminência

Taylor também descreve *-ta* como indicador de iminência, isso quando ocorre numa sequencia temporal passada.

37) *Oiko oka 'u-ramo, ho 'a-ta ha ndo 'ái-ta oĩ-wy.*

ela-viver ela-beber-quando ela-cair-**fut** mas não-ela-cair-fut ela-existir-gerund
 “Quando ela estava bêbada, estava a ponto de desmaiar”.

d) Marcador de futuro *wa'erã*

Com relação ao marcador de futuro *wa'erã* apontado por Taylor (1984, p. 25), há uma contradição entre o marcador *-ta* e *wa'erã*. Ele explica que *wa'erã* é um futuro definido, mas somente no grau permitido pela distância temporal relativa. Também para expressar algo que acontecerá sob circunstâncias previstas, o uso dele é, ao mesmo tempo, parcialmente independente destas circunstâncias e contingências.

38) *Pemanomba wa'erã voi ko 'a-gui katu. Xeru pende jukaharã.*

vocês-morrer-todos fut de-fato aqui-de de-fato meu-pai seu matar-nom-fut
 “Todos vocês aqui vão morrer. Meu pai é quem vai matar vocês”.

e) Marcador de futuro *arã*

Taylor afirma que o marcador de futuro *arã* indica hipotético. “O evento marcado por *arã* depende de uma condição explícita ou implícita” (TAYLOR 1984, p. 26).

f) Como indicador do contrafactual

Taylor atribui a *arã* a função de indicador do contrafactual quando se refere ao passado do discurso. O marcador *ra'e* pode ou não ocorrer quando *arã* refere-se ao passado contrafactual.

39) *Nonhembojaguái-rire ra'e, naha'ãi arã ra'e.*

não-eles-mesmos-fazer-cachorro-depois aspc não-eu-tentar fut aspc

“Se eles não tivessem se transformado em cachorros, eu não teria tentado (os cantos dos espíritos)”.

g) Como indicador do futuro condicional

Os exemplos 40 e 41 mostram *arã* como indicador do futuro condicional:

40) *Erewãhê-ramo, erehexa-ma arã xememby héry Daniel.*

você-chegar-quando você-ver-pont fut meu-filho chamado Daniel

“Se você vier, verá meu filho (que se chama) Daniel”.

h) Com atividade generalizada ou atividade de processo

No próximo enunciado, Taylor dá exemplo de *arã* com atividade generalizada ou atividade de processo. Neste exemplo o emprego de *arã*, há uma condição implícita.

41) *Onase-ramo mitã...eremoĩ arã takuarusu rogwe arã ipyru'ã-my.*

ele-nascer-quando criança você-pôr fut bambu folhas fut cordão-umbilical-em

“Quando a criança nasce...você põe brotos de bambu no cordão umbilical”.

i) Marcadores de futuro e forma negativa

Taylor descreve os marcadores de futuro e a forma negativa em contraste com *arã* e *wa'erã*, estes ocorrem livremente com verbos negativos e, *-ta* tem um emprego específico ao ocorrer com um verbo no negativo. Taylor observa que, “[...] o equivalente mais frequente de *-ta*, é *mo'ãi*”.

3.9 PALAVRAS TEMPORAIS

Taylor faz uma distinção de marcadores temporais das palavras temporais por serem elementos lexicais (ontem, amanhã, agora, então). Esses não são considerados próprios do tempo gramatical, conforme Lyons (1979, p. 333). Enquanto os marcadores temporais não são elementos lexicais.

O quadro a seguir, apresentado por Taylor, indica as palavras temporais mais comuns no Kaiowá, e tem por finalidade mostrar a graduação das palavras temporais, segundo a distância relativa do momento presente.

Quadro 3:

Graduação das palavras temporais (TAYLOR, 1984, p. 29).

	yma	Geralmente significa “passado distante”, podendo abranger um ou dois anos, até o início do tempo do qual se pode lembrar.
	are	“Há muito tempo”. Refere-se basicamente à duração, mas é empregado para significar “há muito tempo atrás” (vários meses ou anos).
	kwehe	Um dia antes (ontem) ou poucos dias atrás.
ko’ãy	kuri	Há pouco tempo, poucos dias, poucas horas ou poucos minutos.
	aje’i	Há muito pouco tempo (no mesmo dia).
	ange	Há pouquíssimo tempo (há poucos minutos).
	anga ete	Há pouquíssimo tempo (há poucos minutos).
ãy	ãy	Neste momento, agora mesmo!
ko’ánga	anga ete	Dentro de momentos, em poucos minutos.
	ange(ve)	Dentro de momentos (pouco mais que alguns minutos).
	ange(mirĩ)	Dentro de poucos dias.
	kuri	Dentro em breve, brevemente, dentro de poucos dias.
	ko’e-ramo	O dia depois de hoje, amanhã.
	(iko’e-my, ko’emba)	O dia seguinte (dentro de sequências passadas).
	ko’embue-ramo	Pelo menos um dia mais tarde que amanhã.

a) Expressões temporais ocorrendo em várias partes de um texto

Conforme Taylor (1984, p. 32-34) para se obter uma visão completa de como funciona o componente temporal, é necessário incluir as funções mais específicas

desempenhadas por este componente dentro das diversas partes semânticas de um texto narrativo ou de outro tipo de texto. Adiante Taylor mostra as funções do componente temporal manifestado em Títulos, Cenários, outros como Linha de Eventos Principais, Informação Colateral e do *Background*²⁵, Previsão e Discurso Direto, (termos usados por Grimes, 1975).

Taylor observa também que algumas narrativas não começam por um título. O tema ou título do texto é incluído no cenário inicial extensivo. Outros textos como “A Tartaruga” começam por um título simples, ou seja, *karumbe* “tartaruga”.

Segue um exemplo de um terceiro tipo de introdução:

47) *Ãy amombe 'u-ta ymagware rehegwa nhe 'ẽ.*

agora eu-contar-fut velhos-aqueles sobre-coisas palavras

“Agora vou contar-lhes (palavras) sobre o povo antigo”.

Para Taylor, a referência temporal específica pertence ao ato da fala envolvido na narração da história. Há uma previsão do cenário temporal do texto, expressa por “aqueles velhos (ancestrais)”.

Finalmente Taylor faz uma comparação entre o falante Kaiowá e o falante do português, que obrigatoriamente contrasta as categorias, presente versus passado, enquanto que para os Kaiowá ambos os eventos são contemporâneos e a sutil diferença entre o presente e passado pode não ser relevante. Taylor observa muitas fábulas sem indicação implícita do cenário, pois não tem um ponto de referência temporal. Por isso que não tem marcadores de tempo de futuro, sabe-se que se trata de passado.

O estudo feito por Taylor é de grande importância para a discussão sobre tempo, aspecto e modalidade e para fornecer complementos de estudos sobre temporalidade nas línguas Tupí-Guaraní. Suas análises são de fundamental importância para entendermos a noção de tempo e aspecto no cenário narrativo, pois acreditamos que as narrativas históricas são como bibliotecas para compreendermos a vida e a cultura de um povo. Além disso, ao longo do tempo, os estudos científicos sobre as línguas indígenas serão de valor primordial para teóricos brasileiros e outros.

²⁵ Fundo do conhecimento. (tradução nossa)

Tonhauser (2010, p.7) ressalta que os advérbios *kuri* e *wa'ekwe*, diferentemente das marcas aspectuais, têm ocorrência restrita no passado, a menos que o verbo principal seja marcado com a marca de futuro *-ta*.

52) *Ko'ëro a-purahéi-ta kuri.*

tomorrow A1sg-sing-FUT back.then

“I was going/supposed to sing tomorrow”.

(Eu estava indo/ eu estava achando que ia cantar amanhã)

Tonhauser assume que uma expressão é de tempo apenas se ela restringe a relação temporal entre a referência e o tempo, mas também deve ser parte do paradigma verbal. A autora argumenta que *kuri* e *wa'ekwe* não atendem a esse requerimento de, acordo com as seguintes evidências:

Primeiro porque eles são advérbios e não partes do paradigma verbal, como no exemplo 52, mas também por ocorrerem depois de todos os dependentes verbais.

A segunda peça de evidência trazida por Tonhauser é a de que *kuri* e *wa'ekwe* são comparáveis com o advérbio do Inglês *back*, isso porque ocorre muito pouco, apenas quando o contexto do discurso e os traços aspectuais lexicais do predicado não são suficientes para dar conta da referência temporal.

Tonhauser (2006, p. 262) ressalva que Gregores & Suárez (1967, p. 153) também mostram que *kuri* é usado “when there is some special need of making explicit the reference to past events”.²⁶

Em suma, para Tonhauser a referência a tempo passado é expressa na maioria dos casos por verbos não marcados.

Quanto à marca *-ta*, Tonhauser observa que essa contribui com referência temporal futura e é compatível com as atitudes modais de intenção e predicação.

Entretanto, Tonhauser mostra, por meio dos exemplos (abaixo) que *-ta* não é uma marca dêitica de futuro uma vez que ocorre também em referências temporais de passado, tanto na oração principal, quanto na dependente. Exemplos oferecidos por Tonhauser que ilustram isso são:

²⁶ “quando a uma necessidade especial de marcar claramente a referencia a acontecimento passado.” (tradução nossa)

O exemplo em seguida Tonhauser (2011, p.7) mostra que “-ta is also felicitous with past reference times in both matrix clauses (...) and embedded clauses”.²⁷

53) *Há Che la há-ajapo- há-pe chupe la kurasion priméra wes a-hecha ta hína.*

and B1 sg the A 1sg-do-NOM-at 3.pronO the cure fist time A1sg-see-FUT PROG

“And I who cleaned her wound, I would see her wound for the first time”.

(E eu que limpei a ferida dela, eu gostaria de vê-la pela primeira vez).

Finalmente, Tonhauser mostra que os demais modais de possibilidade *-ne* “MIGHT”, modal de necessidade *-wa'erã* “MUST”, são compatíveis com referência temporal tanto presente quanto passada.

Quanto ao modal desiderativo *-se* “DES”, Tonhauser postula que ele é compatível com referência temporal presente, passada e futura, e que o contrafactual *-mo'ã* fora do escopo de negação é compatível com referência temporal de passado, mas no escopo da negação é compatível com referência temporal de futuro.

3.11 TEMPO, ASPECTO E EVIDENCIALIDADE EM GUARANÍ, POR DIETRICH

Em seu artigo intitulado *Tiempo, Aspecto y evidencialidad en gwarani*, Dietrich (2010), propõe uma descrição funcional dos recursos linguísticos encontrados em duas variedades do Guaraní para expressar tempo, aspecto e evidencialidade. Enfatiza a pobreza de uso de morfemas presos para expressar tais categorias e a abundância de partículas para expressar as suas respectivas nuances. Dietrich faz uma distinção que é, a nosso ver, de grande relevância para o entendimento da gramática de línguas Tupí-Guaraní. Trata-se da distinção entre predicados verbais e predicados nominais, o que consideramos a análise mais adequada, mais econômica e mais explanatória dos fatos dessas línguas, e que vem sendo defendida por RODRIGUES (1996, 1999, 2002) e por Cabral (2007). Dietrich também defende a visão de que as fronteiras entre noções temporais, aspectuais e de modalidade não são tão nítidas, uma ideia compartilhada por Cabral (2000 e 2007) e por Cabral et al. (2010).

²⁷ “-ta é também adequado com a referencia ao passado tanto em orações principais (...) e em orações encaixadas.” (Tradução nossa)

Para Dietrich (2010, p. 69) a ideia apresentada por Tonhauser (2006) de que o tempo não é uma categoria importante para o Guaraní é correta, embora discorde dessa autora por ela defender a ideia de atemporalidade gramatical em Guaraní.

Uma das generalizações feitas por Dietrich e que permeia a sua análise é a de que em Guaraní se distinguem dois espaços temporais, o futuro e não futuro. Para ele “la forma verbal no marcada del Guaraní no expresa el momento presente del habla del locutor, sino el pasado que se extiende hasta el momento presente” (DIETRICH, 2010, p. 70). Assim, a forma verbal não marcada, ou marcada por um morfema zero, nas duas variedades linguísticas de Guaraní expressa o não futuro (DIETRICH, 1986, p. 87).

54) *av.óre ro-púka-Ø*

PR-1p-pl-excl 1p-pl-excl-reír-NoF

“nosotros reímos (pres./pretér)”.

Nessa variedade linguística do Guaraní existe, segundo Dietrich (1986, p. 71) “una referencia específica al pasado que se marca mediante la construcción con *wa'ekwe* en *av*, como em: *o-mba'apo wa'ekwe* “significa literalmente el/la que trabajó y ya no trabaja”.

Para Dietrich (2010, p.71) o verbo não marcado isolado se entende como forma de presente e menciona que as descrições tradicionais falam das partículas *ra'e* para passado e *raka'e* para passado remoto, e que estão limitadas a referência do passado em perguntas, dúvidas e exclamações. No entanto *ra'e* “sirve en primer lugar para la expresión de la inferencia del hablante, de la evidencialidad ‘no atestigwada’ de lo preguntado o exclamado”.

Segundo Dietrich, Tonhauser (2006, p. 249-254 em prensa):

[...] niega el valor gramatical de futuro en el caso de *av*. *-ta*, prefiriendo ver en el sufijo una función modal. Para nosotros, esos valores modales son contextuales y fácilmente explicables a partir del valor temporal. Éste incluye todo tipo de prospectividad, sea a partir del momento en que habla el hablante, sea en cualquier momento del pasado (DIETRICH, 2010, p. 72).

Quanto ao sufixo *-ta* está bastante gramaticalizado como expressão de futuridade, a qual muitas vezes, “implica un matiz de intencionalidad”.

Dietrich destaca que nas descrições do Guaraní Paraguaio existe outro tipo de futuro, descrito como futuro com nuança de obrigação, *wa'e-rã*, o qual se opõe ao sufixo *-wa'e-kwe* passado, como no exemplo seguinte:

av. o-u-wa'erã significa literalmente de “el/la que está destinad-o/-a a venir”, “vendrá”

Conforme Dietrich, tanto em Guaraní paraguaio como em Guaraní Chaqueño, as partículas *voi*, *kuri* e *ramo* são mais que simples advérbios de tempo e que para o Guaraní Chaqueño deve-se somar o sufixo *-rani*, os quais expressam a coordenação temporal implícita de ações:

- 55) *av. o-ú-voi*
 3p-venir-inmediatamente
 “vino sim trámite”

Dietrich ressalta que em Guaraní Paraguaio *voi* se usa mais frequentemente como marca de evidencialidade assertiva (afirmação).

Quanto à *ramo*, ressalta que *em (gch)* explicita pouca distância temporal entre a ação relatada e o ato da fala do falante, mas que nas duas variedades do Guaraní refere-se ao passado ou futuro.

- 56) *av. o-ky ramo*
 3p-llover recién
 “llovió recién”, “acaba de llover”.

Quanto à partícula *rani*, restrita ao Guaraní Chaqueño, combinando-se com o futuro e com imperativo, refere a uma ação que deve realizar-se antes de qualquer outra, enquanto que *kuri*, que ocorre nas duas variedades, se refere precisamente a ação seguinte:

- 57) *gch. e-guéjy-rani!*
 2p sg IMP-bajar-primero
 “¡apéate primero!”

- 58) *gch. kua tẽta nde-mbáe-ko o-pytá-ta-kuri*
 DEM pueblo 2p-cosa-ID 3p-quedar-FUT-después
 “este pueblo luego quedará tu propiedad”.

Partindo da distinção entre tempo e aspecto em Guaraní, de início Dietrich (2010, p.75) define cada um, “[...] el tiempo como una categoría gramatical que funciona en los predicados, el aspecto es una categoría de los nombres no predicativos”.

As marcas temporais dos sintagmas nominais predicativos não se distinguem dos verbais, como mostra o exemplo abaixo de Guaraní paraguaio:

59) **gch.** *egwejy-rani!*

2ps imp-bajar- primero

“! apéate primero”

Dietrich observou nos sintagmas nominais e nos predicativos oposição aspectual, um destinativo *-rã* expressa que os objetos ainda não estão à disposição, mas sobre o olhar do agente está preparado, construído ou está prometido e outro perfectivo *-kwe* que indica um estado que resulta ser a negação de um estado alcançado anteriormente, algo que já não está mais como era antes.

60) **av.** *kunã oi-apo tembi 'u-rã*

mujer 3p-hacer comida-DEST

“la mujer prepara la comida”.

61) **gch.** *o-écha h-etã-gwe, h- e)ta ikawí-gwe-wa*

3p-ver 3p-casa-PERF, 3p-casa bueno-PERF-NOR

“vio la ruina de su casa, su casa que había dejado de ser buena”.

62) a) **av.** *h-óga-kwe* = “la ruina de su casa”.

b) *h-embireko-kwe*= “su ex-esposa”.

Na visão de Dietrich, Tonhauser (2006) equivocou-se também ao interpretar os morfemas *-rã* e *-kwe* respectivamente como “prospective grammatical aspect” e “terminative grammatical aspect”, os quais são para ele expressões dos aspectos Destinativo e Perfectivo.

Dietrich (2010, p.76) chama de aspecto completivo a função aspectual marcada por sufixo *-pa/mba* em língua Guaraní Paraguaio (comparar-se também Cardoso 2008

p, 91). Dietrich observa que em contexto nasal o alomorfe desse morfema é *-ma*. No entanto em Guaraní *Chaqueño -pa* se usa somente como verbo de série.

63) **av.** *Mario o-se-ne-ra'e, ajevé h-óga o-ñemboty-pa ha iñ-ypyti-mba*

Mario 3p-salir-FR-PAS, porque 3p-casa 3p-cerrarse-CPL y 3p-oscuro-CPL

“Mario habrá salido, ya que su casa esta toda cerrada y a oscuras”

64) **gch.** *ó-pa ó-u, o hasta*

ó-pa- réta ó-u

3p-completarse 3p-venir

3p-completarse-pl 3p-venir

“se acabaron, vinieron”

“se acabaron, vinieron”

“todos vinieron”

“vinieron todos”.

Para Dietrich (2010, p.76) “La evidencialidad constituye la categoría por la cual el hablante explicita la fuente de la información, es decir, si lo dicho se afirma en su propia experiencia sensorial, o en el relato de otros, o si lo infirió por indicios”.

A partícula *-ra'e* do Guaraní Paraguaio, se restringe a descrevê-la como parte de perguntas e exclamações, usada com referencia ao passado para expressar, em primeiro lugar, que o falante não atesta o dito, mas que tem dúvidas sobre o dito.

Dietrich descreve como um marcador de evidencialidade de um resultado testemunhado por falante o sufixo átono *-ma* que, segundo ele, é geralmente traduzido por “já” e se combina com todos os tempos.

65) *a-karú-ta-ma*

1p-comer-ARES vs. 1p-comer-FUT-ARES

“ya comí/estoy realmente satisfecho” vs. “comeré sin duda”.

O uso de *voi* também marca como um morfema de evidencialidade assertiva em Guaraní paraguaio.

66) **av.** *nd-a-rowiá-i woi upéa*

NEG-1p-creer-NEG AS DEM

“no creo luego eso”.

Outro tipo de evidencialidade é a construção com verbo serial do tipo *-ĩ* “estar”, “hallarse”. Usa-se na situação que não permite o uso de *estar* + gerúndio em castelhano ou em português, mas que expressa a ideia de aspecto continuativo de castelhano e português. Já para Guaraní Chaqueño o *-ĩ* não expressa a evidencialidade.

- 67) **av.** *kuñakarai o-ñe'e h-ína i-memby-kuéra-ndi*
 señora 3p-hablar 3p-CONT 3p-hijo-pl-con
 “la señora estaba hablando con sus hijos”.

O trabalho de Dietrich é uma contribuição importante aos estudos sobre tempo e aspecto em Tupí-Guaraní e, também para o estudo das expressões de modalidade, embora a leitura que ele faz, outros autores descrevem como modalidade, como *-ta* em outras línguas Tupí-Guaraní (Ver Tonhauser 2006, Cabral et al. 2010), seja uma leitura desse morfema como expressão de tempo. Dietrich (2010, p. 80) conclui seu artigo ressaltando a ausência de estudos mais profundos que tenham em conta a existência de categorias gramaticais diferentes das tradicionais – tempo, aspecto, evidencialidade, modo, assim como o caráter nem sempre plenamente gramaticalizado de vários morfemas considerados em seu estudo.

Na nossa análise de tempo, aspecto e modalidade em Mbyá (Tambeopé), adotaremos uma outra visão de temporalidade. Seguiremos a abordagem de Desclés e Guentchéva, segundo a qual a enunciação engendra um processo particular do ato da enunciação, dito enunciativo e se caracteriza por um começo, (o começo do ato da fala) marcado por uma borda fechada à esquerda e por uma borda direita do não terminado T0, o qual constitui o corte contínuo entre o realizado e o não realizado, “[...] o primeiro instante do não realizado” (DESCLÉS, 1980).

Concideramos na nossa análise a obrigatoriedade do uso de marcas aspectuais, temporais e modais, os meios pelos quais são expressas e os efeitos que produzem na interação verbal.

A nossa análise, como mostraremos no capítulo 5 e 6, embora compartilhe alguns traços com as análises de Taylor, Dietrich e Tonhauser, tem sua identidade própria e procura adequar-se às perspectivas dos falantes nativos nas interações comunicativas.

CAPÍTULO IV: APORTE TEÓRICO

4.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Nesta dissertação nos pautamos na visão teórica defendida por Desclés e Guentchéva segundo a qual:

[...] as noções de aspecto e de tempo transcendem o sistema gramatical das línguas e se realizam diferentemente em cada uma dentre elas, de acordo com categorias específicas e com procedimentos morfossintáticos diferentes, mas frequentemente em interação, de uma parte, com o léxico verbal, a quantificação e as expressões adverbiais e, de outra parte, os modos de ação (Aktionsart) e a modalidade (GUENTCHÉVA, 2011, p.1).

A escolha desta teoria fundamentou-se no fato de que é a única teoria existente que dá conta dos fatos da realidade da língua Mbyá (Tambeopé), na qual é visível a interação entre modalidade e tempo, por um lado, e aspecto e tempo, ou aspecto, tempo e modalidade, por outro. Além dessa interface envolvendo tempo, aspecto e modalidade, há ainda a fundamental distinção aspectual entre estado, evento e processo feita por Desclés e Guentchéva e que são distinções fundamentais na língua foco desta dissertação.

Finalmente, a distinção aspectual entre terminado (algo apenas terminado, mas não completamente acabado) e acabado (acabado completamente, esgotado) considerada por Desclés e Guentchéva é fundamental na língua Mbyá (Tambeopé). Nas sessões seguintes, resumimos duas das principais referências bibliográficas de autoria de Desclés e Guentchéva que nortearam a presente dissertação. Essas seções são seguidas de considerações finais sobre o aporte teórico do Modelo de Desclés e Guentchéva para a presente dissertação.

Como ressalta Guentchéva (2011, p.1), o modelo que desenvolve em parceria com Desclés, desde a década de 1980, procura precisar certos conceitos e apresentar novos conceitos de estado/evento/processo, como destacados por Comrie (1976), Lyons (1977), Mourelatos (1981), Chung et Timberlake (1985), Bach (1986), entre outros, em oposição à distinção dicotômica entre estado e evento defendida por outros autores como Galton (1976), Kamp (1979), Bennett (1981), e Thelin (1990). No modelo defendido por Desclés e Guentchéva são fundamentais as noções de processo

enunciativo, de borda, de um intervalo topológico, de relações de orientação, de referenciais enunciativos, das noções de não atualizado, de mediativo, entre outras, as quais permitem construir oposições nocionais como terminado/não terminado, acabado e não acabado, contrastes que, como frisa Guentchéva, não coincide com o *accomplishment et achievement* de Vendler (1957).

O modelo permite também construir conceitos de perfectividade/imperfectividade ou dos diferentes modos de ação (Aktionsart), e de aspecto gramatical/aspecto lexical. Trata-se de um modelo que, por sua vez, orienta-se a partir de duas importantes perspectivas, uma enunciativa e uma cognitiva, inspirado nos trabalhos de K. Bühler (1934/2009) e de E. Benveniste (1966, 1974).

4.2 SOBRE ASPECTO

Guentchéva (2011) define aspecto como um operador que atua em uma relação predicativa (constituída de um predicado e de seus argumentos sobre os quais o predicado opera). Dessa forma, o aspecto se realiza sobre uma zona temporal e pode ser apreendido como estável ou estabilizado (estado), no curso de sua evolução (processo) ou como uma transição (evento).

a) Conceito de estado

O conceito de estado implica ausência total de mudança e de descontinuidade, de, isto é; todas as fases da situação caracterizam-se por uma ausência de [+descontinuidade] como mostra o exemplo:

“L’homme est mortel; Le ciel est bleu; Les enfants sont malades/contents/heureux;”

(O homem é mortal; O céu é azul; As crianças estão doentes/contentes/felizes).

O estado não teria, assim, nem um estado inicial, nem um estado final, e sua configuração seria assim representada: •]—[•

Mas, como observa Guentchéva (2011), um estado pode ser limitado, assim que a distância entre as duas bordas pode ser medida, por exemplo:²⁸

“Luc est (actuellement) dans le parc; Le soleil est au zenith”.

(Luc está (atualmente) no parque; O sol está no zênite.)

b) Conceito de evento

No modelo proposto por Desclés e Guentchéva, quando a relação predicativa é apresentada como um evento, ela é relacionada a uma situação dinâmica que introduz uma dupla descontinuidade terminal, indicando uma transição entre um antes (estado inicial) e um depois (estado resultativo), como em:

a)“Les étudiants ont distribué des tracts ce matin”.

(Os estudantes distribuíram panfletos nesta manhã.)

b)“Il s'approche de lui sans bruit et lui donna un coup de marteau sur la tête”.

(Ele se aproximou dele sem barulho e lhe deu um golpe de martelo na cabeça).

A zona de realização de um evento é um intervalo topológico fechado à esquerda (borda inicial aberta) e fechada à direita (borda final fechada): $[\bullet\text{---}\bullet]$. As bordas fazem parte do intervalo.

c) Conceito de processo

Assim que a relação predicativa é apresentada como um processo, ela é percebida como uma evolução interna e marca necessariamente uma descontinuidade inicial entre o que era estável antes da mudança, sendo que esta se opera em diferentes fases. Segundo Guentchéva, o processo é construído como uma sucessão de mudanças e se orienta a partir de seu começo que é um evento pontual, na direção de um final que nem sempre é atingido. No modelo de Desclés e Guentchéva, o processo se realiza sobre um intervalo necessariamente fechado à esquerda e aberto à direita. “Cadaque

²⁸ Guentchéva (2011, p. 4) chama a atenção para o fato de, em espanhol, “ser” e “estar” constituírem “un bon exemple pour illustrer l’opposition entre un état non-borné et un état borné respectivement” ([...] um bom exemplo para ilustrar a oposição entre um estado sem bordas e um estado com bordas, respectivamente – Tradução nossa).

processus se réalise sur un intervalle nécessairement fermé à gauche et ouvert à droite
[•→[²⁹”

O processo, segundo o modelo, implica uma mudança relativa a movimentos tanto espaço-temporais quanto mudanças de propriedades que afetam uma entidade:

“Les enfants sont en train de corriger leurs devoirs; La nuit tombe”.

(As crianças estão corrigindo seus deveres. A noite cai).

Uma característica muito importante do processo é a de que quando a relação predicativa é totalmente realizada, por exemplo, um dos argumentos é totalmente afetado, nesse caso, o processo engendra um evento completo, acabado (*achevé*):

“Ils ont détruit/détruirent le pont; Il a ouvert/ouvrit la fenêtre”.

(Eles destruíram a ponte; Ele abriu a janela).

Por outro lado, quando um processo é interrompido durante o seu desenvolvimento, antes de atingir seu final, ele engendra um evento que é simplesmente terminado (*accompli*):

“Il a couru dans le parc; Il a marché pendant deux heures”.

(Ele correu no parque; ele caminhou por duas horas).

Gwenchéva salienta que todo processo terminado é completado, mas nem todo processo completado é terminado:

a) “Cet après-midi, il a peint le mur en une heure (événement achevé)”

(Esta tarde ele pintou o muro em uma hora. (evento completado))

b) “Cet après-midi, Jean a peint le mur pendant une heure (événement accompli)”

(Esta tarde João pintou o muro durante uma hora. (evento terminado))

²⁹ Cada processo se realiza em um intervalo necessariamente fechado à esquerda e aberto à direita [•→[
(Tradução nossa)

4.2.1 Sobre a temporalidade linguística

Segundo Guentchéva (2011), a temporalidade apreendida pelas línguas não se confunde com o tempo externo (tempo do calendário, tempo cósmico, tempo tecnológico, o tempo da História reconstruída.). Guentchéva ressalta que, mesmo que essa concepção seja compartilhada por muitos linguistas, principalmente francófonos, a maior parte dos modelos linguísticos não tem verdadeiramente em conta isso e a apresentam sob a forma de um eixo totalmente ordenado (passado–presente–futuro). Para Guentchéva, a temporalidade linguística não se apresenta sob uma forma linear em que um passado realizado seria separado de modo simétrico de um futuro. É nesse ponto que Guentchéva afirma que o modelo defendido por ela e por Desclés se diferencia do proposto por H. Reichenbach (1947), mesmo com os diversos desenvolvimentos propostos, que incluem os intervalos, “[...] il s’agit bien d’un seul axe temporel sur lequel sont projetés le S (point of Speech), le R (point of Reference) et le E (point of Event)”³⁰

Guentchéva (2011) frisa que, além do estatuto ambíguo de R(eferência) (Comrie 1981, Bertinetto 1986, Binnick 1990), o ato da enunciação, pelo menos do ponto de vista cognitivo, não pode ser levado a um momento da enunciação. Para Guentchéva, a enunciação engendra um processo particular do ato da enunciação, dito enunciativo, e se caracteriza por um começo, (o começo do ato da fala), marcado por uma borda fechada à esquerda e por uma borda direita marcando o não terminado T0, o qual constitui o corte contínuo entre “le réalisé” e “le non réalisé”, c.-à-d. “le premier instant du non réalisé”³¹. (DESCLÉS 1980 apud GUENTCHÉVA, 2011, p.7).

4.2.2 Sobre a noção de referencial espaço-temporal

No modelo de Desclés e Guentchéva, “un référentiel temporel” é um conjunto de instantes ordenados linearmente, estruturado pelas relações de concomitância (=), de diferenciação (\neq), de anterioridade ($>$) e de posterioridade ($<$). O referencial fundamental é o referencial enunciativo (REN), e para dar conta das situações em um discurso (situações hipotéticas, verdades gerais ou gnômicas, discursos reportados...), é

³⁰ “[...] trata-se bem de um só eixo temporal sobre o qual são projetados o S (ponto da Fala), o R (ponto da Referência) e o E (ponto do Evento).” (Tradução nossa).

³¹ “o realizado” e “o não realizado”, isto é, “o primeiro instante do não realizado” (Tradução nossa).

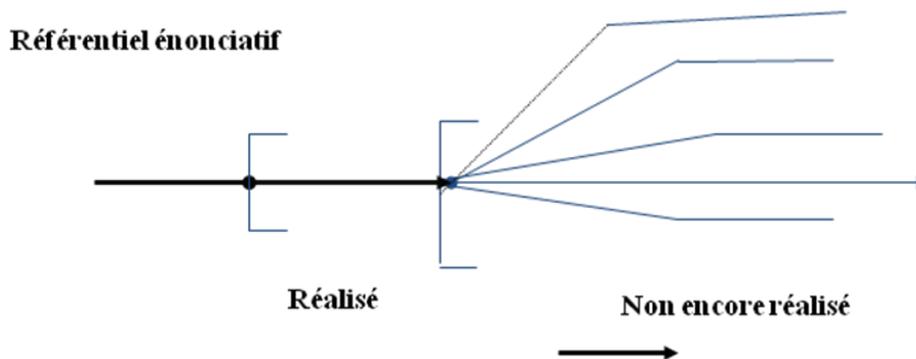
necessário construir outros referenciais temporais: referenciais mediativos; referenciais dos possíveis; referencial dos pensamentos ou quadro dos pensamentos, referencial dos comentários, entre outros.

4.2.3 Sobre o referencial enunciativo (REN)

Segundo Guentchéva (2011), o REN é autônomo em relação ao referencial externo (tempo do calendário), mas é compatível com a condição de precisar as condições de sincronização. No REN, T0 constitui um ponto de orientação fixo, mas sua projeção sobre o referencial temporal externo t_m ³² é móvel (DESCLÉS, 1980).

Segundo a autora, o REN é composto de dois domínios distintos: o “realizado” e o “não realizado”

Fig. 3. Estrutura do Referencial enunciativo



Fonte: Guentchéva (2011, p. 9).

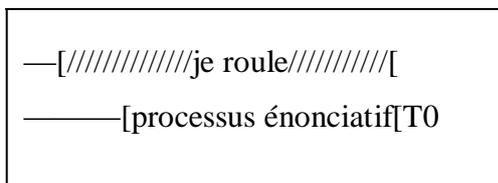
Consoante o modelo de Desclés e Guentchéva o realizado compreende os eventos, estados e processos que estão ocorrendo ou que já tiveram lugar, daí serem do domínio da certeza, do certo. Se iniciaram antes do T0. O realizado é, segundo o modelo, um eixo orientado que se estende até o T0, mas que o exclui. Já o não realizado não é o simétrico do realizado e possui uma estruturação muito mais complexa.

Guentchéva (2011) mostra por meio de vários exemplos, que a concomitância entre estados, eventos e processos não é simétrica, como no exemplo a seguir:

³² Tempo referencial externo (móvel).

“Eu dirijo lentamente por causa da nevoa”.

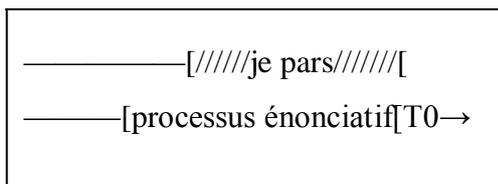
Esta não simetria é representada pela figura seguinte:



Outro exemplo que mostra a não simetria entre o ato enunciativo e o tempo linguístico é o seguinte:

“Je pars; Je m’en vais”.

(Eu parto; eu vou embora)



Em suma, o modelo de Desclés e Guentchéva mostra que a temporalidade linguística não se reduz a um eixo linear onde o presente viria separar de forma simétrica o passado e o futuro. O modelo mostra também que noções aspectuais de base (estado, evento e processo) não são sempre ligadas simetricamente à enunciação.

4.3 TIPOLOGIA UNIVERSAL, DESCLÉS E GUENTCHÉVA

Em seu artigo intitulado *Universals and typology*, Desclés e Guentchéva (2011) analisam a situação atual dos estudos tipológicos e observam as características de estudos de variações através das línguas e as restrições que elas têm. Esses autores também trazem ideias e teorias de vários pesquisadores que tratam a questão no âmbito da tipologia universal, como (COMRIE, 1976; GREENBERG, 1963; DAHL, 1985; BYBEE e DAHL, 1989). Ao comentar a metodologia desses autores Desclés e Guentchéva (2011) salientam que suas pesquisas são baseadas em dados representativos

de fenômeno linguístico, refletindo um esforço para garantir tanto a diversidade linguística quanto a independência histórica. São conjuntos de dados retirados de gramáticas de referência, de textos e questionários de trabalho de campo.

Segundo Desclés e Guentchéva há duas abordagens principais:

- Uma é a abordagem indutiva — excedendo propriedades e primitivos que são usados para a classificação de citação de línguas.
- A outra é de propriedade conceitual e de natureza cognitiva — determina fenômenos morfossintáticos, expressos através das línguas.

Segundo Desclés e Guentchéva, Benveniste (1966, p. 119) preocupa-se com propriedade da linguagem humana uma vez que ela não pode estar restrita a aspectos formais das línguas. Para ele, “[...] o que pode ser comparado no sistema linguístico e ser completamente de outros são as funções, assim como relações entre as funções indicadas pelas marcas formais”. No mesmo sentido, Seiler (1990, p. 157) afirma que, “[...] o último objetivo da tipologia e da linguística geral é explicar o modo como as línguas específicas estão conectadas com conceitos unitários de linguagem.”

Desclés e Guentchéva (2011) salientam que para os Chomskianos, as propriedades que as línguas têm são inatas, independem de qualquer outra língua, isto é, são especificidades da habilidade da linguagem humana. Também as línguas são caracterizadas por parâmetros associados a propriedades formais e gerais.

4.3.1 Universais invariantes e primitivos

Desclés e Guentchéva, citando a ideia de Greenberg (1963, p. 78), ressaltam que os universais tipológicos são generalizações feitas através das línguas.

Segundo Desclés e Guentchéva (2011, p. 3) a noção de aspecto pode ser uma expressão vista de uma perspectiva em que opera sobre a relação predicativa, dependendo se a relação é apresentada em forma de estado de evolução, ou passando por uma transição, possivelmente levando a um resultado. Os autores definem aspecto como forma invariante semântica que pode ser suplantada de uma análise empírica das línguas, na qual se distingue da simples temporalização, consistindo em situar ou não a relação predicativa em referência ao ato enunciativo.

Segundo Desclés e Guentchéva (2011, p. 3) os estudos tipológicos requerem que os primitivos semânticos usados sejam especificados e que as suas composições tornem visíveis as variantes semânticas das categorias lexicais e gramaticais.

Assim como a mudança é muito importante, oposta à estabilidade, quando se trata de aspecto a noção de mudança de uma coisa pra outra dentro de ação, dentro de estado e dentro de evento é tão importante quanto a estabilidade. Essas noções não são sempre bem definidas pelas abordagens existentes, por isso algumas vezes apresentam incoerências, por exemplo, por caracterizar o estado sem fronteira, oposto a eventos com fronteiras. Um exemplo de evento ou de acontecimento é, “chegou uma menina”, de estado é “estou doente”, “estou gripado”, “estou sentado”. É impossível distinguir estados permanentes e sem fronteiras de estados contingentes, exemplo: “acabou de acontecer”. A noção de fronteira deve ser caracterizada por certas propriedades operacionais e explicitamente ligada a noções básicas como estabilidade, estado, mudança, processo, transição e eventos. Os autores analisam que uma definição insuficiente de noções leva a confusão, com cada escola usando terminologias específicas, sem necessariamente estabelecer correspondências entre conceitos operacionais.

Segundo Desclés e Guentchéva (2011, p. 3) a comparação de invariante intralinguística que é formulada usando a noção de primitivo bem definido, tornaria possível extrapolar invariante através das línguas, tendo o universal tanto gramatical quanto lexical transcendendo diversidades das linguagens. Naturalmente é muito difícil entender as diferenças entre primitivos semânticos e variantes semânticas e universais, mas isso é certamente um dos objetivos da linguística com relação à tipologia linguística.

4.3.2 Tipologia de aspecto

Desclés e Guentchéva (2011, p. 4) observam que apesar de um vasto número de pesquisadores tratarem de temporalidade e aspectualidade, existem pontos fundamentais de divergências na descrição do fenômeno aspectual através das línguas. Embora orientados tipologicamente com respeito a tempo e aspecto, os resultados confirmam que os fenômenos aspectuais são marcados gramaticalmente e lexicalmente, enquanto que o tempo, aspecto e modalidade interagem um com outro.

4.3.3 Aspecto

Desclés e Guentchéva afirmam, embora com uma certa soma de criticismo, que muitos estudos de “actionality” começam com a classificação de quatro modos de Vendler (1957):

- a) “João é polido” “ João conhece Frances”. (estado)
- b) “João andou pelo parque”. (atividade)
- c) “João escreveu uma carta”/”João atravessou a estrada”.(*accomplishment*) que significa “realização”/ “feito”.
- d) “João atingiu o pico da montanha ” (achievement) porque chegou ao máximo do feito ou da realização dele, porém é uma realização com sucesso.

Segundo Desclés e Guentchéva (2011, p. 4), linguistas pós-Vendler como Dowty (1972) usam os os traços [+/-pontual], [+/-durativo], [+/- télico] e [+/-dinâmico] para distinguir estado, atividades, *accomplishments* e *achievements*, como sistematizado no quadro, que reproduzimos em seguida:

Quadro 4

	pontual	durativo	télico	dinâmica
Estado	-	+	-	-
Atividades	-	+	-	+
Accomplishments	-	+	+	+
Achievements	+	-	+	+

Pontual=exato, preciso.

Durativo= ação contínua ou prolongada.

Télico=ação que visa atingir uma finalidade.

Dinâmico=processo ou mudança de estado, movimento.

Segundo Desclés e Guentchéva, (2011) vários autores como Comrie (1976) e Mourelatos (1978) também ressaltam a importância da distinção entre estado, processo

e evento. Já outros, como Galton (1976); Kamp (1979), Bennett (1981), Koseska & Mazuerkievicz (1994), ressaltam a importante distinção entre estado, processo e evento.

4.3.4 Noção de evento

A noção de evento significa entrar no processo, se refere à situação que termina produzindo uma nova situação, ou seja, “eu comecei a emagrecer” significa produzir uma nova situação, “vou ficar magro”, isso é entrar no processo.

Desclés e Guentchéva (2011, p. 7) destacam a ideia de Bybee (1985) afirmando que “as línguas que têm flexão podem ter uma oposição entre presente e passado, perfectivo e imperfectivo ou os dois”. Passado imperfectivo tende a ser expresso flexionalmente.

Desclés e Guentchéva (2011, p. 7) destacam a ideia de Dahl (1985, p. 78) de que todas as formas flexionais que ele chama de tipicamente perfectivo denotam um evento que é visto como não analisado, como tudo que tem resultado bem definido ou sinal localizado no passado, ou seja, a noção de perfectivo. Podemos observar essa ideia de Dahl pelo exemplo: “ele comeu”, o sinal de comer já está no passado, é um evento, já está feito, tem resultado ou um sinal de um estado localizado no passado e, para interpretar isso como perfectivo, a forma gramatical tenta dizer que a “coisa” acabou.

As línguas flexionais podem ter oposição, a) passado X presente; b) perfectivo X imperfectivo.

Desclés e Guentchéva (2011, p. 8) citam Benveniste (1961, p. 260) sustentando que “nas línguas Slavic, perfectivo/ imperfectivo não podem ser considerados típicos das categorias de aspectos”. Também Dahl (1985, p. 69) informa que “o sistema Slavic é meio idiossincrático”.

4.3.5 Interação de aspecto₁ e aspecto₂

Desclés e Guentchéva (2011, p. 9) destacam a observação feita por Sasse (2002, p. 207-211) de que as pesquisas sobre aspecto tendem a se concentrar mais na morfologia e também nas línguas européias. Ressaltam também que a noção de fronteira é compartilhada tanto por aspecto₁ quanto por aspecto₂.

Para entender a noção de fronteira, temos que relacioná-la a intervalo. Assim, o que está dentro é o intervalo, por exemplo: “estou começando a comer”, que está em um intervalo, cujas fronteiras podem estar abertas. Neste caso não pertence ao intervalo.

Segundo Desclés e Guentchéva (2011, p. 11) a situação **estativa** é essencialmente indicação de uma ausência de mudança, o estado não tem mudança, tem estabilidade num intervalo. As situações estativas contêm propriedades e subintervalos. O evento que expressa uma mudança no início e no final.

Esses autores consideram a noção de **telicidade** como essencial para o entendimento das noções aspectuais, por exemplo: “ele se banhava”= télico significa que ele se “banhou”, e “ele se limpava”= atélico, que não quer dizer que ele se limpou. Assim como o verbo “correr”, por exemplo: “Ele corre no parque esta manhã”= atelico, “ele corre ate o correio”= télico.

Desclés e Guentchéva (2011, p. 13) exemplificam o **processo** com exemplos como “ele está caindo no sono”, um processo que indica passagem para o sono (em que ele não está dormindo), para uma mudança a alcançar o estado de dormir. O evento está completo quando o processo é interrompido e se torna um evento, porque uma fronteira terminal deve ser levada em consideração “ele estava correndo no parque quando uma arvore bloqueou o seu caminho”. O evento se completou quando o processo que ele deu origem resultou no final natural.

Outro exemplo é o seguinte: “João não fuma mais” significa que não existe mais “João fuma” isso emana de um estado contínuo.

Segundo Desclés e Guentchéva (2011, p. 13) é muito importante notar que, em muitas línguas, uma simples forma morfológica pode expressar tanto evento quanto o estado que resulta do evento. Isso significa que um processo atingiu seu fim, seu término, gerando tanto um evento completo quanto completado.

4.3.6 Noções aspectuais

- a) achivement= completo (aconteceu, realizou completamente)
- b) accomplissement= (aconteceu, terminou).

Desclés e Guentchéva (2011) distinguem perfectividade de imperfectividade e mostram que a distinção conceitual é em muitas línguas expressa mais ou menos diretamente seja por marcas gramaticais, seja por perífrase sintática. Na língua portuguesa encontramos “estou acabando de comer”.

4.3.7. Diferenças entre estado, evento e processo, segundo Desclés e Guentchéva

Estado = não tem mudança (o homem é mortal)

Evento = acontecimento, realização de algo.

Processo = realização continua até o seu término, ação continuada até alcançar a culminância da realização ou da atividade= completada.

Vejamos os detalhes no quadro a seguir:

Quadro 5

To take in account			
	Initial left bound	Terminal right bound	Evolution
State	-	-	-
Process	+	-	+
Event	+	+	+

4.4 CONSIDERAÇÕES GERAIS

Desclés e Guentchéva (2011) contribuíram para os estudos linguísticos trazendo suas análises e teorias pertinentes com respeito à Tipologia Universal sobre tempo, aspecto e modalidade, destacando os vários estudos feitos por outros autores no âmbito das noções de tempo e aspecto, alguns divergentes de suas ideias e outros convergentes. Os estudos de Desclés e Guentchéva foram de grande importância para o desenvolvimento do trabalho linguístico sobre tempo, aspecto e modalidade apresentado nesta dissertação. Ambos os autores, em conjunto (Desclés 1980, 1989 e Desclés e Guentchéva 2011), ou individualmente (Guentchéva, 2011) destacam a noção de aspecto como expressão em uma relação predicativa, podendo constituir-se em um

estado, uma evolução, em uma transição, possivelmente levando a um resultado. Definem aspecto como forma invariante semântica que pode ser extrapolada de uma análise empírica das línguas nas quais se distingue da simples temporalização, consistindo em situar ou não a relação predicativa em referência ao ato enunciativo. Classificam as acionalidades de um evento em Estados, Atividades, Acabado e Terminado. Enfatizam também as diferenças nocionais de “estado”, “processo” e “evento”, as quais, cada uma tem sua própria característica enquanto acontecimento no tempo.

A teoria de Desclés e Guentchéva, como veremos na análise de um relato mítico de um falante Mbyá (Tambeopé), *Kwaray a'egui djabatxy oiko ypy rã gware* “A origem do Sol e da Lua”, é um suporte para a compreensão de noções linguísticas fundamentais que participam da estruturação e que distinguem tipos de discursos nessa língua.

CAPÍTULO V: TEMPO, ASPECTO E MODALIDADE EM UM TEXTO GUARANÍ MBYÁ (TAMBEOPÉ)

5.1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Neste capítulo desenvolvemos uma análise de um relato mítico em Mbyá (Tambeopé) proferido por Wera Kwaray, vulgo Antônio Carvalho, 47 anos, residente na aldeia Tekoa Porã, conhecida em português como Boa Esperança. Wera Kwaray é Cacique, falante pleno da língua Mbyá (Tambeopé) e lutador em favor dos direitos da cultura, auto-sustentabilidade e auto-determinação do seu povo Guaraní, como um todo.

A análise linguística que aqui desenvolvemos focaliza as expressões de tempo, aspecto e modalidade em relatos míticos, à luz da teoria de Desclés (1980, 1989), segundo a qual “[...] as noções de aspecto e de tempo transcendem o sistema gramatical das línguas[...] frequentemente em interação, de uma parte, com o léxico verbal, a quantificação e as expressões adverbiais e, de outra parte, os modos de ação (*Aktionsart*) e a modalidade.” (GUENTCHÉVA 2011). Como veremos adiante, em Mbyá (Tambeopé), é visível a interação de tempo com modalidade, por um lado, e, por outro lado, as expressões de tempo e de aspecto diferem do tempo e aspecto gramaticalizados em verbos de várias línguas indo-européias. Aspecto em Mbyá (Tambeopé) corresponde ao que Desclés e Guentchéva chamam de modos de ação (*Aktionsart*), e tempo se manifesta por meio de palavras que exprimem noções temporais de passado associadas a fonte de informação, de forma que o embasamento teórico escolhido é o mais adequado à realidade da língua estudada, como mostraremos a seguir.

A nossa análise das categorias de tempo, aspecto e modalidade em Mbyá (Tambeopé) difere em vários aspectos de análises das mesmas categorias propostas para as línguas Mbyá (DOOLEY, 2006) e Kaiowá (TAYLOR, 1984; CARDOSO, 2008). A divergência, advém, sobretudo, da visão de tempo, aspecto e modalidade que adotamos. Esses autores tratam o tempo como dividido em presente, passado e futuro, e visto separadamente de modalidade. O que consideramos como modalidade em Mbyá (Tambeopé) é tratado como aspecto em Kaiowá por Cardoso (2008, p. 90-92). Taylor descreve para a mesma língua a distinção temporal entre futuro e não futuro e considera como marcas de tempo futuro o que nós consideramos marcas de modalidade. Por outro

lado, Taylor (1984, p. 21) identifica pelo menos uma das partículas que expressam noções de passado como associada ao conhecimento da informação pelo falante, embora não reconheça essa relação com respeito às outras partículas temporais e não as conceba como expressões de modalidade, como fazemos nós. Entretanto, Taylor deu as primeiras pistas para a interpretação de partículas Tupí-Guaraní como expressões de modalidade epistêmica (CABRAL, 2007).

5.2 ANÁLISE DE UM RELATO MÍTICO EM MBYÁ (TAMBEOPÉ)

Nesta seção analisamos categorias semânticas de tempo, aspecto e modalidade no contexto de um relato oral, em que as expressões dessas categorias se repetem, em posições sintáticas definidas, nas quais ficam claras suas respectivas funções, formas e distribuição.

O texto foi primeiramente analisado em uma perspectiva interlinear, focalizando constituintes sintáticos e a organização da estrutura interna das palavras (análise morfológica e morfossintática), com uma tradução livre de cada trecho analisado, porém aproximada maximamente da semântica da língua indígena. Essa análise foi fundamental para que identificássemos o escopo das partículas aspectuais, temporais e modais que são foco de nosso interesse, assim como os seus significados e funções discursivas.

Organizamos a presente análise em diversas seções, conforme segue. A versão completa do texto analisada é apresentado no anexo desta dissertação.

5.2.1 Aspecto

O texto escolhido para análise apresenta várias expressões aspectuais encontradas na língua Mbyá (Tambeopé). A análise que propomos para essas expressões de aspecto considerou o fato de que elas são usadas com a mesma relativa liberdade com a qual são usados advérbios em Português. Algumas expressões de aspecto em Mbyá (Tambeopé) podem coocorrer no escopo da mesma predicação e há mais de uma possibilidade de expressar certas noções aspectuais. Listamos em seguida as expressões de aspecto identificadas no texto analisado: *wy* “progressivo”, *iny* aspecto

“permansivo/continuativo”, *-iny* “estativo dinâmico 1”, *-iko* “estativo dinâmico 2”, *-ĩ* “estativo sem movimento”, *djepi* “frequentativo”, *dju* “repetitivo”, *we* “aditivo”, *-pa ~ -mba* “completivo”, e *teri* “incompletivo”. A língua Mbyá (Tambeopé) faz também uso de reduplicação, seja do verbo intransitivo ou transitivo com o seu sujeito, seja de parte da raiz verbal, quando a raiz possui duas sílabas ou mais, para expressar ação plural.

É importante esclarecer que consideramos expressões de aspecto ou modos de ação (*Aktionsart*), em Mbyá (Tambeopé), o que pode funcionar como um operador que atua em uma relação predicativa, em uma zona temporal na qual são importantes as noções de intervalo e de bordas (DESCLÉS 1980, 1989; GUENTCHÉVA, 2011). Assim, tudo o que não pode ser visualizado relacionado a bordas de um intervalo temporal não foi aqui considerado como aspecto.

5.2.1.1 Expressões aspectuais de estabilidade de uma relação predicativa

O Mbyá (Tambeopé) faz uso de quatro expressões aspectuais que qualificam uma relação predicativa como estável, em que as bordas são abertas, conforme o diagrama a seguir:

•]—[•

Entretanto, há a possibilidade de o intervalo estável situar-se dentro de outro intervalo, ambos abertos.

]—•]—[•—[

a) wy “progressivo”

Esse aspecto marca a estabilidade temporal de um estado, evento ou processo, mas ressaltando um estado progressivo. Corresponde à semântica do gerúndio de línguas românicas, mas deve ser considerado não como modo e sim como expressão de aspecto. A partícula *wy* ocorre seguindo a predicação sobre a qual opera. E como veremos adiante, segue partículas aspectuais de outras naturezas, e também partículas modais (modalidade). No exemplo seguinte, *wy* segue o predicado *ombodjera*,

expressando a estabilidade temporal do mesmo, como uma predicação em processo. O que é ressaltado é o intervalo temporal em que a criação se deu, um intervalo estável e dinâmico, concomitante com o viver do *Nhande ru* na Terra.

- 1) Nhanderu tenonde ma dje ywy ombodjera ma wy
 nhande r-u t-enonde ma dje ywy o-mbo-djera ma wy
 1 incl R¹-pai R⁴-frente MD report terra 3-caus-criar MD prog
 Nosso pai superior, contam, ao criar a Terra
- 2) oiko raka'e, oiko ranhe raka'e, apy ko aỹ,
 o-iko raka'e o-iko ranhẽ raka'e apy ko aỹ
 3-existir pass.rem 3-existir primeiro pass.rem aqui nesta(terra) atual
 ele vivia antigamente, vivia primeiro antigamente, aqui nesta (terra) atual

]——•]——[•——[

ao criar a terra

vivia antigamente nessa terra atual

Wy marca, assim, o intervalo durante o qual *Nhande ru* criava a Terra.

No exemplo 142, wy marca a relação predicativa estável, em progresso, portanto dinâmico, em que é a incapacidade do sujeito de matar que é ressaltada, embora estivesse tentando matar. Não houve o matar, mas uma situação em que se tentou matar, uma situação temporalmente estável e progressiva.

- 142a) ndapedjukai ae wy ma peru katu apy txerymbarã
 nda- pe-djuka-i ae wy ma
 neg 23-matar-neg enf prog MD

- 142b) pe-r-u katu apy txe r-yмба rã
 23-caus.c.-trazer boa aqui 1 R¹-criação proj
 não conseguem matar mesmo, tragam aqui para ser minha criação

No exemplo 64 seguinte, wy marca a estabilidade temporal progressiva da série de eventos *repassar*, *pegar* e *vir*. É interessante notar que a partícula *djepi* contribui para ressaltar a natureza habitual das predicções. A coocorrência de expressões aspectuais é uma característica do aspecto em Mbyá (Tambeopé) e em outras línguas Tupí-Guaraní (CABRAL *et al*, 2010), colaborando uma com a outra para uma semântica precisa, adequada da predicação.

- 64) e'i ramo omboatxa djepi, odjopy djepi, omono'o ouwy,
 e'i ramo o-mbo-atxa djepi o-djopy djepi o-mo-no'o o-u wy
 disse subor 3-caus.passar frequen 3-pegar frequen 3-caus-juntar 3-vir prog
 Atendendo pedido, repassava, pegava e ela vinha catando,

Já no exemplo 166, wy marca o intervalo estável do tempo em que o sujeito esteve adulto, mais crescido, ressaltando uma ideia de progressão. Note-se que este é um predicado de natureza nominal e não um predicado verbal.

- 166) a'e rami tudjawe ma wy
 a'e rami tudja we ma wy
 esse comp adulto adit MD prog
 nisso, quando já estava mais crescido

Nos exemplos 41 e 61 que seguem, wy marca o predicado *e'i*, ressaltando que, ao dizer, ao falar, o sujeito já caminhava, já ia pelo caminho, uma ação em progresso. Ou seja, já no seu ir, já indo, ele falou.

- 41) Oo wy aipo e'i,
 o-o wy aipo e'i
 3-ir prog ev.son disse
 já indo ele falou,

- 61) e'i wy dja oo, tape po'i'i rupi oo
 e'i wy dja (empr.P) o-o t-ape po'i-'i r-upi o-o
 disse prog já 3-ir R⁴-caminho estreito-aten R¹-pelo 3-ir
 dizendo isso, ela pôs-se a caminho, seguindo pelo caminho estreito

No exemplo seguinte, wy ocorre seguindo a partícula modal *ta* “potencial”:

- 285a) amombo rã tu idjaywu rity'y, wáiri naendukuaai ta wy,
 a-mombo rã tu i-djaywu
 1-jogar proj topic R²-falar

- 285b) rity'y wairi n- a-endu-kuaa-i ta- wy
 surpr mas(restritivo) neg 1-escutar-saber-neg poten prog
 quando eu ia jogar (por minha surpresa) ele falou, mas não entendo

b) A partícula *iny* “aspecto permansivo/continuativo”

A partícula *iny* opera sobre uma predicação caracterizando-a como continuativa ou permansiva. Aplica-se a predicação envolvendo seres animados ou inanimados, seja ela verbal ou nominal. A partícula *iny*, assim como a partícula *wy*, segue o predicado sobre o qual opera. Nos exemplos seguintes *iny* marca o intervalo temporal durante o qual o evento teve lugar, contribuindo com a ideia de permansividade e continuidade.

Nos exemplos 59 e 241, *iny* contribui com a ideia de continuidade/permansividade:

- 59) a'ewy dja otxy ogweraa ma iny
 a'ewy dja o-txy o-gwera-a ma iny
 então já 3.corr-mãe 3-caus.c.-ir MD perm
 então já estava levando a sua própria mãe
- 89) dja oo, oo tema iny a'e
 dja o-o o-o tema iny a'e
 já 3-ir 3-ir contraf.2 perm ele
 já ele foi, ele estava indo insistentemente
- 241) a'e ramo dje yyguy rupi gwa'u oo iny,
 a'e ramo dje yy guy r-upi gwa'u o-o iny
 esse subor report ágwa sob R¹-pelo burla 3-ir perm
 então, contam, quando estava indo por debaixo d'água...

Nos exemplos seguintes, *iny* age sobre uma predicação nominal, e contribui com a ideia de temporalidade estável de um atributo, o de ser grande, referente a caminho, ex. 91, e o de ser má da personagem idosa, ex. 110.

- 91) tape gwatxu iny wa'e py ma owãe
 t-ape gwatxu iny wa'e py ma o-wãe
 R⁴-caminho largo perm NP loc MD 3-chegar
 num caminho largo, ela chegou
- 110) peteĩ mba'eypy waimi'ĩ iny a'e py,
 peteĩ mba'eypy waimi'ĩ inỹ a'e py
 um ser do mal idosa perm essa loc
 estava lá um ser do mal idosa,

5.2.1.2 Noções aspectuais expressas por verbos estativos

a) O verbo estativo *-iny* “estativo dinâmico.1”

O verbo estativo *-iny* opera sobre um predicado caracterizando o seu intervalo temporal como sendo um estado dinâmico. Nos exemplos seguintes o verbo *-iny* ressalta o pescar e o vir como ocorrendo dentro de um intervalo temporal dinâmico, em que algo é praticado continuamente. Nos exemplos 65, 83 e 237, essa ideia de dinamicidade e continuidade do feito é bastante clara.

65) aegui oowe ma oinya py oetxa dju
 a'e gui o-o we ma o-iny-a py o-etxa dju
 esse abl 3-ir adit MD 3-perm-? loc 3-ver rep
 depois indo mais adiante viu novamente

83a) nhã'ã reipotapa reiny mba'emokwe, ywoty reipotapa reiny,
 nhã'ã re-ipota-pa re-iny
 hesitação 2-querer-compl 2-perm

83b) mba'emokwe ywoty re-ipota re-iny
 coisas flor 2-querer 2-perm
 (não) você está desejando tudo, muitas coisas, está desejando flores...

237) odjopoi djekuaa oiny, (odjopoi djekuaa iny)
 o-djopoⁱ djekuaa o-iny
 3-pescar as.vistas 3-perm
 estava as vistas pescando

b) O verbo *-iko* “aspecto estativo dinâmico 2”

O aspecto estativo dinâmico 2 opera sobre uma predicação qualificando-a como um estado de ser dinâmico, iterativo. Difere do verbo *-iny* por operar sobre predicções envolvendo apenas seres animados ao passo que *-iny* opera sobre predicções envolvendo seres tanto animados quanto inanimados. Os próximos exemplos ilustram o uso do verbo *-iko* com função aspectual estativa dinâmica. Note-se que *-iko* pode coocorrer com a partícula *wy* “progressivo”.

- 24a) maino'i raka'e ombodjera raka'e (maino'i ma ogweru raka'e)
 maino'i raka'e o-mbo-djera raka'e
 beija-flor pass-rem 3-caus-criar pass.rem
- 24b) maino'i ma o-gwer-u raka'e
 Beija-flor MD 3-caus.c.-trazer pass-rem
 ele gerou beija-flor, antigamente, gerou beija-flor para trazer
- 25) amaraywi nhanderu okaru oikowy awã
 amaraywi nhande- r-u o-karu o-iko wy awã
 ? 1incl- R¹-pai 3-comer 3-existir prog fnl
para Deus ficar se alimentando
- 295) nhã,odjere-djere odjere dje oikowy a'e rupi,
 nhã o-djere-djere o-djere-djere dje o-iko wy a'e r-upi
 admir 3-girar-red 3-girar-red report 3-existir prog esse R¹-pelo
 nossa! estava girando, girando e girando por lá
- 391) ka'aguy re odjedoraka oikowy wa'e,
 ka'aguy r-e o-djedoraka o-iko wy wa'e
 mata R¹-rel 3-caçar 3-existir prog NP
 aquele que vive caçando no mato
- 401a) tywy,(tywy) monde odjapo awi oikowy a'egui tyke'y awi,
 t-ywy monde o-djapo
 R⁴-irmão + novo armadilha 3-fazer
- 401b) awi o-iko wy a'e gui t-yke'y awi
 também 3-existir prog esse abl R⁴-irmão + velho também
 o irmão mais novo fazia armadilha e o irmão mais velho também,

c) Verbo estativo -ĩ

O verbo estativo *-ĩ* contribui como expressão aspectual de estado sem movimento. Aplica-se muito bem a predicacões com seres animados e inanimados, da mesma forma que *o verbo -iny*, mas, diferentemente deste, não é dinâmico. Dá a ideia de estado estático, como mostram os seguintes exemplos.

- 82) -ãh, mba'ere tu nĩ ikatu py e'ỹ reĩ wa'e ma
 ãh mba'ere tu nĩ i-katu py e'ỹ re-ĩ wa'e ma
 interj por quê topic nem R²-boa loc neg 2-estar NP MD
 ãh, por que? você ainda nem está no lugar apropriado

- 92) (tape po'i'i oĩ a'egui tape gwatxu awi) (explicação do narrador)
 t-ape po'i-'i o-ĩ a'e gui t-ape gwatxu awi
 R⁴-caminho estreito-aten 3-estar esse abl R⁴-caminho largo também
 existe um caminho estreito e um caminho largo também
- 124) a'ewy ma dje djapepo gwatxu oĩ iny wa'ekwe ombodjere,
 a'ewy dje djapepo gwatxu o-ĩ iny wa'e kwe o-mbo-djere
 então report panela.com.asa grande 3-estar perm NP retr 3-caus-revirar
 então, contam, a panela grande que estava ele revirou

5.2.1.3 Aspecto “repetitivo”

O aspecto repetitivo manifesta-se por meio da partícula *-dju*, a qual opera sobre uma predicação caracterizando-a como repetição de uma mesma predicação antecedente.

- 77a) pee ywoty'ia ko nhã iporã ete'i awi, edjopy dju.
 pee ywoty-i ako nhã
 aquela flor-aten esse admir
- 77b) i-porã ete-'i awi e-djopy dju
 R²-bonita vera-aten também 2-pegar rep
 nossa!aquela flor é muito bonita também, pega de novo?
- 68) -pee ywoty'i wa'e edjopy dju txewy pe.
 pee ywoty-'i wa' e-djopy dju txe wy pe
 e
 aquela flor-aten NP 2-pegar rep 1 dat dat
 pega aquela flor para mim novamente
- 69) e'i ramo itxy odjopy dju,
 e'i ramo i-txy o-djopy dju
 disse subor R²-mãe 3-pegar rep
 quando ele disse, a mãe novamente pegou a flor
- 195a) a'e ramo dje odje'oi, odje''oi dju ma tape rupi,
 a'e ramo dje o-dje-'o-i
 esse subor report 3-pl-ir-aux.do.pl
- 195b) o-dje-'o-i dju ma t-ape r-upi
 3-pl-ir-aux.do.pl rep MD R⁴-caminho R¹-pelo
 nisso então eles foram, foram novamente pelo caminho

5.2.1.4 *Djepi* “aspecto frequentativo”

O aspecto frequentativo é expresso pela partícula *djepi*. É mutuamente exclusiva com a partícula *-dju* e como esta, segue imediatamente o predicado, como mostram os exemplos 64 e 243 seguintes.

64) e'i ramo omboatxa djepi, odjopy djepi, omono'ou wy,
 e'i ramo o-mbo-atxa djepi o-djopy djepi o-mo-no'o o-u wy
 disse subor 3-caus.passar frequen 3-pegar frequen 3-caus-juntar 3-vir prog
 Atendendo pedido, repassava, pegava e ela vinha catando,

243a) odjopoi inya py ipindatxã re omoatã djepi oikowy djatxy,
 o-djopoⁱ iny-a py i-pinda- txã
 3-pescar perm-? loc R²-anzol- corda

243b) r-e o-moatã djepi o-iko wy djatxy
 R¹-rel 3-puxar frequen 3-existir prog Lua
 onde ele estava pescando e a lua puxava a corda de vez em quando

5.2.1.5 Aspecto de ação plural

O aspecto plural é marcado por meio da reduplicação do predicado ou de parte deste, ou de predicados complementares. No exemplo 120 seguinte, a reduplicação de um predicado nominal “estando com seus narizes levantados” contribui com a ideia de “muitos chegando”. Note-se que o verbo auxiliar plural *-kuapy*, que dá a ideia de “estar muitos”, reforça também a ideia de “chegar de muitos”.

120a) emiarirõ kwery owãemba ma, owãe wy dje otxiõupi-upi okuapy
 Ø-emiarirõ kuéry o-wãe-mba ma
 R²-neto col 3-chegar-compl MD

120b) o-wãe wy dje o-txiõupi-upi o-kua.py
 3-chegar prog report 3corr-nariz-levantar-red 3-estar.pl.loc
 todos os netos chegaram, contam, com seus narizes levantados (farejando)

Como já mencionamos anteriormente, é muito comum a coocorrência de marcadores aspectuais no escopo de uma mesma predicação. Mas nunca são expressões aspectuais semanticamente próximas, como veremos nas considerações finais deste capítulo.

No exemplo 179 seguinte, a ideia de “trazer muitas coisas”, evento plural, em que mais de um trouxe coisas, é decorrente da reduplicação das palavras “tipo”, *nunga-nunga*, e “semelhante”, *raingwa-ingwa*. Note-se que o sufixo *-kwe* “coletivo” adicionado à palavra “coisa” não contribui com a ideia de aspectualidade do predicado principal, cujo núcleo é trazer, e sim a reduplicação de “tipo” e de “semelhante”.

179a) mba'emokwe, popo raingwa-ingwa a'e nunga-nunga guiwe dje ogweru,
 mba'emokwe popo raingwa-ingwa
 coisas borboleta semelhante-red

179b) a'e nunga-nunga gui we dje o-gwer-u
 esse tipo-red abl adit report 3-caus.c.-trazer
 trouxeram coisas semelhantes, borboletas inclusive (trouxeram)...

5.2.1.6 *We* “aspecto aditivo”

O aspecto aditivo é marcado pelo sufixo derivacional *-we*, que opera sobre uma predicação contribuindo com o significado de adição, mas não se trata de uma repetição, e sim de uma extensão do processo ou evento, como mostra o exemplo seguinte, em que o sujeito foi, depois foi mais adiante. É essa ideia de acréscimo que expressa a partícula *we*. Vejamos outros exemplos:

65) a'egui oowe ma oinya py oetxa dju
 a'e gui o-o we ma o-iny-a py o-etxa dju
 esse abl 3-ir adit MD 3-perm-? loc 3-ver rep
 depois indo mais adiante viu novamente

Nos exemplos seguintes, marca um núcleo de predicado negado, contribuindo também com a ideia de adição, ou melhor, por se tratar de um predicado negado, com a ideia de não adição, “não falar mais” e “não respondeu mais” (ex.87).

87) ndaidjaywuwei nomobe'ui, ndaidjaywuwei,
 nda- i-djaywu-we-i n- o-mo-bem'u-i nda- i-djaywu-we-i
 neg R²-falar-adit-neg neg 3-caus-contar-neg neg R²-falar-rep-neg
 não falou mais, não expressou, não falou mais,

223a) - nhãã, adjaka ipoyi, nhãã, ipoyiwe, ate apê, e'i dje,
 nhãã adjaka i-poyi nhãã i-poyi we
 surpr cesta R²-pesado surpr R²-pesado adit

- 223b) ate a-pẽ e'i dje
 limit (empr. P.) 1-quebrar disse report
 nossa! a cesta está pesada, nossa! está pesada, ate mesmo vou me quebrar,
 disse,contam,

5.2.1.7 Aspecto “completivo”

O aspecto completivo marca um evento ou um processo como completado em sua totalidade. No exemplo seguinte, o sujeito revirou tudo, ou seja, esgotou as possibilidades de revirar. Não havia mais nada a revirar. Já no exemplo 201 o sujeito tinha gerado todos os quatis que existiam naquela situação temporal e local.

- 122) a'ewy dje oeka ombodjerepa,
 a'ewy dje o-eka o-mbo-djere-pa
 então report 3-procurar 3-caus-revirar-compl
 então ele procurou e revirou tudo

O aspecto completivo tem o intervalo com bordas fechadas:

[.....]

ele revirou tudo

- 201) txi'y eta ikuai ombodjerapa ma wa'ekwe ywyrá re,
 txi'y eta i-kuai o-mbo-djera-pa ma wa'e kwe ywyrá r-e
 quati muito R²-estar.pl 3-caus-criar-compl MD PN retr árvore R¹-rel
 tinha muito quati que ele tinha gerado na arvore,

[.....]

ele tinha gerado

5.2.1.8 Aspecto incompletivo *teri*

O aspecto incompletivo opera sobre uma relação predicativa indicando que o processo, estado ou evento projetado, possível ou permitido está incompleto.

- 232) ndooi teri, a'e wa'e re imaendu'a
 nd- o-o-i teri a'e wa'e r-e i-maendu'a
 neg 3-ir-neg incompl esse PN R¹-rel R²-lembrar
 ainda não foram, lembram
- 339) petêi py ma anyi teri,
 petêi py ma anyi teri
 um em MD não ind incompl
 em um ainda não,
- 340) mokoia py ma anyi teri,
 mokoi a-py ma anyi teri
 dois esse-loc MD não ind incompl
 em dois ainda não,
- 358) - anyi teri, nda'ewei teri, e'i,
 anyi teri nd- a'ewe-i teri e'i
 não ind incompl neg anuência-neg incompl disse
 - ainda não, não pode ainda, disse,

Resumimos as expressões de aspecto encontradas no texto no quadro apresentado em seguida.

Quadro 6

Foco aspectual		ASPECTO	
Processuais	<i>wy</i>	“progressivo”	
	<i>iny</i>	“permansivo/continuativo”	
			sujeito
Estados +/- dinâmicos	<i>-iny</i>	“estativo [+dinâmico]”	[+/- animado]
	<i>-iko</i>	“estativo [+ dinâmico]”	[+ animado]
	<i>-ĩ</i>	“estativo [-dinâmico]”	[+/- animado]
Pluralidade	<i>dju</i>	“repetitivo”	
	<i>djepi</i>	“frequentativo”	
	<i>we</i>	“aditivo”	
	<i>reduplicação</i>	“ação plural”	
Compleitude	<i>pa/mba</i>	“completivo”	
	<i>teri</i>	“incompletivo”	

5.2.2 Modalidade

As expressões de modalidade em Mbyá (Tambeopé) relacionam-se diretamente com o conteúdo proposicional e são todas definidas de acordo com o ponto de vista do falante. Toda expressão de modalidade se dá por meio de partículas. Identificamos no texto analisado as seguintes expressões de modalidade: deôntica - permissiva, projetiva, potencial -, empática - desiderativa -, epistêmicas - atestado 1, atestado 2-, reportivo, evidência sonora, alética - dubitativa e possibilidade.

5.2.2.1 Modalidade deôntica

a) Modalidade permissiva

Modalidade permissiva *ta* expressa uma permissão, mas engloba as noções de compulsividade, obrigatoriedade, conselho ehortação. Como mostram os seguintes exemplos:

186) tapeoeme, a'e wa'ere ma tapeoeme,
 ta- pe-o emẽ a'e wa'e r-e ma ta- pe-o emẽ
 permiss 23-ir neg esse NP R¹-rel MD permiss 23- ir neg
 não vão naquela, não vão!

187) tapeoeme ke a'e py, e'i dje,
 ta- pe-o emẽ ke a'e py e'i dje
 permiss 23-ir neg des esse loc disse report
 é para vocês não irem lá!disse,contam,

b) Modalidade “projetiva”

O projetivo *rã* projeta um evento para adiante no tempo. Configura-se como hipótese e é independente do desejo do sujeito. No exemplo 95, o sujeito pergunta por qual caminho ele irá. Ele sabe que o ir dele é algo factível, mas desconhece o caminho por onde vai. Mas também pode ser que ele não vá, ou erre o caminho indo para outro lugar.

- 95) -mba'etxagwa tape rupi tu aa rã, e'i,
 mba'etxagwa t-ape r-upi tu a-a rã e'i
 qual R⁴-caminho R¹-pelo topic 1-ir proj.v disse
 por qual caminho eu irei? disse

O morfema que analisamos como modalidade projetiva segue predicados verbais. Este morfema não deve ser confundido com o morfema *rã* que se combina com nomes, embora ambos tenham a mesma origem.

Embora o exemplo 95 seja o único encontrado no texto em que um predicado se combina com *rã* “projetivo”

c) Modalidade “potencial”

A partícula *-ta* contribui com o significado de potencialidade de realização de um evento ou processo. O falante opta por usar a partícula *-ta* para indicar que o conteúdo informacional do seu enunciado tem o potencial de ocorrer, em decorrência de situações favoráveis ou de sua vontade própria.

- 36) a'ewy ma: -aỹ ma txee aa dju ta ma
 a'ewy ma aỹ ma txee a-a dju ta ma
 então MD agora MD 1 1-ir rep poten MD
 então:- agora eu vou novamente

- 239) - ãh, txe ma aa ta ambotawy,
 ãh txe ma a-a ta a-mbotawy
 interj 1 MD 1-ir poten 1-enganar
 - ãh, eu vou lá enganar...(ele)

Assim como a modalidade projetiva, a modalidade “potencialidade” não é uma marca de futuro, como mostra com clareza o exemplo 51 seguinte.

- 51) tape oetxauka agwe rupi oo ta ma wy
 t-ape o-etxa- uka agwe r-upi o-o ta ma wy
 R⁴-caminho 3-ver- c.prep loc.ref R¹-pelo 3-ir poten MD prog
 antes de ir pelo caminho indicado

5.2.2.2 Modalidade Empática

a) *Ke* “desiderativo”

A categoria de modalidade empática “desiderativo” expressa o desejo do falante com respeito a predicação que segue. No exemplo 37 o pai expressa o desejo de que o ouvinte leve o seu filhinho.

37a) ywa pyte py, a'ewy ma txera'y ryr'u'i ke eraa
 ywa pyte py a'ewy ma txe r-a'y
 céu centro loc então MD 1 R¹-filho

37b) r-yr'u-i ke e-ra-a
 R¹-conceptáculo-aten des (preciso) 2-caus.c.-ir
 no centro do céu, então você precisa levar o meu filhinho

O exemplo 48 mostra que *ke* pode ocorrer também depois do predicado.

48a) - eraa ke txera'y, rerowã awã rami ke eraa, e'i
 e-ra-a ke txe r-a'y re-ro-waẽ
 2-caus.c.-ir des 1 R¹-filho 2-caus.c.-chegar

48b) awã rami ke e-ra-a e'i
 fnl comp des 2-caus.c.-ir disse
 - é preciso que você leve meu filho, faça ele chegar com você, disse,

No exemplo 251, o irmão mais velho expressa o desejo de que os ossos do irmão dele sejam juntados.

251a) tyke'y aipoe'i: - ãh,txerywy kangwe'i ke emono'omba dju,
 t-yke'y aipo e'i ãh txe- r-ywy
 R⁴-irmão + velho ev.son disse interj 1 R¹-irmão + novo

251b) kangwe-'i ke e-mono'o-mba dju
 ossada-aten des 2-juntar-compl rep
 irmão mais velho disse: - ãh, é preciso que junte todos os ossos do meu irmão novamente...

5.2.2.3 Modalidade epistêmica

A língua Mbyá (Tambeopé) possui um sistema de modalidade epistêmica em que são associadas noções de atestado pelo falante e atestado por outro com noções temporais de tempo recente e tempo remoto. O quadro abaixo sintetiza esse sistema:

Quadro 7

	atestado pelo falante	atestado por outro
recentemente	kuri	ra'e
remotamente	karamboae	raka'e

a) - *ra'e*

A partícula *ra'e* é usada com referência a um conteúdo informacional atestado por outro, com ocorrência recente. No texto mítico aqui analisado, é usado pelo narrador como referência temporal e de modalidade interna ao texto. O cenário é o mito e a situação é a predicação a que *ra'e* está associada, como mostram os exemplos seguintes:

- 30) ta'y ryru oikowy ra'e
 t-a'y r-yru o-iko wy ra'e
 R⁴-filho R¹-conceptáculo 3-existir prog recente(feito)
 ele tinha gerado um filho
- 228) iny ra'e, a'e py, a'ewy dje nhamadu kuaray
 iny ra'e a'e py a'ewy dje Nhamadu.Kuaray
 perm recente esse loc então report Sol.(NRS).Sol
 havia lá dentro, então o Sol...
- 229) a'e adja guywy rewe dja oo ra'e ma.
 a'e adja gu-ywy rewe dja o-o ra'e ma
 esse durante 3corr.irmão+ novo junto já 3-ir recente MD
 enquanto isso derrepente ele foi embora com irmão mais novo.
- 240) pira rima ra'e omoatã pindatxã re e'i awã
 pira rima ra'e o-moatã pinda- txã r-e e'i awã
 peixe trans recente 3-puxar anzol- corda R¹-rel dizer fnl
 para ele dizer que era peixe que puxou a corda

b) *raka'e*

A partícula *raka'e* “atestado por outro, há muito tempo atrás” é muito presente em relatos míticos. Além de ser fonte de informação, contribui com a ideia de veracidade do conteúdo informacional.

Note-se que o exemplo 2 é ainda o início da narrativa mítica e, antes de entrar propriamente no conteúdo mítico, o narrador dá o seu testemunho da veracidade dos fatos. Ele diz “ele vivia antigamente, vivia primeiro antigamente aqui nesta (terra) atual”. Ao usar a partícula *raka'e*, significa que este fato foi atestado em um passado longínquo e que foi nessa terra mesmo. Essa ideia é reforçada pela partícula *aỹ* que enfatiza a atualidade de um fato. Ainda no início do relato mítico o narrador faz uso de *raka'e*.

- 2) oiko raka'e, oiko ranhe raka'e, apy ko aỹ,
 o-iko raka'e o-iko ranhe raka'e apy ko aỹ
 3-existir pass.rem 3-existir primeiro pass.rem aqui nesta(terra) atual
 ele vivia antigamente, vivia primeiro antigamente aqui nesta (terra) atual

A partir deste ponto do relato, o narrador faz uso de duas marcas epistêmicas, *raka'e* e *dje*. Esta última, como descrevemos mais adiante, expressa um conhecimento compartilhado pela coletividade.

- 6a) dje a'e ogwereko raka'e peteĩ embigwai rã'i,
 dje a'e ogu-er-eko
 report 3 3-caus.c.-existir

- 6b) raka'e peteĩ embigwai rã-'i
 pass.rem um servo proj-aten
 Contam, que ele ia ter (tinha) com ele, antigamente, uma futura serva

Do exemplo 9 até o exemplo 24, o narrador faz uso intenso de *raka'e*. Esta é a parte inicial do relato, a parte em que o narrador inicia a sua contação e deixa claro que o conteúdo informacional foi atestado por outro.

- 9a) ywy omboai'i oikowy wa'erã ombodjera raka'e tatu worita'i
 ywy o-mbo-ai-'i o-iko wy wa'e rã
 terra 3-caus-corromper-aten 3-existir prog NP proj

- 9b) o-mbo-djera raka'e tatu worita-'i (empr.E.)
 3-caus-criar pass.rem tatu bolinha-aten
 para corromper a terra (ia criar), naquele tempo, tatu bolinhazinha
- 14) nhanderu ombodjera raka'e ywy omboai'i wa'erã (expl. do narrador)
 nhande r-u o-mbo-djera raka'e ywy o-mboai-'i wa'e rã
 lincl R¹-pai 3-caus-criar pass.rem terra 3-corromper-aten NP proj
 nosso pai gerou antigamente o que ia corromper a terra
- 15) a'egui ombodjera raka'e yary awi,
 a'e gwi o-mbo-djera raka'e yary awi
 esse abl 3-caus-criar pass-rem cedro também
 depois, gerou, antigamente, também o cedro
- 16) ywyrã gui ma yary ranhe ombodjera raka'e
 ywyrã gwi ma yary ranhe o-mbo-djera raka'e
 árvore abl MD cedro primeiro 3-caus-criar pass.rem
 das arvores, antigamente, ele gerou primeiro o cedro
- 19) ombodjera raka'e retxútxa,
 o-mbo-djera raka'e retxútxa (empr.E.)
 3-caus-criar pass.rem coruja
 gerou antigamente a coruja
- 20) retxútxa awi ombodjera raka'e retxútxa'i,
 retxútxa awi o-mbo-djera raka'e retxútxa-'i
 coruja também 3-caus-criar pass.rem coruja-aten
 também ele gerou antigamente a coruja, a corujinha
- 24a) maino'i raka'e ombodjera raka'e (maino'i ma ogweru raka'e)
 maino'i raka'e o-mbo-djera raka'e
 beija-flor pass-rem 3-caus-criar pass.rem
- 24b) maino'i ma o-gwer-u raka'e
 Beija-flor MD 3-caus.c.-trazer pass-rem
 ele gerou beija-flor, antigamente, gerou beija-flor para trazer

É a partir desse ponto que o autor faz uso mais intenso da partícula *dje*.

c) O reportivo *dje*

O reportivo *dje* marca um conteúdo informacional como oriundo de um conhecimento coletivo, e, portanto, confiável. Está presente nos relatos míticos e reiterando a origem legítima da informação, como mostram os seguintes exemplos:

- 1) Nhanderu tenonde ma dje ywy ombodjera ma wy
 nhande- r-u t-enonde ma dje ywy o-mbo-djera ma wy
 1 incl R¹-pai R⁴-frente MD report terra 3-caus-criar MD prog
 Nosso pai superior, contam, ao criar terra

No exemplo 1, *dje* ocorre bem no início do relato, antes mesmo do predicado *o-mbo-djera* /3-caus-criar/ “ele criou”. Ao preceder os predicados, já adverte que o que será predicado tem fonte de informação segura.

- 78) e'i ramo dje itxy oo dju odjopy,
 e'i ramo dje i-txy o-o dju o-djopy
 disse subor report R²-mãe 3-ir rep 3-pegar
 quando disse isso,contam, a mãe, foi novamente pegar,

Os exemplos 79 e 80 compartilham uma única marca *dje*, tendo em vista que compartilham o mesmo predicado *mamanga opi*.

- 79) a'e ramo ma dje mamanga opi
 a'e ramo ma dje mamanga o-pi
 esse subor MD report mamangá 3-picar
 nisso, contam, foi picado pelo mamanga

- 80) (mamanga opi itxy re), a'e ramo rima
 mamanga o-pi i-txy r-e a'e ramo rima
 mamaga 3-picar R²-mãe R¹-rel esse subor trans
 mamanga picou na mãe dele, por isso...

Já no exemplo 81, o conteúdo informacional é outro, assim, novamente o reportivo *dje* é retomado.

- 81a) (ramo rima dje), opi'a'i yru iny wa'e pe onhembopotxy,
 ramo rima dje o-pi'a-i
 subor trans report 3corr-filho-aten

- 81b) yru iny wa'e pe o-nhe-mbo-potxy
 receptáculo perm NP dat 3-refl-caus-raiva
 por isso, se revoltou com o próprio filho

O uso da partícula *dje* no relato mítico é intenso. Note-se que até o exemplo 81 a partícula *dje* orienta o ouvinte quanto à fonte de informação. No exemplo 82 seguinte o *dje* não aparece porque trata-se de exemplo de discurso direto sobre um fato atual

ocorrido dentro do contexto do relato mítico, no momento presente de uma situação de diálogo natural entre dois personagens.

- 82) -ãh, mba'ere tu nĩ ikatu py e'ỹ reĩ wa'e ma
 ãh mba'ere tu nĩ i-katu py e'ỹ re-ĩ wa'e ma
 interj por quê topic nem R²-boa loc neg 2-estar NP MD
 ãh, por que? você ainda nem está no lugar apropriado

No exemplo 84, o narrador retoma o uso de *dje*, pois volta ao simples relato.

- 84) e'i dje, iwai dje omemby ryr'u' pe,
 e'i dje i-wai dje o-memby r-yr'u-'i pe
 disse report R²-irritar report 3corr-filho R¹-receptáculo-aten dat
 disse ela, contam, já irritada para o filho (que está) dentro da (sua) barriga

- 85) a'e ramo dje (a'e ramo rima dje)
 a'e ramo dje a'e ramo rima dje
 esse subor report esse subor trans report
 por isso mesmo, contam, por isso mesmo, contam

Nos exemplos 86 e 87, o narrador dá sua opinião pessoal, caso em que não há marcas epistêmicas.

- 86) (mba'erei katue'ỹ ae wy Kuaray Nhamadu wy)(explicação do narrador)
 mba'e rei katu e'ỹ ae wy Kuaray.Nhamandu wy
 coisa à.toa boa neg enf prog kuaray.Nhamandu prog
 não é coisa boa qualquer mesmo Kuaray Nhamandu, (narrador referiu ao Sol como um algo divino)

- 87) ndaidjaywuwei nomobe'ui, ndaidjaywuwei,
 nda- i-djaywu-we-i n- o-mo-bem'u-i nda- i-djaywu-we-i
 neg R²-falar-adit-neg neg 3-caus-contar-neg neg R²-falar-rep-neg
 não falou mais, não expressou, não falou mais,

No exemplo 88, retoma o relato e, novamente ressurgue a marca *dje*. Note-se que o exemplo 89 não contém *dje* pois é parte do conteúdo informacional enunciado em 88.

- 88) oetxa mba'emokwe teĩ dje dja, a'e ramo rima dje,
 o-etxa mba'emokwe teĩ dje dja a'e ramo rima dje
 3-ver coisas contraf.1 report já esse subor trans report
 mesmo vendo as coisas, contam, por isso, contam...

- 89) dja oo, oo tema iny a'e
 dja o-o o-o tema iny a'e
 já 3-ir 3-ir contraf.2 perm ele
 já ele foi, ele estava indo insistentemente

No exemplo 90, *dje* marca um novo conteúdo informacional *dja owãe peteĩ* cuja continuidade está nos exemplos 91, 92 e 93, que contêm o mesmo verbo como núcleo do seu predicado.

- 90) a'egui ma dje dja owãe peteĩ (peteĩ)
 a'e gui ma dje dja o-wãe peteĩ peteĩ
 esse abl MD report já 3-chegar um um
 dali,contam, já eles chegaram em um...
- 91) tape gwatxu iny wa'e py ma owãe
 t-ape gwatxu iny wa'e py ma o-wãe
 R⁴-caminho largo perm NP loc MD 3-chegar
 num caminho largo, ela chegou
- 92) (tape po'i'i oĩ a'egui tape gwatxu awi) (explicação do narrador)
 t-ape po'i-'i o-ĩ a'e gui t-ape gwatxu awi
 R⁴-caminho estreito-aten 3-estar esse abl R⁴-caminho largo também
 existe um caminho estreito e um caminho largo também
- 93) tape gwatxu py owãe ramo wy rima
 t-ape gwatxu py o-wãe ramo wy rima
 R⁴-caminho largo loc 3-chegar subor prog trans
 (a mãe) chegando num caminho largo, por isso, contam...

No exemplo 94 muda o conteúdo informacional e novamente *dje* é usado, e seu escopo são os exemplos 94 e 95.

- 94) dje oporandu dju opi'a pe,
 dje o-porandu dju o-pi'a pe
 report 3-perguntar rep 3corr-filho dat
 novamente perguntou ao filho
- 95) -mba'etxagwa tape rupi tu aa rã, e'i,
 mba'etxagwa t-ape r-upi tu a-a rã e'i
 qual R⁴-caminho R¹-pelo topic 1-ir proj.v disse
 por qual caminho eu irei? disse

No exemplo 96, entra um novo conteúdo informacional e, novamente, *dje* é usado.

- 96) a'e ramo dje nĩ ndaidjaywui (ni ndaidjaywui),
 a'e ramo dje nĩ nda- i-djaywu-i nĩ nda- i-djaywu-i
 essa subor report nem neg R²-falar-neg nem neg R²-falar-neg
 então nisso, contam, nem expressou, nem expressou

Assim, cada vez que um novo conteúdo informacional próprio do relato mítico é introduzido, a partícula *dje* é reintroduzida e sempre precedendo o núcleo do predicado, como observado ao longo do texto.

- 97) a'e ramo rima dje itxy aipo e'i...
 a'e ramo rima dje i-txy aipo e'i
 esse subor trans report R²-mãe ev.son disse
 por isso, contam, sua mãe falou
- 98) -aỹ ma aa ta tema aa rami riwe
 aỹ ma a-a ta tema a-a rami riwe
 agora MD 1-ir poten contraf.2 1-ir comp à.toa
 -agora eu vou de qualquer jeito...
- 99) tema aa ta, aa tema, e'i,
 tema a-a ta a-a tema e'i
 contraf.2 1-ir poten 1-ir contraf.2 disse
 de qualquer jeito,eu vou, eu vou,de qualquer jeito, disse
- 100) a'e ramo rima dje a'e dja nĩ ndaidjaywui,
 a'e ramo rima dje a'e dja nĩ nda- i-djaywu-i
 esse subor trans report 3 já nem neg R² falar-neg
 nisso, contam, ele (filho) nem falou
- 101) nĩ nombowaiwei otxy,
 nĩ n- o-mbowai-we-i o-txy
 nem neg 3-responder-adit-neg 3corr-mãe
 nem repondeu mais à sua propria mãe
- 102) a'ewy dje oo (ooo)
 a'ewy dje o-o o-o-o
 então report 3-ir 3-ir-red
 então, contam, ele foi foooi

- 103) wy rima dje dja owãe ma mba'eypy kuérya py
 wy rima dje dja o-wãe ma mba'eypy kuéry-a py
 prog trans report já 3-chegar MD ser.do.mal col-? loc
 nisso, contam, já tinha chegado aonde estavam os seres do mal
- 104) ko araguy regwa, (explicação do narrador)
 ko ara guy r-egwa
 esse céu sob R¹-pertencente
 esses que vivem abaixo do céu

d) *Aipo* “evidência sonora”

Por meio da partícula *aipo*, o falante enfatiza que o conteúdo informacional foi ouvido por meio de palavras ou por meio de indícios sonoros, como passos, quebra de mato, barulho de motor de carro, barulho de bicicleta, entre outros. Note-se que nos exemplos do relato analisado, *aipo* sempre precede o verbo dizer *e'i* na terceira pessoa, enfatizando que o próximo conteúdo informacional foi ouvido por alguém. Entretanto na fala cotidiana *aipo* pode preceder qualquer predicado. São índices sonoros que contribuem para legitimar a veracidade dos fatos relatados e, por isso, situam-se entre os limites das modalidades epistêmica e alética.

No exemplo 41, o narrador usa da partícula *aipo* para dizer que ouviu alguém contar esse detalhe do mito em que um personagem falou indo, ou seja, foi indo e falando.

- 41) Oo wy aipo e'i:
 o-o wy aipo e'i
 3-ir prog ev.son disse
 Já indo ele falou:
- 52) (oo ta ma wy ma), aipo e'i:
 o-o ta ma wy ma aipo e'i
 3-ir poten MD prog MD ev.son disse
 já partindo ela (a jovem grávida) comunicou:

No exemplo 97, além da presença de *dje* que indica a fonte de informação “conhecimento coletivo”, o narrador usa a partícula *aipo* para reforçar que o detalhe informacional seguinte foi ouvido dentro do contexto do relato mítico que a mãe teria dito “- agora eu vou de qualquer jeito...”.

- 97) a'e ramo rima dje itxy aipo e'i:
 a'e ramo rima dje i-txy aipo e'i
 esse subor trans report R²-mãe ev.son disse
 por isso, contam, sua mãe falou:
- 98) -aỹ ma aa ta tema aa rami riwe
 aỹ ma a-a ta tema a-a rami riwe
 agora MD 1-ir poten contraf.2 1-ir comp à.toa
 -agora eu vou de qualquer jeito...

Outros exemplos com *aipo* são os seguintes:

- 238) djawe rima dje, djatxy aipoe'i:
 djawe rima dje djatxy aipo e'i
 enquan trans report Lua ev.son disse
 quando, o Lua disse: (na cultura gwarani a Lua é masculino)
- 258) oo dju wy dje aipoe'i:
 o-o dju wy dje aipo e'i
 3-ir rep prog report ev.son disse
 ele indo novamente disse:

e) *Kuri* “atestado pelo falante recentente”

A partícula *kuri* significa, na realidade, recentemente, mas tanto em relação ao que passou quanto em relação que está previsto acontecer. Quando se refere ao passado, significa que o falante vivenciou o conteúdo informado, mas essa ideia não está presente no uso de *kuri* com referência a algo que vai ainda ocorrer.

Nos exemplos 118 e 119, fica claro que o narrador dá uma explicação relativa à mulher grávida, que ela foi escondida debaixo da panela. Em seguida, o narrador usa a partícula *dje*, momento em que retoma o conhecimento coletivo do mito. Nesse contexto do mito, o narrador diz que “não demorou muito”, e usa então *kuri*. Note-se que como há a partícula *dje*, o conhecimento é seguro, é como contam os Mbyá (Tambeopé), daí o uso de *kuri*, identificando que não demorou muito para que o fato acontecesse, ou seja, aconteceu recentemente em relação a outro evento, a chegada dos netos.

- 118) (odja gwatxu iny wa'eguy re onhomi),(explicação do narrador)
 odja (empr.E.) gwatxu iny wa'e guy r-e o-nhomi
 panela grande perm NP sob R¹-rel 3-esconder
 escondeu ela (a mulher grávida)debaixo da grande panela
- 119) a'ewy ma dje, dja kuri ndarei ramo
 a'ewy ma dje dja kuri nd- are-i ramo
 então MD report já recentemente neg extensão.temporal-neg subor
 então, contam, não demorou muito, quando
- 120a) emiarirõ kwery owãemba ma, owãe wy dje otxĩ oupi-upi okuapy
 Ø-emiarirõ kuéry o-wãe-mba ma
 R²-neto col 3-chegar-compl MD
- 120b) o-wãe wy dje o-txĩ-upi-upi o-kua.py
 3-chegar prog report 3corr-nariz-levantar-red 3-estar.pl.loc
 todos os netos chegaram, contam, com seus narizes levantados (farejando)

Embora no discurso mítico analisado *kuri* apareça apenas uma vez, na fala cotidiana *kuri* é usado quando se quer enfatizar que algo dito foi atestado pelo falante recentemente ou que ainda vai acontecer sem demora:

Ex. *tembi'u opa kuri* / comida 3-acabar recentemente/ “a comida acabou recentemente”, contrastando com *tembi'u opa ra'e* / comida 3-acabar recentemente (mas atestado por outro).

f) *Karamboae* “atestado pelo falante há muito tempo atrás”

O presente relato mítico não apresenta nenhuma ocorrência de *karamboae*, o que é esperado considerando a própria semântica desta partícula que expressa a associação de tempo remoto com a fonte de informação que é o próprio falante.

Como vimos até aqui as expressões de modalidade podem ser sintetizadas da seguinte forma:

Quadro 8

MODALIDADE				
DEÔNICA		permissiva	t(a)	
		projetiva	rã	
		potencial	ta	

EMPÁTICA		desiderativo	ke	
			recentemente	remotamente
EPISTÊMICA	ATESTADO	atestado pelo falante	kuri	karamboae
		atestado por outro	ra'e	araka'e
	CONHECIMENTO COLETIVO		dje	
	EVIDÊNCIA SONORA		aipo	

5.2.2.4 Modalidade alética

a) O dubitativo *ndawy*

O dubitativo *ndawy* expressa dúvida do falante em relação ao conteúdo informacional.

233) -mba'ere randawy, e'i dje, a'ewy dje odje'oi dje,
 mba'ere rã ndawy e'i dje a'ewy dje o-dje-'o-i dje
 por que proj dub disse report então report 3-pl-ir-aux do pl report
 -por que será,disse, contam, então eles foram,

189) -mba'ere ndawy pee ka'aguy owy wa'ere
 mba'ere ndawy pee ka'aguy owy wa'e r-e
 por que dub aquele mata verde NP R¹-rel
 Por que será que naquela mata verde

b) *Tewe* modalidade “possibilidade”

Essa partícula expressa possibilidade. Ocorre seguindo o predicado.

151) - aỹ ma aa ta aikuaa pota'i tewe
 aỹ ma a-a ta a-ikuaa pota-'i tewe
 agora MD 1-ir poten 1-saber tratar-aten possib
 - agora eu vou tratar de saber, (o que existe ao redor)

É possível a coocorrência de *tewe*, que é uma expressão de modalidade alética, com outras subcategorias de modalidade, como com a partícula *ta* que expressa a modalidade deôntica potencial, como ocorre no exemplo 173, apresentado a seguir.

- 173) ambodjera ta tewe txerywyrã'i, e'i,
 a-mbo-djera ta tewe txe r-ywy rã-'i e'i
 1-caus-criar poten possib 1 R¹-irmão+novo proj-aten disse
 acho que vou criar um irmão pra mim, disse

5.2.3 O marcador discursivo *ma*

O marcador discursivo *ma* é usado pelo falante quando: (a) há a intenção de por um segmento em relevo, (b) o falante esquece momentaneamente ou ainda esta na eminência de decidir o que vai dizer, ou (c) quer-se simplesmente marcar uma fronteira entre constituintes.

No exemplo 1 seguinte, há a intenção do narrador de por relevo, tanto o sujeito, quanto o predicado. É o início do discurso em que *Nhande ru* é o personagem principal além do que trata-se do momento importante do relato, o momento da criação.

- 1) Nhanderu tenonde ma dje ywy ombodjera ma wy
 nhande- r-u t-enonde ma dje ywy o-mbo-djera ma wy
 1 incl R¹-pai R⁴-frente MD report terra 3-caus-criar MD prog
 Nosso pai superior, contam, ao criar terra

Nos exemplos seguintes, que correspondem à continuidade do relato, *ma* não aparece.

- 2) oiko raka'e, oiko ranhe raka'e, apy ko aỹ,
 o-iko raka'e o-iko ranhẽ raka'e apy ko aỹ
 3-existir pass.rem 3-existir primeiro pass.rem aqui nesta(terra) atual
 ele vivia antigamente, vivia primeiro antigamente, aqui nesta (terra) atual
- 3) apy nhande, aỹ djaiko awã py,
 apy nhande aỹ dja-iko awã py
 aqui 1 incl atual 1 incl-existir fnl loc
 aqui onde nós passamos a viver

No exemplo 4, *ma* volta a aparecer, separando o predicado principal do predicado auxiliar, e pondo em evidência o primeiro predicado, dando mais ênfase ao “gerar” do que ao intervalo de tempo progressivo do ato de “gerar”.

- 4) kowa'e ywy re ombodjera ma oikowy,
 ko wa'e ywy r-e o-mbo-djera ma o-iko wy
 esta(nesta) NP terra R¹-rel 3-caus-criar MD 3-existir prog
 esta terra que ele foi gerando
- 5) a'ewy ma dje ombodjera ywy,
 a'ewy ma dje o-mbo-djera ywy
 então MD report 3-caus-criar terra
 nisso, contam, ele gerou a terra

No exemplo 8 *ma* enfatiza a expressão “então”, com toda a informação que esta carrega que é o conteúdo informacional da predicação precedente.

- 8a) a'ewy ma, ywy ombodjera oikowy adja, a'ewy ombodjera,
 a'ewy ma ywy o-mbo-djera o-iko
 então MD terra 3-caus-criar 3-existir
- 8b) wy adja a'ewy o-mbo-djera
 prog durante então 3-caus-criar
 então, durante esse tempo que gerou a terra, então a gerou

Outros exemplos com *ma*:

- 13) pawẽ gui kyrĩwe'i wa'e a'e wa'e ma (expl. do narrador)
 pawẽ gui kyrĩ- we-'i wa'e a'e wa'e ma
 todos abl pequeno- adit-aten NP esse NP MD
 mais pequeno de todos, esse que...
- 16) ywyrã gui ma yary ranhe ombodjera raka'e
 ywyrã gui ma yary ranhẽ o-mbo-djera raka'e
 árvore abl MD cedro primeiro 3-caus-criar pass.rem
 das arvores, antigamente, ele gerou primeiro o cedro

5.2.4 Sobre os morfemas *kwe* e *rã* nos nomes

Nestes estudo, distinguimos dois morfemas *rã*, um deles se combina com verbos e o outro se combinam com nomes, embora tenham a mesma origem. O

morfema *rã* que se combina com verbos é aqui tratado como uma expressão de modalidade projetiva (ve. seção 5.2.2.1). O morfema *rã*, que se combina com nomes ou com predicados nominalizados por *wa'e* é aqui analisado como uma marca que expressa um estado projetado de um referente. Este último *rã* contrasta com o morfema *kwe*, que também se combina com predicados nominalizados e que expressa um estado retrospectivo de uma entidade, se equiparando ao significado de *ex-* do Português:

Exemplos de *kwe* “estado retrospectivo de uma entidade”:

- 124) a'ewy ma dje djapepo gwatxu oĩ iny wa'ekwe ombodjere,
 a'ewy dje djapepo gwatxu o-ĩ iny wa'e kwe o-mbo-djere
 então report panela.com.asa grande 3-estar perm NP retr 3-caus-revirar
 então, contam, a panela grande que estava (lá) ele revirou

Neste exemplo, o narrador refere-se a uma panela que teria estado (sentada e estática) e que fora revirada pelos ser do mal.

Exemplos de *rã* “estado projetivo de uma entidade”:

i-me-ngwe / R²-marido-retr/ “ex-marido”

i-me-rã / R²-marido-proj/ “futuro-marido”(ou provável futuro marido).

- 7) ka'ay oitykua wa'erã,
 ka'a-y o-itykua wa'e rã
 mate-liq. 3-preparar (chá) NP proj
 futura preparadora de chimarrão
- 14) nhanderu ombodjera raka'e ywy omboai'i wa'erã (expl. do narrador)
 nhande r-u o-mbo-djera raka'e ywy o-mboai-'i wa'e rã
 1incl R¹-pai 3-caus-criar pass.rem terra 3-corromper-aten NP proj
 nosso pai gerou antigamente o que ia corromper a terra
- 9a) ywy omboai'i oikowy wa'erã ombodjera raka'e tatu worita'i
 ywy o-mbo-ai-'i o-iko wy wa'e rã
 terra 3-caus-corromper-aten 3-existir prog NP proj
- 9b) o-mbo-djera raka'e tatu worita-'i
 3-caus-criar pass.rem tatu bolinha-aten
 para corromper a terra (ia criar), naquele tempo, tatu bolinhazinha

- 18a) ma ombodjera awi raka'e pyáwy omonhendu wa'erã ma,
 ma o-mbo-djera awi raka'e
 MD 3-caus-criar também pass.rem
- 18b) pyáwy o-mo-nhendu wa'e rã ma
 de.noite 3-caus-sonido NP proj MD
 ai gerou também para anunciar a noite
- 23) ogweru mba'emo'ĩ Nhanderu pe warã wa'e ma
 o-gwer-u mba'emo-ĩ nhande- r-u pe wa rã wa'e ma
 3-caus.c.-trazer coisas-aten 1incl- R¹-pai dat fnl proj NP MD
 e para trazer as coisinhas para Deus

5.2.5 Interjeições

Identificamos no texto as seguintes interjeições:

a) O admirativo *nhã ~ nhãã*

Expressa admiração ou surpresa.

- 77a) pee ywoty'ia ko nhã iporã ete'i awi, edjopy dju.
 pee ywoty-'i ako nhã
 aquela flor-aten esse admir
- 77b) i-porã ete-'i awi e-djopy dju
 R²-bonita vera-aten também 2-pegar rep
 nossa!aquela flor é muito bonita também, pega de novo?
- 111) txeremiarirõ kuéry ko apy nhã nĩ mba'ewe'i ma
 1 R¹-neto col esse aqui admir nem nada-aten MD
 esses meus netos aqui nada...
- 223a) - nhãã, adjaka ipoyi,nhãã, ipoyiwe, ate apẽ, e'i dje,
 nhãã adjaka i-poyi nhãã i-poyi we
 surpr cesta R²-pesado surpr R²-pesado adit
- 223b) ate a-pẽ e'i dje
 limit (empr.P.) 1-quebrar disse report
 nossa! a cesta está pesada, nossa! está pesada, ate mesmo
 vou me quebrar, disse,contam,

b) O resolutivo *ãh*

Expressa uma resolução, uma tomada de decisão:

- 239) - *ãh*, txe ma aa ta ambotawy,
ãh txe ma a-a ta a-mbotawy
 interj 1 MD 1-ir poten 1-enganar
 - *ãh*, eu vou lá enganar...(ele)
- 82) - *ãh*, mba'ere tu nĩ ikatu py e'ỹ reĩ wa'e ma
ãh mba'ere tu nĩ i-katu py e'ỹ re-ĩ wa'e ma
 interj por quê topic nem R²-boa loc neg 2-estar NP MD
 - *ãh*, por que? você ainda nem está no lugar apropriado.

5.3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Neste capítulo, que é a parte central da presente dissertação, demonstramos, por meio de exemplos do texto analisado, que a língua Mbyá (Tambeopé) possui dois ricos sistemas, respectivamente de aspecto e de modalidade. Os dados analisados fundamentam a ideia de que a noção de tempo é expressa em combinação com a noção de modalidade epistêmica, ambas fundadas em realidades vividas. Vimos que a noção de passado é muito importante, assim como a distinção entre passado recente e remoto. Por outro lado, a noção de futuridade se confunde com a noção de algo hipotético, irrealis, e não de tempo como em línguas como o Francês.

Por outro lado, não há marcas nas palavras que constituem núcleos de predicados que expressam tempo seja presente, passado ou futuro. A noção de passado associa-se, como mostramos, a partículas epistêmicas. Estas são marcas sintáticas que operam sobre predicados. São recorrentes em relatos, pois têm como função distinguir o recente, atestado ou não atestado, do remoto atestado ou não atestado, e estes do tempo mítico (não testemunhado, mas histórico).

Ressaltamos que um único relato mítico de 53 minutos, pode conter quase todas as expressões de aspecto e modalidade da língua Mbyá (Tambeopé).

Não há marcas para noções temporais de presente ou de futuro. O que há são marcadores de aspecto que põem em relevo que algo está acontecendo no momento da fala. Há também marcas que relacionam predicções à atualidade, mas não há marca de presente. Também não há marcas de futuro

CAPÍTULO VI: CONCLUSÃO

Nesta Dissertação desenvolvemos uma análise de um relato mítico Mbyá (Tambeopé), buscando fundamentos para descrever as expressões de tempo, aspecto e modalidade nessa língua, mostrando como elas se caracterizam segundo o modo de ver o mundo dos Mbyá (Tambeopé), e como e com que finalidade os falantes nativos fazem uso dessas noções nas situações comunicativas.

Escolhemos como aporte teórico para o estudo, a abordagem de tempo, aspecto e modalidade proposta por Desclés (1980, 1989) por considerá-la mais adequada aos fatos da língua Mbyá (Tambeopé). A pesquisa realizada da literatura sobre essas noções em outras línguas Guaraní próximas do Mbyá (Tambeopé), como o Kaiowá e o Guaraní Paraguaio, mostrou que não há concordância entre os linguistas quanto à natureza dessas noções nas línguas focalizadas, embora todos eles se calquem em uma visão de tempo moldada na descrição de línguas ocidentais, como as línguas românicas, por exemplo.

Contou também para a nossa opção teórica o fato de que testamos alguns dados do Mbyá (Tambeopé) no decorrer dos nossos estudos à luz de critérios analíticos da abordagem de Desclés (1989, 1989) e Guentchéva (2011), e vimos que esta contribui para uma análise adequada do Mbyá (Tambeopé). Primeiramente por considerar que as noções de tempo, aspecto e modalidade interagem de forma dinâmica e que o tempo da enunciação e o tempo linguístico são tempos diferentes. Contou também para a nossa escolha a distinção entre terminado e acabado, fundamental na língua Mbyá (Tambeopé).

Taylor se baseia nas ideias de John Lyons (1979, p. 321) considerando o ponto-zero teórico – o “agora” do enunciado – que poderia ser reagrupado com o “passado” ou com o “futuro”, do que resultaria, por um lado, a dicotomia entre “futuro” e “não futuro”, e por outro lado, entre “passado” e “não passado”.

Dietrich adota um ponto de vista similar postulando que, em Guaraní, são distinguidos dois espaços temporais, o futuro e não futuro, e “la forma verbal no marcada del Guaraní no expresa el momento presente del habla del locutor, sino el pasado que se extiende hasta el momento presente” (DIETRICH 2010, p. 70).

No capítulo 3 focalizamos esses estudos e vimos que enquanto linguistas como Tonhauser defende que a noção de tempo não é importante em Guaraní Paraguaio. Dietrich (2010, p. 69) observa que a ideia apresentada por Tonhauser é correta, embora discorde dessa autora por ela defender a ideia de atemporalidade gramatical em Guaraní.

Vimos que Taylor descreve marcadores explícitos para o passado e futuro, *wa'ekwe* indica passado e *wa'erã* indica o futuro. Entretanto, mostra que no exemplo seguinte o verbo *oho* “ele- ir” na ausência de marcadores de tempo, o verbo é traduzido no presente “ele vai” ou no passado “ele foi”.

Por outro lado, a nossa análise concorda com a de Taylor segundo a qual não existe nenhuma razão linguística para o emprego de *-ta* em vez de *arã*. Isso depende de como o falante vê a contingência.

Concordamos com RODRIGUES (1953, p. 129), segundo o qual as construções com *t(a)* do Tupinambá são expressões do modo “permissivo”, enquanto as construções com *ne* (p.141) são analisadas como expressões do modo “intencional”, razão pela qual essa partícula tem uma interpretação de futuro, como a que lhe foi dada por Anchieta. (APUD CABRAL AT AL., 2010).

Taylor nos fornece indicações de que em Kaiowá partículas que expressam tempo se associam as noções de modalidade epistêmica (presenciado versus não presenciado). Cabral (2000) e, principalmente Cabral (2007) fornece uma visão histórica do desenvolvimento de sistemas de modalidade epistêmica associados a noções temporais em línguas da Família Tupí-Guaraní, inclusive o Kaiowá. Dietrich, trata o que Cabral considera como modalidade epistêmica de evidencialidade e reconhece que Guaraní Paraguaio associa noções temporais à evidencialidade.

A nossa análise do que são expressões de tempo, aspecto e modalidade em Mbyá (Tambeopé) nos levou às seguintes conclusões:

- Embora Mbyá considere o tempo cronológico, entre o agora, o antes e o depois, o que conta mesmo com respeito ao passado e ao presente é o fato de que ambos são do escopo da certeza, daí porque marcar o que é reportado para passado é de sua importância para os Mbyá (Tambeopé).

Entretanto, o tempo passado não é um mero tempo verbal, opera sobre tipos diferentes de pedicações e se associa às noções de atestado ou não pelo falante (atestado por outro).

- O depois do agora é visto como irrealis, como hipótese, daí tudo o que é identificado como tendo seu termino em um tempo coincidente com o término do que está acontecendo, ou seja, no T0, entra no escopo da modalidade deôntica ou empática.
- Mbyá (Tambeopé) faz largo uso de marcas aspectuais. É muito importante para a cultura Mbyá (Tambeopé) detalhar o intervalo em que uma predicação ocorre. É importante especificar se o conteúdo informacional ocorreu ou vai ocorrer permansivamente sem movimento ou progressivamente. É importante marcar se sua ocorrência é ou frequente, ou repetida, sucessiva ou se vai ser estendido, se acabou completamente ou se ainda não acabou. A ideia de estabilidade da temporalidade é fundamental, daí distinguir-se o que é dinâmico do que é sem movimento e do que é animado do que é inanimado.

O nosso estudo nos permitiu observar que algumas marcas aspectuais podem coocorrer com outras marcas aspectuais, assim como podem coocorrer com marcas modais, mas só uma das epistêmicas podem ocorrer em outras áreas.

Além das expressões de aspecto, de tempo e de modalidade, presentes no texto analisado, identificamos também interjeições que marcam admiração e exortação. Identificamos também um marcador discursivo que serve para marcar mudança de tópico, mas também significa titubeio ou o tempo que o falante necessita para reorganizar suas ideias e continuar seu discurso.

Reunimos, no quadro seguinte as manifestações de aspecto, de tempo versus modalidade, interjeições e o marcador discursivo *ma*.

Quadro 9

ASPECTO				
Processuais	<i>wy</i>	“progressivo”		
	<i>iny</i>	“permansivo/ continuativo”		
			sujeito	
Estados +/- dinâmicos	<i>-iny</i>	“estativo [+dinâmico]”	[+/- animado]	
	<i>-iko</i>	“estativo [+dinâmico]”	[+ animado]	
	<i>-ĩ</i>	“estativo [- dinâmico]”	[+/- animado]	
Pluralidade	<i>dju</i>	“repetitivo”		
	<i>djepi</i>	“frequentativo”		
	<i>we</i>	“aditivo”		
	<i>reduplicação</i>	“ação plural”		
Completude	<i>pa/mba</i>	“completivo”		
	<i>teri</i>	“incompletivo”		
MODALIDADE				
DEÔNÔTICA		permissiva	t(a)	
		projetiva	rã	
		potencial	ta	
EMPÁTICA		Desiderativo	ke	
			<i>recentemente</i>	<i>remotamente</i>
EPISTÊMICA	ATESTADO	atestado pelo falante	<i>kuri</i>	<i>karamboae</i>
		atestado por outro	<i>ra'e</i>	<i>araka'e</i>

	CONHECIMENTO COLETIVO		<i>dje</i>
	EVIDÊNCIA SONORA		<i>aipo</i>
		Marcador discursivo	<i>ma</i>
		Interjeições	<i>ãh</i>
		Admiração ou surpresa	<i>nhã, nhãã</i>
		Exortação	<i>ne, awy</i>

Finalizamos esta dissertação concluindo que a noção de temporalidade dos predicados é de sua importância na cultura Mbyá (Tambeopé). Ela é inclusive mais importante do que a noção de tempo escalonado em presente passado e futuro. O que conta em Mbyá (Tambeopé) é se algo aconteceu recentemente ou remotamente. Interessa se o conteúdo informacional expresso pelo predicado está, esteve ou estará em processo. E se já aconteceu, quem atestou, o falante ou outro? É informação obtida em sonho? Na língua Mbyá interessa distinguir se o predicado constitui uma exortação, um comando forte, uma necessidade ou um desejo. Modalidade e aspecto são importantes em qualquer tempo: passado ou não passado.

É muito interessante a partícula que significa “atual”. Atual pode ser interpretado como um presente, mas pode não coincidir exatamente ao momento da enunciação, mas a um intervalo de tempo mais amplo que inclui o ato enunciativo em seu escopo.

O cenário mítico ocorre em outro tempo que não é o atual, mas é um tempo diferenciado que alcança a atualidade. Na cultura Mbyá (Tambeopé) o passado sempre está vivo no presente.

O grande desafio para os professores Mbyá e também para os Guaraní, em geral, é ensinar essas noções sem que elas sejam influenciadas por uma outra maneira de ver o mundo. É ensinar sobre o tempo em Guaraní sem convertê-lo no tempo que serve de cenário para o discurso em língua brasileira. É ensinar que tudo que não é presente nem passado é algo que se projeta, se permite, se planeja e/ou se deseja. É

fundamental que observem os ricos detalhes da cultura linguística Guaraní para explicitar os acontecimentos, detalhes que descrevem a temporalidade dos eventos, processos e estados, distinguindo completude, incompletude, estabilidade com movimento e estabilidade sem movimento, com sujeitos ou agentes animados ou inanimados.

REFERÊNCIAS

- ABREU, Marta Virgínia de Araújo Batista; ALBUQUERQUE, Francisco Edviges. 2012. A Educação Escolar Indígena: um paradigma educacional emergente e transdisciplinaridade. In: ALBUQUERQUE, Francisco Edviges & ALMEIDA, Severina Alves de (Org.). *Educação Escolar Indígena e Diversidade Cultural*. Editora da PUC-Goiás. Editora da Universidade Federal do Tocantins (UFT).
- AMBROSETTI, J. B. (1895). Los Indios Caingú del Alto Paraná (Misiones). In: Boletín del Instituto Geográfico Argentino. v. XV. Buenos Aires. P. 661-744.
- BACH, E. (1986). The Algebra of Events. *Linguistics and Philosophy* 9: 5-16.
- BALDUS, Herberto-(1929). Ligeiras notas sobre os índios Gwaranys do litoral paulista. Revista do Museu Paulista- TOMO XVI, Diário Oficial, São Paulo.
- BENNETT, M., (1981), Of tense and aspect: One analysis. In Ph. Tedeschi and A. Zaenen (eds.), *Syntax and Semantics*, 14: Tense and Aspect, New York: Academic Press, , 13-29.
- BENVENISTE, E. (1961). *Annuaire du Collège de France* . Paris: Collège de France.
- _____. (1966). *Problèmes de linguistique générale*, Vol. I, Paris: Gallimard.
- _____. (1974). *Problèmes de linguistique générale*, Vol. II, Paris: Gallimard.
- BERGER Peter., LUCKMANN Thomas. (2012). *Construction sociale de la réalité*, Paris, Armand Colin, [traduzido por Pierre Taminiaux]
- BERTINETTO P. M., (1986). *Tempo, Aspetto e Azione nel verbo italiano, Il sistema dell'Indicativo*, Firenze, Accademia della Crusca. COMRIE Bernard (1976), *Aspect*, Cambridge, Cambridge University Press.
- BINNICK, R. I. (1991). *Time and the verb: A guide to tense and aspect* . Oxford: Oxford University Press.
- BRASIL. (1988). *Constituição Federal do Brasil (CRF)*. Disponível: www.senado.gov.br. Acesso 12-fev-2013.
- BÜHLER, K. (1934/2009). *Théorie du langage. La fonction représentationnelle*, Trad. française 2009 par D. Samain, Agone, Marseille.
- BYBEE, J. L. (1985). *Morphology: A study of the relation between meaning and form* . Amsterdam: Benjamins.
- _____; DAHL, Ö. (1989). - *E Creation of tense and aspect systems in the languages of the world*. *Studies in Languages* , 13 (1) - 51-103.
- CABRAL, A.S.C.(2000). *Flexão Relacional na Família Tupi gwarani*. In. Boletín da Associação Brasileira de Linguística, 25, 233-284.
- CABRAL, A. S. A. C. . *L'expression des notions de l'epistémique et de l'aléique dans la famille Tupí-Guaraní*. In: Zlatka Guentchéva e Jon Landaburu. (Org.). *L'Énonciatio Médiatisée II. Le traitement épistémologique de L'Information:*

illustration amérindiennes et caucasiennes. Louvain-Paris: Éditions Peeters, 2007, v. II, p. 267-292.

CABRAL, A.S.C., RODRIGUES, A. D. (2002) *Linguas Indígenas Brasileiras: Fonologia, Gramática e História*. Atas do 1 encontro internacional do Grupo de Trabalho sobre Linguas indígenas da ANPOLL, vol.1 Belém: EDUFPA. 433 p.

CABRAL, A.S.C.: et. all. (2010). Análise Constrativa do Fenomeno da Correferencialidade em três linguas da família Tupi-Gwarani. In: *Linguas e culturas Tupi* vol.2. (orgs) CABRAL. A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; DUARTE, F. B. (95-105). Campinas- SP: Ed. Curt Nimuendajú.

CADOGAN, Léon (1959). Ayvu Rapyta: Textos míticos de los Mbyá-Guaraní del Gwairá. *Revista Antropológica* n° 5. USP. São Paulo.

CARDOSO, Valéria Faria (2008). *Aspectos morfossintáticos da língua Kaiowá (Guaraní)*. Tesis de doctorado en Lingüística. Campinas: IEL-UniCamp.

CHUNG, S. and Timberlake, A., (1985). Tense, aspect and mood. In T. Shopen (ed.), *Language typology and syntactic description*. Vol. 3. Grammatical categories and the lexicon. Cambridge: Cambridge University Press, 202-258.

CICCARONE, Celeste. (2001). *Drama e Sensibilidade Migração, Xamanismo e Mulheres Mbyá Guaraní*. Programa de Estudos de Pós - Graduação em Ciências Sociais. Tese (Doutorado) PUC/SP São Paulo.

COMRIE, B. (1981). On Reichenbach's approach to tense, *Chicago Linguistic Society* 17, 24-30.

_____. (1976). *Aspect. An introduction to the study of verbal aspect and related problems*. Cambridge : Cambridge University Press.

COSTA, Consuelo de Paiva Godinho. (2010). *Nhandéwa Aywu: Fonologia do Nhandéwa-Guaraní-Campina*: Curt Nimuendajú; Vitoria da Conquista, BA: Edições Uesb.

COTA, Maria das Graças. (2000). *Educação escolar indígena: a construção de uma educação diferenciada e específica, intercultural e bilíngüe*. Vitória: PPGE/UFES. (Dissertação de Mestrado).

_____. (2008). *O Processo de Escolarização dos Guaran Espírito Santo*. Tese de Doutorado. Universidade Federal de Espírito Santo. Vitória.

Dahl, Ö. (1985). *Tense and aspect systems* . Oxford: Blackuell.

DESCLÉS, J.-P. (1980). *Construction formelle de la catégorie de l'aspect (essai)*, in J. David et R. Martin (éds), *La notion d'aspect*, Paris: Klincksieck, 195-237

_____.(1989). State, Event, Process and Topology, *General Linguistics* 3/29, The Pennsylvania University Press, University Park and London, 159-200.

DESCLÉS, J.-P. GWENTCHEVA, Z., (2011). *Universals and Typology*. Binnick-Chapter 4. Page Proof.

DIETRICH, Wolf (1986). *El idioma chirigwano. Gramática, textos, vocabulario*. Madrid: ICI.

_____. (2010). *Tiempo, Aspecto y Evidencialidad en Guaraní*.(Universidad de Münster, Alemanha,)LIAMES 10 - pp. 67-83.

DOOLEY, Robert A. (2006). *Léxico Guaraní: Dialeto Mbyá. Introdução, Esboço Gramatical, Léxico*. Cuiabá, MT.: SIL.

_____. (2008). *Apontamentos Preliminares sobre Ñandéva Guaraní Contemporânea*. Fonte: internet, www.gramaticaGuaraní.com.br , acesso em 23/09/2010.

GALTON, H. (1976). *The main functions of the Slavic verbal aspect*. Scopje: Macedonian Academy of Sciences and Arts.

GARLET, Ivori J.(1997). *Mobilidade Mbyá: História e Significação*. Dissertação (Mestrado em história) – PUC/RS, Porto Alegre.

GREGORES, E. and J. Suárez (1967). *A Description of Colloquial Guaraní*. The Hague: Mouton de Gruyter.

GREENBERG, J. H. (1963). Some universals in grammar with particular reference to the order of meaningful elements. In J. Greenberg (ed.), *Universals of grammar* (pp. :8–558). Cambridge: MIT Press.

GUARANÍ RETÃ. (2008). *Povos Guaraní na fronteira argentina, Brasil e Paraguai*. editor: Bartomeu Melià.

GWENTCHEVA Zlatka.(2011)-*Modélisation de l'aspectualité et de la temporalité : intervalles topologiques et référentiels temporels*. (illustration avec des exemples en français)-Pour:18e Congrès des romanistes scandinaves-Université de Göteborg, 9-12 août 2011.-[Conférencière invitée]

_____.(2012) GWENTCHEVA Zlatka-Théorie énonciative et modalisation de l'aspect et du temps: concepts aspectuels de base, référentiels temporels et intervalles topologiques de représentation-Pour:Workshop “*Sobre, tempo aspect e modalidade em Linguas indigenas sulamericanas*”-Brasilia (Brésil), 19-27 mai 2012.-[Conférencière invitée]

_____. (1990). *Temps et aspect: l'exemple du bulgare littéraire contemporain*, Collection Sciences duLangage, Paris: Presses du CNRS.

KAMP, H., (1979). Events, instants and temporal reference. In R. Bäuerle, U. Egli, & A. von Stechow (Eds.), *Semantics from different points of view* (pp. 131–175). Berlin: Springer.

KOSESKA-Toszewa, V.; MAZUERKIEVICZ, A. (1994). *Les réseaux de Petri et la description de la temporalité et de la modalité dans les langwes naturelles*. Studia kognitywne 1 (Semantyka kategorii aspektu i czasu) (pp. :89-112). Warsaw: Instytut Slawistyki /Polska Akademia Nauk.

LADEIRA, Maria Ines. (1994). *Os índios Guaraní / Mbyá e o complexo lagunar estuarino de igwape - paranaguá*. centro de trabalho indigenista Fevereiro de 1994.

_____. (1990). -*YY PAU ou YVA PAU: Espaço Mbyá entre as ágwas ou o caminho aos céus- os Índios Guaraní e as ilhas do Paraná*. Centro de Trabalho Indigenista, xerox, 1990.

LYONS, J., (1977). *Semantics*. London: Cambridge University Press

_____. (1968) (1979) — *Introdução à Lingüística Teórica*. Tradução de Introduction to Theoretical Linguistics por Rosa Virgínia Mattos e Silva e Hélio Pimentel. São Paulo: Editora Nacional e Editora da Universidade de São Paulo.

MAINO, R. RAPÉ - *O caminho da sabedoria / coord. Editorial: Lucila Silva Telles*.-Rio de Janeiro: Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, RJ, 2009. Texto de José Ribamar Bessa.

MAPA GUARANÍ RETÃ (2008). *Pueblo Guaraní en la frontera Argentina, Brasil y Paraguai-*

MEAD G. H. (1982). *The Individual and the Social Self: Unpublished Essays* by G. H. Mead. Ed. by David L. Miller. University of Chicago Press, 1982

MEAD G.H. (1934). *Mind, Self, and Society*. Ed. by Charles W. Morris. University of Chicago Press.

MELIÀ, Bartomeu. (1991). *De la historia del Guaraní al Guaraní de la historia, Hombre y Cultura*. Revista del Centro de Investigaciones Antropológicas, Segunda Epoca, vol. I, n. 1. Panamá: Universidad de Panamá: 147-156.

_____. (1992). *La reciprocidad de palabras en los Guaraníes y la economía de reciprocidad*, en: Scannone, Juan C./ Perine, Marcelo (comp.), *Irupción del pobre y quehacer filosófico; hacia una nueva racionalidad*. Buenos Aires, Bonum: 115-122.

_____. (2008). GRUNBERG, Gerg, GRUNBERG, Friedl. *Pai-Tavyterã*. Etnografía Guaraní del Paraguai Contemporáneo. 2ª ed. CEADUC/CEPAG. Asuncion.

MELLO, F. C. de. (2007). *Mbyá e Chiripá: Identidades étnicas, etnônimos e autodenominações entre os Guaraní do sul do Brasil*- Tellus, ano 7, n. 12, p. 49-65, abr. Campo Grande - MS.

MOURELATOS, A. P. D., (1978). *Events, processes, and states. Linguistics and Philosophy*, 2, 415-34. Reprinted in Ph. Tedeschi and A. Zaenen, (1981), *Syntax and Semantics 14: Tense and Aspect* (91-102). New York and London: Academic Press.

MÜLLER, Franz (sdv). (1989). *Etnografía de los Guaraní del Alto Paraná*. CAEA, ed. Buenos Aires, [Trad. de Beiträge zur Ethnographie der Guaraní Indianer im Östlichen Waldgebiet von Paraguay, *Anthropos*, XXIX e XXX. St. Gabriel, Modling, 1934 e 1935]. 136 p.

NIMUENDAJÚ (Unkel), Curt. (1987). *As lendas da criação e destruição do mundo como fundamentos da religião dos Apapocúva-Guaraní*. Trad. de Charlotte Emmerich e Eduardo B. Viveiros de Castro. São Paulo: Editora Hucitec e Editora da Universidade de São Paulo.

REICHENBACH, H., (1947). *Elements of Symbolic Logic*, London: Collier-Macmillan; Reprinted in J.M. Moravcsik (editor), 1974, *Logic and Philosophy for Linguists, A Book of Readings*, The Hague : Mouton, 22-141.

RODRIGUES, Aryon Dall'Igna. (1953). *Morfologia do verbo Tupi*. *Letras* 1.121-152.

_____. (1985). *Relações internas na família linguística Tupí- Guaraní*. 1985. *Revista de Antropologia*, vols. 27/28, pp. 33-53.

_____. (1986). *Línguas brasileiras – para o conhecimento das línguas indígenas* (São Paulo, Edições Loyola, 1986, 134 p.).

_____. (1996) *Argumento Predicado em Tupinambá*. ABRLIN- Boletim da Associação Brasileira de Linguística 19:57-66. Maceió.

_____. (1999) Tupi. In. R.M.W. Dixon e A. Y. Aikhenvald (orgs). *The Amazonan Languages*, p. 107-124. Cambridge: Cambridge University Press.

_____. (2010). *Estrutura do Tupinambá*. In.: *Línguas e Culturas Tupi* vol.2. (orgs) CABRAL. A. S. A. C.; RODRIGUES, A. D.; DUARTE, F. B. (95-105). Campinas- SP: Ed. Curt Nimuendajú.

_____. (2011). Entrevista concedida a TVUnB.

RODRIGUES, A. D. & CABRAL, Ana Suely A. (2002) C. *Reverendo a classificação interna da família Tupí-Guaraní*. In: Ana Suely A. C. Cabral & Aryon D. RODRIGUES (Orgs.), *Línguas indígenas brasileiras: fonologia, gramática, história*. vol. I:327-337. Belém: EDUFPA.

SASSE, H.-J. (2002). *Recent activity in the theory of aspect: Accomplishments, achievements, or just nonprogressive state?* Arbeitspapiere no. 7B. Köln: Institut für Sprachwissenschaft C , Universität zu Köln. Published in *Linguistic Typology* , 6 - 199-271.

SCHADEN, Egon. (1974). *Aspectos Fundamentais da cultura Guaraní*. 3a Ed.. São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo.

SEILER, H., (1952/1990). *L'aspect et le temps dans le verbe néo-grec.*, Paris: *Maison d'Édition les Belles Lettres*.Tübingen: Gunter Narr Verlag.Thelin, N. B. *Verbal aspect in discourse*. Amsterdam: John Benjamins.

SOUZA, Conceição Aparecida RODRIGUES de. (2010). *Educação Escolar Indígena– Trajetória histórica e conquistas recentes*. Universidade Federal de Rondônia. Campus de Ji-Paraná. Curso de Pedagogia Ji-Paraná – RO.

TAYLOR, Audrey; TAYLOR, John (1966). *Nove Contos Contados pelos Kaiowás e Guaranís*. *Revista de Antropologia* 14:81-104.

TAYLOR, John. (1984). *Marcação temporal na língua Kaiowá*. Cuiabá, MT: SIL. Disponível em: <<http://www.sil.org/americas/brasil/publicns/ling/KWMarc.pdf>>

TEAO, Kalna Mareto. (2007). *Arandu Renda Reko: a vida da escola Guaraní Mbyá*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Espírito Santo Centro de Educação Programa de Pós Graduação em Educação. Vitória.

_____. (2009). *As visões dos Guaraní Mbyá do Espírito Santo sobre a escola Guaraní Mbyá*. Visions of Espírito Santo about the school. *Tellus*, ano 9, n. 16, p. 105-126, jan./jun. Campo Grande - MS

THELIN, N., (1990). *Verbal Aspect in discourse: on the state of the art*, in Thelin, N. (ed), *Verbal Aspect in discourse*. Amsterdam: Benjamins.

TONHAUSER, Judith (2006). *The temporal semantics of noun phrases: Evidence from Guaraní*. Ph.D. Dissertation. Palo Alto: Stanford University.

_____. (2010) *Is Paraguayan Guaraní a Tenseless Language?* In: Proceedings of Semantics of Under-represented Languages of the Americas (SULA) 5. Amherst, MA: GLSA Publications, 227-242.

VENDLER, Z. (1957). *Verbs and times*. *Philosophical Review*, 66: 143-160.

ANEXOS

KUARAY A'EGUI DJATXY OIKO YPY RÃ GWARE

(A ORIGEM DO SOL E DA LUA)

Ombopara wa'ekwe rery ma Karai (Mauro Luiz Carvalho)

Kaudjo omombe'u wa'ekwe rery ma Wera Kwaray (Antonio Carvalho)

12 de janeiro de 2012

Tekoa Porã (Aldeia Boa Esperança)

Aracruz-ES

1)	Nhanderu tenonde ma dje ywy ombodjera ma wy								
	nhande-	r-u	t-enonde	ma	dje	ywy	o-mbo-djera	ma	wy
	1 incl	R ¹ -pai	R ⁴ -frente	MD	report	terra	3-caus-criar	MD	prog
	Nosso pai superior, contam, ao criar terra								

2)	oiko raka'e, oiko ranhe raka'e, apy ko aỹ,							
	o-iko	raka'e	o-iko	ranhe	raka'e	apy	ko	aỹ
	3-existir	pass.rem	3-existir	primeiro	pass.rem	aqui	nesta(terra)	atual
	ele vivia antigamente, vivia primeiro antigamente, aqui nesta (terra) atual							

3)	apy nhande, aỹ djaiko awã py,					
	apy	nhande	aỹ	dja-iko	awã	py
	aqui	1 incl	atual	1 incl-existir	fnl	loc
	aqui onde nós passamos a viver					

4)	kowa'e ywy re ombodjera ma oikowy,							
	ko	wa'e	ywy	r-e	o-mbo-djera	ma	o-iko	wy
	esta(nesta)	NP	terra	R ¹ -rel	3-caus-criar	MD	3-existir	prog
	esta terra que ele foi gerando							

5)	a'ewy ma dje ombodjera ywy,				
	a'ewy	ma	dje	o-mbo-djera	ywy
	então	MD	report	3-caus-criar	terra
	nisso, contam, ele gerou a terra				

6a)	dje a'e ogwereko raka'e peteĩ embigwai rã'i,		
	dje	a'e	ogu-er-eko
	report	3	3-caus.c.-existir

6b)	raka'e	peteĩ	embigwai	rã-'i
	pass.rem	um	servo	proj-aten
	Contam, que ele ia ter (tinha) com ele, antigamente, uma futura serva			

7)	ka'ay oitykua wa'erã,			
	ka'a-y	o-itykua	wa'e	rã
	mate-liq.	3-preparar (chá)	NP	proj
	futura preparadora de chimarrão			

8a)	a'ewy ma, ywy ombodjera oikowy adja, a'ewy ombodjera,			
	a'ewy	ma	ywy	o-mbo-djera
	então	MD	terra	3-caus-criar
				3-existir

8b)	wy	adja	a'ewy	o-mbo-djera
	prog	durante	então	3-caus-criar
	então, durante esse tempo que gerou a terra, então a gerou			

9a)	ywy omboai'i oikowy wa'erã ombodjera raka'e tatu worita'i						
	ywy	o-mbo-ai-'i		o-iko	wy	wa'e	rã
	terra	3-caus-corromper-aten		3-existir	prog	NP	proj

9b)	o-mbo-djera	raka'e	tatu	worita-'i
	3-caus-criar	pass.rem	tatu	bolinha-aten
	para corromper a terra (ia criar), naquele tempo, tatu bolinhazinha			

10)	(e'ia rami),txingyre'i			
	e'i	a	rami	txingyre-'i
	dizer	?	comp	tatu-aten
	como dizem, txingyre'i (tatuzinho)			

11a)	nhande aỹ guigwa kuéry kyrĩgwewe dja ndoikuaawei marami pa,							
	nhande	aỹ	gui	gwa	kuéry	kyringwe-	we	dja (empr.P.)
	1incl	atual	abl	pert	col	crianças	adit	já

11b)	nd-	o-ikuaa	we-i	marami	pa
	neg	3-saber	adit-neg	como	desc
	nós que vivemos hoje, os mais novos já não sabemos como as coisas são				

12)	mba'ewa'e pe pa txĩgyre'i,			
	mba'ewa'e	pe	pa	txingyre-'i
	o que	dat	desc	tatu-aten
	o que é tatuzinho,			

13)	pawẽ gui kyrĩwe'i wa'e a'e wa'e ma (expl do narrador)							
	pawẽ	gui	kyrĩ-	we-'i	wa'e	a'e	wa'e	ma
	todos	abl	pequeno-	adit-aten	NP	esse	NP	MD
	mais pequeno de todos, esse que...							

14)	nhanderu ombodjera raka'e ywy omboai'i wa'erã (expl do narrador)							
	nhande	r-u	o-mbo-djera	raka'e	ywy	o-mboai-'i	wa'e	rã
	1incl	R ¹ -pai	3-caus-criar	pass.rem	terra	3-corromper-aten	NP	proj
	nosso pai gerou antigamente o que ia corromper a terra							

15)	a'egui ombodjera raka'e yary awi,					
	a'e	gui	o-mbo-djera	raka'e	yary	awi
	esse	abl	3-caus-criar	pass-rem	cedro	também
	depois, gerou, antigamente, também o cedro					

16)	ywyra gui ma yary ranhe ombodjera raka'e						
	ywyra	gui	ma	yary	ranhe	o-mbo-djera	raka'e
	árvore	abl	MD	cedro	primeiro	3-caus-criar	pass.rem
	das arvores, antigamente, ele gerou primeiro o cedro						

17a)	a'ewa'e aedjawi'i ma nhaneramoi kuéry yma rupi, yma guiwe omobe'u wy						
	a'e	wa'e	aedjawi-'i	ma	nhanẽ-	r-amõ ¹	kuéry
	esse	NP	todos-aten	MD	1incl-	R ¹ -avô	col

17b)	yma	r-upi	yma	gui	we	o-mo-bem'u	wy
	antig	R ¹ -pelo	antig	abl	adit	3-caus-contar	prog
	isso tudo nossos avôs desde antigamente falava						

18a)	ma ombodjera awi raka'e pyáwy omonhendu wa'erã ma,			
	ma	o-mbo-djera	awi	raka'e
	MD	3-caus-criar	também	pass.rem

18b)	pyáwy	o-mo-nhendu	wa'e	rã	ma
	de.noite	3-caus-sonido	NP	proj	MD
	ai gerou também para anunciar a noite				

19)	ombodjera raka'e retxútxa,		
	o-mbo-djera	raka'e	retxútxa (empr.E.)
	3-caus-criar	pass.rem	coruja
	gerou antigamente a coruja		

20)	retxútxa awi ombodjera raka'e retxútxa'i,				
	retxútxa	awi	o-mbo-djera	raka'e	retxútxa-'i
	coruja	também	3-caus-criar	pass.rem	coruja-aten
	também ele gerou antigamente a coruja, a corujinha				

21)	a'egui ywy ombodjera ma oikowy djawe							
	a'e	gui	ywy	o-mbo-djera	ma	o-iko	wy	djawe
	esse	abl	terra	3-caus-criar	MD	3-existir	prog	enquan
	depois enquanto ele estava gerando a terra							

22)	ogweru mba'emo ywate gui ko ywa pyte gui							
	o-gwer-u	mba'emo	ywate	gui	ko	ywa	pyte	gwi
	3-caus.c.-trazer	coisas	cimeira	abl	esse	céu	centro	abl
	para trazer as coisas de cima, desse centro do céu							

23)	ogweru mba'emo'i nhaderu pe warã wa'e ma								
	o-gwer-u	mba'emo-'i	nhande-	r-u	pe	wa	rã	wa'e	ma
	3-caus.c.-trazer	coisas-aten	1incl-	R ¹ -pai	dat	fnl	proj	NP	MD
	e para trazer as coisinhas para Deus								

24a)	maino'i raka'e ombodjera raka'e (maino''i ma ogweru raka'e)			
	maino'i	raka'e	o-mbo-djera	raka'e
	beija-flor	pass-rem	3-caus-criar	pass.rem

24b)	maino''i	ma	o-gwer-u	raka'e
	Beija-flor	MD	3-caus.c.-trazer	pass-rem
	ele gerou beija-flor, antigamente, gerou beija-flor para trazer			

25)	amaraywi nhanderu okaru oikowy awã						
	amaraywi	nhande-	r-u	o-karu	o-iko	wy	awã
	?	1incl-	R ¹ -pai	3-comer	3-existir	prog	fnl
para Deus ficar se alimentando						

26)	mba'emo o'u oikowy awã, a'ewy (...ma)						
	mba'emo	o-'u	o-iko	wy	awã	a'ewy	ma
	coisas	3-ingerir	3-existir	prog	fnl	então	MD
	para ficar se alimentando das coisas, então,						

27)	ombodjerapa ma ywy (ywy) odjapopa ma wy ma a'e								
	o-mbo-djera-pa	ma	ywy	o-djapo-pa	ma	wy	ma	a'e	
	3-caus-criar-compl	MD	terra	3-fazer-compl	MD	abl	MD	3	
	ele terminou de criar a terra, depois que terminou de fazer, ele...								

28a)	e'ia rami tekoatxy...oa'ã wy wi ae ma raka'e (expl. do narrador)					
	e'i	a-rami	t-eko-	atxy	o-a'ã	wy
	dizer	esse-comp	R ⁴ -existir-	dor	3-testar	prog

28b)	wi	ae	ma	raka'e
	também	enf	MD	pass.rem
	como dizem, antigamente também era para desafiar a vida mortal mesmo...			

29a)	peteĩ kunhatã'i wa'e ka'ay oitykua oikowy wa'erã'i re			
	peteĩ	Kunhatã-i-'i	wa'e	ka'ay
	um	moça-aten	NP	chimarrão

29b)	o-itykua	o-iko	wy	wa'e	rã-'i	r-e
	3-preparar (chá)	3-existir	prog	NP	proj-aten	R ¹ -rel
	em uma moça futura preparadora de chimarrão					

30)	ta'y ryru oikowy ra'e				
	t-a'y	r-yru	o-iko	wy	ra'e
	R ⁴ -filho	R ¹ -conceptáculo	3-existir	prog	recente(feito)
	ele tinha gerado um filho				

31)	aỹ tekoatxy rami e'ỹ ta wy (expl. do narrador)					
	aỹ	t-eko-	atxy	rami	e'ỹ	ta wy
	atual	R ⁴ -existir-	dor	comp	neg	pont prog
	mas não é como a vida imperfeita atual					

32)	aỹ nhande kuéry tekoatxy rami e'ỹ (expl. do narrador)					
	aỹ	nhande	kuéry	t-eko-	atxy	rami e'ỹ
	atual	1incl	col	R ⁴ -existir-	dor	comp neg
	não é como a nossa vida imperfeita da atual					

33a)	oikuaa awã marami pa tenondewe re (tenonde re) (expl. do narrador)			
	o-ikuaa	awã	marami	pa
	3-saber	fnl	como	desc

33b)	t-enonde	we	r-e	t-enonde	r-e
	R ⁴ -frente	adit	R ¹ -rel	R ⁴ -frente	R ¹ -rel
	para ele saber mais adiante como é				

34)	ko ta'y apyre-pyre'i tadjy apyre-pyre'i kuéry rekorã (expl do narrador)							
	ko	t-a'y	apyre-pyre-'i	t-adjy	apyre-pyre-'i	kuéry	r-eko	rã
	esse	R ⁴ -filho	ultimo-red-aten	R ⁴ -filha	ultimo-red-aten	col	R ¹ -existir	proj
	a vida futura de todos esses caçulos e caçulas							

35)	oikuaa awã rupi awi ma oikuaa woi raka'e a'e (expl do narrador)								
	o-ikuaa	awã	r-upi	awi	ma	o-ikuaa	woi	raka'e	a'e

	3-saber	fnl	R ¹ -pelo	também	MD	3-saber	cedo	pass.rem	3
	ele tinha previsto para compreender também								

36)	a'ewy ma: -aỹ ma txee aa dju ta ma								
	a'ewy	ma	aỹ	ma	txee	a-a	dju	ta	ma
	então	MD	agora	MD	1	1-ir	rep	poten	MD
	então:- agora eu vou novamente								

37a)	ywa pyte py, a'ewy ma txera'y ryru'i ke eraa						
	ywa	pyte	py	a'ewy	ma	txe	r-a'y
	céu	centro	loc	então	MD	1	R ¹ -filho

37b)	r-yru-i		ke		e-ra-a	
	R ¹ -conceptáculo-aten		des (preciso)		2-caus.c.-ir	
	no centro do céu, então você precisa levar o meu filhinho					

38)	ko tape rupi, e'i, e'i ramo kunhatã'i wa'e:							
	ko	t-ape	r-upi	e'i	e'i	ramo	kunhatã'i	wa'e
	esse	R ⁴ -caminho	R ¹ -pelo	disse	disse	subor	moça-aten	NP
	por esse caminho, quando disse a moça:							

39)	- a'ewé ri aarã ma, e'i, a'e rami wy								
	a'ewe	ri	a-a	rã	ma	e'i,	a'e	rami	wy
	anuência	se	1-ir	proj	MD	disse	esse	comp	prog
	- confirmou (dizendo) está bem, eu irei, depois...								

40)	Nhanderu tape oetxauka agwe rupi oo							
	Nhande-	r-u	t-ape	o-etxa-	uka	agwe	r-upi	o-o
	1incl	R ¹ -pai	R ⁴ -caminho	3-ver-	c.prep	loc.ref	R ¹ -pelo	3-ir
	Deus fez ela ver o caminho pelo qual ela foi							

41)	Oo wy aipo e'i,			
	o-o	wy	aipo	e'i
	3-ir	prog	ev.son	disse
	Já indo ele falou,			

42)	Nhanderu oetxauka raka'e peteĩ tape po'i'i (explicação do narrador)							
	Nhande-	r-u	o-etxa-	uka	raka'e	peteĩ	t-ape	po'i-'i
	1incl	R ¹ -pai	3-ver-	c.prep	pass rem	um	R ⁴ -caminho	estreito-aten
	o nosso Deus mostrou um caminho estreito							

43)	a'egui peteĩ tape gwatxu awi (explicação do narrador)					
	a'e	gui	peteĩ	t-ape	gwatxu	awi
	esse	abl	um	R ⁴ -caminho	largo	também
	e também, um caminho grande					

44)	tape po'i'iwa'e ma iporã rupigwa						
	t-ape	po'i-'i	wa'e	ma	i-porã	r-upi	gwa
	R ⁴ -caminho	estreito-aten	NP	MD	R ² -bem	R ¹ -pelo	pert
	o caminho estreito é pelo bem						

45)	tape gwatxuwa'e ma iwaiwa'e rupigwa,							
	t-ape	gwatxu	wa'e	ma	i-wai	wa'e	r-upi	gwa
	R ⁴ -caminho	largo	NP	MD	R ² -mau	NP	R ¹ -pelo	pert
	o caminho grande é pelo mal							

46)	iporãwa'e rupigwae'ỹ				
	i-porã	wa'e	r-upi	gwa	e'ỹ
	R ² -bem	NP	R ¹ -pelo	pert	neg
	não é do bem.				

47)	a'ewy ma aipo e'i raka'e:				
	a'ewy	ma	aipo	e'i	raka'e
	então	MD	ev.son	disse	pass.rem
	Então, antigamente ele disse				

48a)	- eraa ke txera'y, rerowãe awã rami ke eraa, e'i				
	e-ra-a	ke	txe	r-a'y	re-ro-waẽ
	2-caus.c.-ir	des	1	R ¹ -filho	2-caus.c.-chegar

48b)	awã	rami	ke	e-ra-a	e'i
	fnl	comp	des	2-caus.c.-ir	disse
	- é preciso que você leve meu filho, faça ele chegar com você, disse,				

49)	- ywa pyte py aikoa py, eraa aegui erowãe ke,									
	ywa	pyte	py	a-iko	a-py	e-ra-a	a'e	gwi	e-ro-waẽ	ke
	céu	centro	loc	1-existir	esse-loc	2-caus.c.-ir	esse	abl	2-caus.c.chegar	des
	- no centro do ceu onde estou, leve, você precisa chegar									

50)	e'i rire py Nhanderu oo ma, rire							
	e'i	rire	py	nhande-	r-u	o-o	ma	rire
	disse	depois	loc	1incl-	R ¹ -pai	3-ir	MD	depois
	disse, depois o nosso Deus partiu, depois							

51)	tape oetxauka agwe rupi oo ta ma wy								
	t-ape	o-etxa-	uka	agwe	r-upi	o-o	ta	ma	wy
	R ⁴ -caminho	3-ver-	c.prep	loc.ref	R ¹ -pelo	3-ir	poten	MD	prog
	antes de ir pelo caminho indicado								

52)	(oo ta ma wy ma), aipo e'i						
	o-o	ta	ma	wy	ma	aipo	e'i
	3-ir	poten	MD	prog	MD	ev.son	disse
	já partindo ela (a jovem grávida) comunicou						

53)	(omemby ryr'u'i pe idjaywu wy)				
	o-memby	r-yr'u-'i	pe	i-djaywu	wy
	3.corr-filho	R ¹ -receptáculo-aten	dat	R ² -falar	prog
	falando para o seu próprio filho				

54)	-djaa ma nderu oo agwe rupi,						
	dja-a	ma	nde-	r-u	o-o	agwe	r-upi
	12(3)-ir	MD	2-	R ¹ -pai	3-ir	loc.ref	R ¹ -pelo
	-vamos por onde seu pai foi,						

55)	nderu oo agwe rupi djaa ma						
	nde-	r-u	o-o	agwe	r-upi	dja-a	ma
	2-	R ¹ -pai	3-ir	loc.ref	R ¹ -pelo	12(3)-ir	MD
	vamos por onde seu pai foi						

56)	e'i ramo, (mba'erei katue'ỹ ae ma kuaray) (explicação do narrador)								
	e'i	ramo	mba'e	rei	katu	e'ỹ	ae	ma	kuaray
	disse	subor	coisa	à.toa	boa	neg	enf	MD	Sol
	quando disse isso, o Sol não é coisa boa qualquer mesmo								

57)	kuaray mba'erei katue'ỹ ae ma wy ombowái wy									
	kuaray	mba'e	rei	katu	e'ỹ	ae	ma	wy	o-mbo-wa ¹	wy
	Sol	coisa	à.toa	boa	neg	enf	MD	prog	3-caus-reagir	prog
	o Sol não é coisa boa qualquer mesmo, ele respondeu									

58)	-djaa ma wy, e'i			
	dja-a	ma	wy	e'i
	12(3)-ir	MD	prog	disse
	então vamos, disse			

59)	a'ewy dja otxy ogweraa ma iny					
	a'ewy	dja	o-txy	o-gwera-a	ma	iny
	então	já	3.corr-mãe	3-caus.c.-ir	MD	perm
	então já estava levando a sua própria mãe					

60)	- mamo rupi pa djaa, e'i ramo,-koo rupi djaa								
	mamo	r-upi	pa	dja-a	e'i	ramo	koo	r-upi	dja-a
	aonde	R ¹ -pelo	desc	12(3)-ir	disse	subor	esse	R ¹ -pelo	12(3)-ir
	- por onde vamos, após dito,-vamos por aqui,								

61)	e'i wy dja oo, tape po'i'i rupi oo							
	e'i	wy	dja	o-o	t-ape	po'i-'i	r-upi	o-o
	disse	prog	já	3-ir	R ⁴ -caminho	estreito-aten	R ¹ -pelo	3-ir
	dizendo isso, ela pôs-se a caminho, seguindo pelo caminho estreito							

62a)	(tape po'i'iiii rupi odje'oi) a'ewy ma oporandu,	
	t-ape	po'i-'iiii
	R ⁴ -caminho	estreito-aten-along

62b)	r-upi	o-dje-'o-i	a'ewy	ma	o-porandu
	R ¹ -pelo	3-pl-ir-aux.do.pl	então	MD	3-perguntar
	eles foram pelo caminho estreito, então ele perguntou				

63)	-a'i, pee pe ywoty'iwa'e emboatxa txewy pe								
	a'i	pee	pe	ywoty'i	wa'e	e-mbo-atxa	txe	wy	pe
	mãe voc	aquela	aquela	flor-aten	NP	2-caus-passar	1	dat	dat
	-mãe, veja aquela florzinha, passe para mim								

64)	e'i ramo omboatxa djepi, odjopy djepi, omono'o ouwy,								
	e'i	ramo	o-mbo-atxa	djepi	o-djopy	djepi	o-mo-nõ'õ	o-u	wy
	disse	subor	3-caus.passar	frequen	3-pegar	frequen	3-caus-juntar	3-vir	prog
	Atendendo pedido, repassava, pegava e ela vinha catando,								

65)	aegui oowe ma oinya py oetxa dju								
	a'e	gui	o-o	we	ma	o-iny-a	py	o-etxa	dju
	esse	abl	3-ir	adit	MD	3-perm-?	loc	3-ver	rep
	depois indo mais adiante viu novamente								

66a)	(mba'erei katue'ỹ wy dja nĩ i'ã'i rupie'ỹ ae ma) (explicação do narrador)						
	mba'e	rei	katu	e'ỹ	wy	dja	nĩ
	coisa	á.toa	boa	neg	prog	já	nem

66b)	i-’ã-’ĩ	r-upi	e’ÿ	ae	ma
	R ² -oculta-aten	R ¹ -pelo	neg	enf	MD
	não é coisa boa qualquer, por isso nada fica oculta mesmo				

67)	a’ewy oetxa dju ywoty			
	a’ewy	o-etxa	dju	ywoty
	então	3-ver	rep	flor
	então viu a flor novamente			

68)	-pee ywoty’i wa’e edjopy dju txewy pe							
	pee	ywoty-’i	wa’e	e-djopy	dju	txe	wy	pe
	aquela	flor-aten	NP	2-pegar	rep	1	dat	dat
	pega aquela flor para mim novamente							

69)	e’i ramo itxy odjopy dju,				
	e’i	ramo	i-txy	o-djopy	dju
	disse	subor	R ² -mãe	3-pegar	rep
	quando ele disse, a mãe novamente pegou a flor				

70)	(otxy oekoa’ã rewe wy ae py), a’e rami wy									
	o-txy	o-eko-	a’ã	rewe	wy	ae	py	a’e	rami	wy
	3corr-mãe	3-existir-	teste	junto	prog	enf	loc	esse	comp	prog
	(era) para desafiar mesmo a mãe dele, assim									

71)	-a’i pee amboae ywoty’i dju, pewa’e dju edjopy, e’i,									
	a’i	pee	amboae	ywoty-’i	dju	pe	wa’e	dju	e-djopy	e’i
	mãe voc	aquela	outro	flor-aten	rep	aquela	NP	rep	2-pegar	disse
	mãe, lá novamente outra flor, pega de novo, disse									

72)	a’e rami oo inÿ, Nhanderu tenonde						
	a’e	rami	o-o	inÿ	Nhande-	r-u	t-enonde
	esse	comp	3-ir	perm	1 incl-	R ² -pai	R ⁴ -frente
	assim foi indo, nosso pai supremo						

73)	mba’e e’i agwe rupi oo inÿ tape rupi,							
	mba’e	e’i	agwe	r-upi	o-o	inÿ	t-ape	r-upi
	coisa	disse	loc.ref	R ¹ -pelo	3-ir	perm	R ⁴ -caminho	R ¹ -pelo
	ela foi pelo caminho indicado,(pelo nosso pai supremo)							

74)	tape po’i’i rupi, a’e ramia py ma peteĩ							
	t-ape	po’i-’i	r-upi	a’e	rami	a-py	ma	peteĩ

	R ⁴ -caminho	estreito-aten	R ¹ -pelo	esse	comp	esse-loc	MD	um
	pelo caminho estreito, nessa ocasião uma (pessoa)							

75)	(dja teko a'ãrã ae ma wi wy) aipo e'i,									
	dja	t-eko	a'ã	rã	ae	ma	wi	wy	aipo	e'i
	já	R ⁴ -existir	teste	proj	enf	MD	também	prog	ev.son	disse
	também já era um teste mesmo, disse									

76)	- pee, pe dju na ywoty'i, edjopy dju,						
	pee	pe	dju	na	ywoty-'i	e-djopy	dju
	aquela	aquela	rep	interj	flor-aten	2-pegar	rep
	lá outra flor de novo, pega novamente,						

77a)	pee ywoty'ia ko nhã iporã ete'i awi, edjopy dju.			
	pee	ywoty-'i	ako	nhã
	aquela	flor-aten	esse	admir

77b)	i-porã	ete-'i	awi	e-djopy	dju
	R ² -bonita	vera-aten	também	2-pegar	rep
	nossa! aquela flor é muito bonita também, pega de novo?				

78)	e'i ramo dje itxy oo dju odjopy,						
	e'i	ramo	dje	i-txy	o-o	dju	o-djopy
	disse	subor	report	R ² -mãe	3-ir	rep	3-pegar
	quando disse isso,contam, a mãe, foi novamente pegar,						

79)	a'e ramo ma dje mamanga opi					
	a'e	ramo	ma	dje	mamanga	o-pi
	esse	subor	MD	report	mamanga	3-picar
	nisso, contam, foi picado pelo mamanga					

80)	(mamanga opi itxy re), a'e ramo rima						
	mamanga	o-pi	i-txy	r-e	a'e	ramo	rima
	mamaga	3-picar	R ² -mãe	R ¹ -rel	esse	subor	trans
	mamanga picou na mãe dele, por isso...						

81a)	(ramo rima dje), opi'a'i yru iny wa'e pe onhembopotxy,			
	ramo	rima	dje	o-pi'a-'i
	subor	trans	report	3-filho-aten

81b)	yru	iny	wa'e	pe	o-nhe-mbo-potxy
	receptáculo	perm	NP	dat	3-refl-caus-raiva
	por isso, se revoltou com o próprio filho				

82)	-ãh, mba'ere tu nĩ ikatu py e'ỹ reĩ wa'e ma									
	ãh	mba'ere	tu	nĩ	i-katu	py	e'ỹ	re-ĩ	wa'e	ma
	interj	por quê	topic	nem	R ² -boa	loc	neg	2-estar	NP	MD
	ãh, por que? você ainda nem está no lugar apropriado									

83a)	nha'ã reipotapa reiny mba'emokwe, ywoty reipotapa reiny,		
	nhã'ã	re-ipota-pa	re-iny
	hesitação	2-querer-compl	2-perm

83b)	mba'emokwe	ywoty	re-ipota	re-iny
	coisas	flor	2-querer	2-perm
	(não) você está desejando tudo, muitas coisas, está desejando flores...			

84)	e'i dje, iwai dje omemby ryrui pe,						
	e'i	dje	i-wai	dje	o-memby	r-yrui	pe
	disse	report	R ² -irritar	report	3corr-filho	R ¹ -receptáculo-aten	dat
	disse ela, contam, já irritada para o filho (que está) dentro da (sua) barriga						

85)	a'e ramo dje (a'e ramo rima dje)						
	a'e	ramo	dje	a'e	ramo	rima	dje
	esse	subor	report	esse	subor	trans	report
	por isso mesmo, contam, por isso mesmo, contam						

86)	(mba'erei katue'ỹ ae wy Kuaray Nhamadu wy)(explicação do narrador)							
	mba'e	rei	katu	e'ỹ	ae	wy	Kuaray.Nhamandu	wy
	coisa	à.toa	boa	neg	enf	prog	Sol.Sol.(NRS)	prog
	não é coisa boa qualquer mesmo Kuaray nhamandu, (narrador referiu ao sol como um algo divino)							

87)	ndaïdjaywuwei nomobe'ui, ndaïdjaywuwei,					
	nda-	i-djaywu-we-i	n-	o-mo-bem'u-i	nda-	i-djaywu-we-i
	neg	R ² -falar-adit-neg	neg	3-caus-contar-neg	neg	R ² -falar-rep-neg
	não falou mais, não expressou, não falou mais,					

88)	oetxa mba'emokwe teĩ dje dja, a'e ramo rima dje,								
	o-etxa	mba'emokwe	teĩ	dje	dja	a'e	ramo	rima	dje
	3-ver	coisas	contraf.1	report	já	esse	subor	trans	report
	mesmo vendo as coisas, contam, por isso, contam...								

89)	dja oo, oo tema iny a'e					
	dja	o-o	o-o	tema	iny	a'e
	já	3-ir	3-ir	contraf.2	perm	ele
	já ele foi, ele estava indo insistentemente					

90)	a'egui ma dje dja owãe peteĩ (peteĩ)							
	a'e	gui	ma	dje	dja	o-wãe	peteĩ	peteĩ
	esse	abl	MD	report	já	3-chegar	um	um
	dali, contam, já eles chegaram em um...							

91)	tape gwatxu iny wa'e py ma owãe						
	t-ape	gwatxu	iny	wa'e	py	ma	o-wãe
	R ⁴ -caminho	largo	perm	NP	loc	MD	3-chegar
	num caminho largo, ela chegou						

92)	(tape po'i'i oĩ a'egui tape gwatxu awi) (explicação do narrador)							
	t-ape	po'i-'i	o-ĩ	a'e	gui	t-ape	gwatxu	awi
	R ⁴ -caminho	estreito-aten	3-estar	esse	abl	R ⁴ -caminho	largo	também
	existe um caminho estreito e um caminho largo também							

93)	tape gwatxu py owãe ramo wy rima dje							
	t-ape	gwatxu	py	o-wãe	ramo	wy	rima	dje
	R ⁴ -caminho	largo	loc	3-chegar	subor	prog	trans	report
	(a mãe) chegando num caminho largo, por isso, contam...							

94)	oporandu dju opi'a pe,			
	o-porandu	dju	o-pi'a	pe
	3-perguntar	rep	3corr-filho	dat
	novamente perguntou ao filho			

95)	-mba'etxagwa tape rupi tu aa rã, e'i,						
	mba'etxagwa	t-ape	r-upi	tu	a-a	rã	e'i
	qual	R ⁴ -caminho	R ¹ -pelo	topic	1-ir	proj	disse
	por qual caminho eu irei? disse						

96)	a'e ramo dje nĩ ndaidjaywui (nĩ ndaidjaywui),								
	a'e	ramo	dje	nĩ	nda-	i-djaywu-i	nĩ	nda-	i-djaywu-i
	essa	subor	report	nem	neg	R ² -falar-neg	nem	neg	R ² -falar-neg
	então nisso, contam, nem expressou, nem expressou								

97)	a'e ramo rima dje itxy aipo e'i:						
	a'e	ramo	rima	dje	i-txy	aipo	e'i
	esse	subor	trans	report	R ² -mãe	ev.son	disse
	por isso, contam, sua mãe falou:						

98)	-aỹ ma aa ta tema aa rami riwe							
	aỹ	ma	a-a	ta	tema	a-a	rami	riwe
	agora	MD	1-ir	poten	contraf.2	1-ir	comp	à.toa
	-agora eu vou de qualquer jeito...							

99)	tema aa ta, aa tema, e'i,					
	tema	a-a	ta	a-a	tema	e'i
	contraf.2	1-ir	poten	1-ir	contraf.2	disse
	de qualquer jeito,eu vou, eu vou,de qualquer jeito, disse					

100)	a'e ramo rima dje a'e dja nĩ ndaidjaywui,								
	a'e	ramo	rima	dje	a'e	dja	nĩ	nda-	i-djaywu-i
	esse	subor	trans	report	3	já	nem	neg	R ² falar-neg
	nisso, contam, ele (filho) nem falou								

101)	nĩ nombowaiwei otxy,				
	nĩ	n-	o-mbowai-we-i		o-txy
	nem	neg	3-responder-adit-neg		3corr-mãe
	nem respondeu mais à sua propria mãe				

102)	a'ewy dje oo (ooo)			
	a'ewy	dje	o-o	o-o-o
	então	report	3-ir	3-ir-red
	então, contam, ele foi foooi			

103)	wy rima dje dja owãe ma mba'eypy kuérya py								
	wy	rima	dje	dja	o-wãe	ma	mba'eypy	kuéry	a-py
	prog	trans	report	já	3-chegar	MD	ser.do.mal	col	esse-loc
	nisso, contam, já tinha chegado aonde estavam os seres do mal								

104)	(ko araguy regwa, (explicação do narrador)			
	ko	ara	guy	r-egwa
	esse	céu	sob	R ¹ -pertencente
	esses que vivem abaixo do céu			

105)	ko pytä wa'e kuérya py ma owãe) (explicação do narrador)					
	ko	pytä	wa'e	kuéry	a-py	o-wãe
	esse	vermelho	NP	col	esse-loc	3-chegar
	esses que são vermelho, ela chegou nesse lugar					

106)	a'e py owãe wy rima dje					
	a'e	py	o-wãe	wy	rima	dje
	esse	loc	3-chegar	prog	trans	report
	lá ela chegou, por isso, contam,...					

107)	(a'e py owãe ramo dje),				
	a'e	py	o-wãe	ramo	dje
	essa	loc	3chegar	subor	report
	quando ela chegou lá, contam,...				

108)	peteĩ mba'eypy waimi'ĩ inỹ a'e py,					
	peteĩ	mba'eypy	waimi'ĩ	inỹ	a'e	py
	um	ser do mal	idosa	perm	essa	loc
	estava lá um ser do mal idosa,					

109)	ko pytäwa'e kuéry waimi'ĩ, a'ewy rima aipoe'i								
	ko	pytä	wa'e	kuéry	waimi'i	a'ewy	rima	aipo	e'i
	esse	vermelho	NP	col	idosa	então	trans	ev.son	disse
	desses que são vermelhos, a velhinha, então ela disse								

110)	-edjewy dju, edjewy dju, a'e rami e'ỹ ko,							
	e-djewy	dju	e-djewy	dju	a'e	rami	e'ỹ	ko
	2-voltar	rep	2-voltar	rep	esse	comp	neg	esse
	vá devolta novamente, vá devolta novamente, se não for assim esses...							

111)	txeremiarirõ kuéry ko apy nha nĩ mba'ewe'i ma								
	txe	r-emiarirõ	kuéry	ko	apy	nhã	nĩ	mba'ewe-'i	ma
	1	R ¹ -neto	col	esse	aqui	admir	nem	nada-aten	MD
	esses meus netos aqui nada...								

112)	ombodjekapa wa'e'ỹ ko ikuai, edjewy dju,							
	o-mbo-djekapa	wa'e	-ỹ	ko	i-kuai	e-djewy		dju
	3-caus-escapar	NP	neg	esse	R ² -estar.pl (estão)	2-voltar	rep	
	eles (são os que não)deixam escapar, volta novamente							

113)	nde ronhomi rire teĩ ndedjou dju rã, e'i dje,									
	nde	ro-nhomi	rire	teĩ	nde	djou	dju	rã	e'i	dje
	2	2-esconder	depois	contraf.1	2	achar	rep	proj	disse	report
	mesmo depois de te esconder eles te acharão, disse, contam...									

114)	a'e ramo py a'e, -ndamo'ãi, ndadjewymo'ãi, e'i,								
	a'e	ramo	py	a'e	nd-	a-a-mo'ãi-i	nd-	a-djewy-mo'ãi-i	e'i
	esse	subor	loc	3	neg	l-ir-pensar-neg	neg	l-voltar-pensar-neg	disse
	por isso, ela disse: - Não penso em ir, não penso em voltar, disse								

115)	a'e ramo dje mba'eypy waimi'ĩ				
	a'e	ramo	dje	mba'eypy	waimi'ĩ
	esse	subor	report	ser do mal	idosa
	Por isso,contam, o ser do mal, a velhinha...				

116)	- pe djapepoguy re tema toronhomi, e'i,							
	pe	djapepo	guy	r-e	tema	t(o)-	ro-nhomi	e'i
	aquele/lá	panela.com.asa	sob	R ¹ -rel	contraf.2	permiss-	2-esconder	disse
	ela disse: - deixe eu te esconder debaixo daquela panela,disse.							

117)	a'ewy dje (djapepo)		
	a'ewy	dje	djapepo
	então	report	panela.com.asa
	então, contam, (panela com asa)		

118)	(odja gwatxu iny wa'eguy re onhomi),(explicação do narrador)						
	odja (empr.E.)	gwatxu	iny	wa'e	guy	r-e	o-nhomĩ
	panela	grande	perm	NP	sob	R ¹ -rel	3-esconder
	escondeu ela (a mulher grávida)debaixo da grande panela						

119)	a'ewy ma dje, dja kuri ndarei ramo							
	a'ewy	ma	dje	dja	kuri	nd-	are-i	ramo
	então	MD	report	já	recentemente	neg	extensão.temporal-neg	subor
	então, contam, não demorou muito, quando							

120a)	emiarirõ kwery owãemba ma, owãe wy dje otxiõupi-upi okuapy				
	∅-emiarirõ	kwéry	o-wãe-mba		ma
	R ² -neto	col	3-chegar-compl		MD

120b)	o-wãe	wy	dje	o-txĩ-upi-upi		o-kwa.py
	3-chegar	prog	report	3corr-nariz-levantar-red		3-estar.pl.loc
	todos os netos chegaram, contam, com seus narizes levantados (farejando)					

121)	-ũh, ipitxe'i nho ko, e'i dje,					
	ũh	i-pitxe-'i	nhõ	ko	e'i	dje
	interj	R ² -odor-aten	excelente	positivo	disse	report
	-ũh, tá com cheiro muito bom, disse, contam					

122)	a'ewy dje oeka ombodjerepa,			
	a'ewy	dje	o-eka	o-mbo-djere-pa
	então	report	3-procurar	3-caus-revirar-compl
	então ele procurou e revirou tudo			

123)	oeka okuapy mamó ete'i pa oĩ,					
	o-eka	o-kua-py	mamo	ete-'i	pa	o-ĩ
	3-procurar	3.estar.em.mov.pl-loc	onde	vera-aten	desc	3-estar
	estavam vasculhando querendo saber o local exato					

124)	a'ewy ma dje djapepo gwatxu oĩ iny wa'ekwe ombodjere,								
	a'ewy	dje	djapepo	gwatxu	o-ĩ	iny	wa'e	kwe	o-mbo-djere
	então	report	panela.com.asa	grande	3-estar	perm	NP	retr	3-caus-revirar
	então, contam, a panela grande que estava (lá) ele revirou								

125)	a'ewy dje odjou a'e py ipuru'a'i wa'e iny,							
	a'ewy	dje	o-djou	a'e	py	i-puru'a-'i	wa'e	iny
	então	report	3-encontrar	esse	loc	R ² -grávida-aten	NP	perm
	então, contam, encontrou a grávida que estava nesse local							

126)	a'ewy rima dje, odjaryi onhomi imoiny wa'ekwe odjou,									
	a'ewy	rima	dje	o-djaryi	o-nhomi	i-mo-iny	wa'e	kwe	o-djou	
	então	trans	report	3corr-avó	3-esconder	R ² -caus.perm	NP	retr	3-encontrar	
	então por isso, contam, o que sua avó escondeu ele encontrou									

127)	a'ewy dje dja ogweraa ma,				
	a'ewy	dje	dja	o-gwera-a	ma
	então	report	ja	3-caus.c.-ir	MD
	então, contam, ele já o levou				

128)	a'e wy dje onhapyrupã, dja odjuka ma,					
	a'ewy	dje	o-nhapyrupã	dja	o-djuka	ma
	então	report	3-golpear	já	3-matar	MD
	então, contam, ele golpeou e matou					

129)	a'e ramo rima dje mba'eypy waimi'i aipo e'i:							
	a'e	ramo	rima	dje	mba'eypy	waimi'i	aipo	e'i
	esse	subor	trans	report	ser do mal	idoso	ev.son	disse
	por isso, contam, o ser do mal idoso disse:							

130a)	- imembykwe'i ke eru txewy pe txerymba rã'i, e'i dje,					
	i-memby-	kwe-'i	ke	e-r-u	txe-	wy
	R ³ -filho.fm-	ex-aten	des	2-caus.c.-trazer	1-	dat

130b)	pe	txe	r-ymba	rã-'i	e'i	dje
	aquele/lá	1	R ¹ -criação	proj-aten	disse	report
	- dê para mim o filho dela para minha criação, disse, contam					

131a)	a'e ramo dje, -ah, nda'ewei, nda'ewei, e'i wywe dje					
	a'e	ramo	dje	ãh	nd-	a'ewe-i
	esse	subor	report	interj	neg-	anuência-neg.

131b)	nd-	a'ewe-i	e'i	wywe	dje
	neg-	anuência-neg	disse	em seguida	report
	então por isso, contam, -ah, não pode, não pode, no momento em que disse, contam				

132)	(mba'ereikatue'ỹ ma wy ramo)						
	mba'e	rei	katu	e'ỹ	ma	wy	ramo
	coisa	à.toa	boa	neg	MD	prog	subor
	não é coisa boa qualquer, por isso						

133)	-anyi, atxarory py katu aitxywõ ta,					
	anyi	atxarory	py	katu	a-itxywõ	ta
	neg ind	espeto	instr	boa	1-fincar	poten
	não, é melhor eu fincar com espeto					

134)	a'e ramo dje oitxywõ,			
	a'e	ramo	dje	o-itxywõ
	esse	subor	report	3-fincar
	então por isso, contam, ele fincou			

135)	oitxywõ ta ramo dje odjepero ouwy opo, o'a,								
	o-itxywõ	ta	ramo	dje	o-djepero	o-u	wy	o-po	o-'a
	3-fincar	poten	subor	report	3-resvalar	3-vir	prog	3-pular	3-cair
	no momento em que ia fincar,contam, (o espeto resvalou),e ele pulou e caiu								

136)	a'e rami, -anyi katu, angu'a py katu adjotxo ta.								
	a'e	rami	anyi	katu	angu'a	py	katu	a-djotxo	ta
	esse	comp	neg-ind	boa	pilão	instr	boa	1-socar	poten
	foi assim, -assim não, é melhor eu socar no pilão								

137)	a'e wy angu'a py dju odjotxo awã ranga						
	a'ewy	angu'a	py	dju	o-djotxo	awã	ranga
	então	pilão	instr	rep	3-socar	fnl	frustr
	então, outra vez tinha intenção de socar no pilão						

138)	a'e gui opo oẽ			
	a'e	gui	o-po	o-ẽ
	esse	abl	3-pular	3-sair
	depois, pulou e saiu			

139)	(mba'ereikatue'ỹ ae ramo)					
	mba'e	rei	katu	e'ỹ	ae	ramo
	coisa	à.toa	boa	neg	enf	subor
	não é coisa boa qualquer mesmo, por isso					

140)	a'e ramo rima dje idjaryi waimi'i aipo e'i							
	a'e	ramo	rima	dje	i-djaryi	waimi'i	aipo	e'i
	esse	subor	trans	report	R ² -avó	idoso	ev.son	disse
	por isso, contam, a avó já velhinha disse...							

141)	-ah, ndaperekowai ae ma,				
	ãh	nda-	pe-r-eko-wai-j	ae	ma
	interj	neg-	23-caus.c.-existir-mau-neg	enf	MD
	-ah, não conseguem fazer mau (matar) mesmo				

142a)	ndapedjukai ae wy ma peru katu apy txerymbarã				
	nda-	pe-djuka-i	ae	wy	ma
	neg	23-matar-neg	enf	prog	MD

142b)	pe-r-u	katu	apy	txe	r-yмба	rã
	23-caus.c.-trazer	boa	aqui	1	R ¹ -criação	proj
	não conseguem matar mesmo, trazem aqui para ser minha criação					

143)	e'i dje, a'ewy ma dje, a'e py						
	e'i	dje	a'ewy	ma	dje	a'e	py
	disse	report	então	MD	report	esse	loc
	disse, contam, então, contam, lá...						

144)	odjaryi aywu oendunho gwa'u okuapy, a'e wy rima dje								
	o-djaryi	aywu	o-endu-	nhõ	gwa'u	o-kuapy	a'ewy	rima	dje
	3.corr-avó	fala	3-escutar	excel	burla	3-estar.pl.loc	então	trans	report
	parece que ouviram a fala da sua avó, contam								

145)	-nei awy, a'e wy ma dje dja tudja-tudjawe ma								
	nei	awy	a'ewy	ma	dje	dja	tudja-tudja	we	ma
	exort	exort	então	MD	report	já	adulto-red	adit	MD
	esta bem, então já crescendo mais								

146)	(mba'erei katue'ÿ ri wy) nhamadurã (kuaray-nhamadu)								
	mba'e	rei	katu	e'ÿ	ri	wy	Nhamadu	rã	Kuaray.Nhamandu
	coisa	à.toa	boa	neg	se (hipot)	prog	Sol (NRS)	proj	Sol.Sol.(NRS)
	não é coisa boa qualquer, o futuro sol								

147)	aÿ odjetxaka wa'erã, djetxaka reno'ã rã, (explicação do narrador)						
	aÿ	o-djetxaka	wa'e	rã	djetxaka	r-eno'ã	rã
	atual	3-esplendor	NP	proj	esplendor	R ¹ -existencial	proj
	esse que estará esplendoroso, dará existência ao esplendor						

148)	a'ewy dje dja tudjawe ma oikowy						
	a'ewy	dja	tudja	we	ma	o-iko	wy
	então	já	adulto	adit	MD	3-existir	prog
	então já vive como adulto						

149)	wy dje tamoi raingwa oiko awi, mba'eypy tudja'i awi,								
	wy	dje	t-amo ¹	raingwa	o-iko	awi	mba'eypy	tudja'i	awi
	prog	report	R ⁴ -avô	tipo	3-existir	também	ser do mal	idoso	também
	existia também um tipo de avô um ser do mal idoso								

150)	dja tudjawe ete ma wy rima dje							
	dja	tudja	we	ete	ma	wy	rima	dje
	já	adulto	adit	vera	MD	prog	trans	report
	quando já estava adulto mesmo, (falou):							

151)	- aÿ ma aa ta aikuaa pota'i tewe						
	aÿ	ma	a-a	ta	a-ikuaa	pota-'i	tewe
	agora	MD	1-ir	poten	1-saber	tratar-aten	possib
	- agora eu vou tratar de saber, (o que existe ao redor)						

152)	ama'e-ma'e ta, txerywy ma ndarekoi,						
	a-ma'ẽ-ma'ẽ	ta	txe	r-ywy	ma	nd-	a-re-ko-i
	1-olhar-red	poten	1	R ¹ -irmão	MD	neg	1-caus.c.-existir-neg
	vou olhar por ai, não tenho irmão,						

153a)	ni txe txy ma ndarekoi, e'i wy rima dje oporandu					
	nĩ	txe-	∅-txy	ma	nd-	a-re-ko-i
	nem	1-	R ¹ -mãe	MD	neg	1-caus.c.-existir-neg

153b)	e'i	wy	rima	dje	o-porandu
	disse	prog	trans	report	3-perguntar
	nem minha mãe eu tenho, disse, por isso, contam, ele perguntou				

154)	mamo tu txetxy kãgwe'i, e'i dje						
	mamõ	tu	txe-	∅-txy	kãgwe-'i	e'i	dje
	onde	topic	1-	R ¹ -mãe	ossada-aten	disse	report
	onde está a ossada da minha mãe? disse, contam						

155)	a'i kãgwe'i rima aipota, e'i dje,					
	a'i	kãgwe-'i	rima	a-ipota	e'i	dje
	mãe	ossada-aten	trans	1-querer	disse	report
	é a ossada da minha mãe que eu quero, disse, contam					

156)	a'ewy rima dje, dja ombodjera ta ma otxy,						
	a'ewy	rima	dja	o-mbodjera	ta	ma	o-txy
	então	trans	já	3-criar	poten	MD	3.corr-mãe
	então já estava pronto para criar sua própria mãe						

157)	a'ewy dje, dja omono'omba porã'i imoiny wa'ekwe							
	a'ewy	dje	dja	o-mono'o-mba	porã-'i	i-mo-iny	wa'e	kwe
	então	report	ja	3-juntar-compl	boa-aten	3-caus.-perm	NP	retr
	então, contam, ele já tinha tudo juntadinho							

158)	a'e py iny ramo, a'e				
	a'e	py	iny	ramo	a'e
	esse	loc	perm	subor	3
	por estar lá, ele (falou)				

159)	-aỹ ma txe adjapo ta monde'i, e'i dje,							
	aỹ	ma	txe	a-djapo	ta	monde-'i	e'i	dje
	agora	MD	1	1-fazer	poten	armadilha-aten	disse	report
	- agora vou fazer armadilha, disse, contam							

160)	-monde'i adjapoo ta, e'i, a'ewy ma dje						
	monde'i	a-djapoo	ta	e'i	a'ewy	ma	dje
	armadilha	1-fazer	poten	disse	então	MD	report
	-vou fazer armadilha, disse, então, contam						

161a)	ki mba'eypy kuéry odjodjai rei okuapy, monde'i odjapo ramo,			
	ki	mba'eypy	kuéry	o-djodjai
	aquele	ser do mal	col	3-rir

161b)	rei	o-kuapy	monde'i	o-djapo	ramo
	à.toa	3-estar.pl.loc	armadilha	3-fazer	subor
	aqueles seres do mal estavam rindo por causa da armadilha que ele fez				

162)	- oh, oko raingwa py tu nĩ aikerãe'ỹ,								
	oh	oko	raingwa	py	tu	nĩ	a-ike	rã	e'ỹ
	interj	nesse	tipo	instr	topic	nem	1-entrar	proj	neg
	- oh, com esse tipo de coisa nem bem entrarei,								

163)	oko nunga py tu ni ndatxedjukai rã,								
	oko	nunga	py	tu	nĩ	nda-	txe-	djuka-i	rã
	nesse	tipo	instr	topic	nem	neg	1	matar-neg	proj
	com esse tipo de coisa nem me matará								

164)	ni ndatxemboepotxi rã, e'i					
	nĩ	nda-	txe-	∅-mbo-epotxi	rã	e'i
	nem	neg	1	R ¹ -caus-defecar	proj	disse
	nem vai me fazer cagar (matar), disse					

165)	odjodjai gui riwe a'e rami idjaywu okuapy,						
	o-djodjai	gui	riwe	a'e	rami	i-djaywu	o-kuapy
	3-rir	abl	à.toa	esse	comp	R ² -fala	3-estar.pl.loc
	só para rirem à toa, assim era a fala desse						

166)	a'e rami tudjawe ma wy					
	a'e	rami	tudja	we	ma	wy
	esse	comp	adulto	adit	MD	prog
	nisso, quando já estava mais crescido					

167)	-awatxi'ygwe'i guigwa'i py katuwe ma ni, e'i dje,										
	awatxi-'y	gwe-'i	gui	gwa-'i	py	katu	we	ma	nĩ	e'i	dje
	milho-espiga	ex-aten	abl	pert-aten	instr	boa	adit	MD	nem	disse	report
	disse: - Feito de espiga de milho, então nem (me matará), contam										

168)	a'ewy rima dje, odjopy mba'emokwe,				
	a'ewy	rima	dje	o-djopy	mba'emokwe
	então	trans	repor	3-pegar	coisas
	então, por isso, contam, ele pegou as coisas				

169)	ogweru mba'eypy waimi'ĩa py,			
	o-gwer-u	mba'eypy	waimi'ĩa	a-py
	3-caus.c-trazer	ser.do.mal	idoso-	esse-loc
	trouxe na velhinha, ser do mal			

170)	a'egui ma dje -aỹ ma aa dju ta adjeporakawy,										
	a'e	gui	ma	dje	aỹ	ma	a-a	dju	ta	a-djeporaka	wy
	esse	abl	MD	report	agora	MD	1-ir	rep	poten	1-caçar	prog
	depois disso, dizem, disse: - Agora já vou de novo caçar										

171)	e'i, a'ewy ma dje oo (oo)dje					
	e'i	a'ewy	ma	dje	o-o	dje
	disse	então	MD	report	3-ir	report
	disse, então, contam, ele foi, contam					

172)	- ah,aỹ ma txe anhõ'ĩa waiete ma aiko,							
	ãh	aỹ	ma	txe	anhõ-'ĩa	waiete	ma	a-iko
	interj	agora	MD	1	somente-aten	intens	MD	1-existir
	- ãh, agora estou muito sozinho,							

173)	ambodjera ta tewe txerywyrã'i, e'i,						
	a-mbo-djera	ta	tewe	txe	r-ywy	rã-'i	e'i
	1-caus-criar	poten	possib	1	R ¹ -irmão+novo	proj-aten	disse
	acho que vou criar um irmão pra mim, disse						

174)	a'ewy ma dje opo pyte gui					
	a'ewy	ma	dje	o-po	pyte	gui
	então	MD	report	3corr-mão	centro	abl
	então, contam, do centro de sua própria mão					

175)	ombodjera guywyrã djatxy, a'ewy ma dje,							
	o-mbo-djera	gu-ywy-	rã	djatxy	a'ewy	ma	dje	
	3-caus-criar	3corr-irmão+novo	proj	Lua	então	MD	report	
	criou o próprio irmão Lua, então, contam							

176)	ombodjera ma wy guywy, wy ma dje,						
	o-mbo-djera	ma	wy	gu-ywy	wy	ma	dje
	3-caus-criar	MD	prog	3corr-irmão	prog	MD	report
	criando o próprio irmão, depoís,contam						

177)	aỹ ma ka'aguy re djadjeporaka'i djaikowy,djaa,							
	aỹ	ma	ka'aguy	r-e	dja-djeporaka-'i	dja-iko	wy	dja-a
	agora	MD	mata	R ¹ -rel	1incl-caçar-aten	1incl-existir	prog	1incl-ir
	agora vamos para o mato caçar							

178)	a'ewy ma odje'oi (odje'oi)wy ogweru guyrá,					
	a'ewy	ma	o-dje-'o-i	wy	o-gwer-u	gyra
	então	MD	3-pl.ir-aux.do.pl	prog	3-caus-c.trazer	pássaro
	então eles foram e trouxeram pássaros					

179a)	mba'emokwe, popo raingwa-ingwa a'e nunga-nunga guiwe dje ogweru,		
	mba'emokwe	popo	raingwa-ingwa
	coisas	borboleta	tipo-red

179b)	a'e	nunga-nunga	gui	we	dje	o-gwer-u
	esse	tipo-red	abl	adit	report	3-caus.c.-trazer
	trouxeram coisas semelhantes, borboletas inclusive (trouxeram)...					

180)	mba'emokwe guyrapa py onhywō wa'ekwe ogweru,						
	mba'emokwe	gyrapa	py	o-nhywō	wa'e	kwe	o-gwer-u
	coisas	arco+flecha	instr	1-flechar	NP	retr	3-caus.c.-trazer
	trouxeram coisas (para a avó), os que mataram com arco						

181)	odjaryi ramingwa mba'epyy waimĩ'ĩ pe (ogweru),					
	o-djaryi	ramingwa	mba'epyy	waimĩ'ĩ	pe	o-gwer-u
	3.corr-avó	tipo(suposta)	ser do mal	idoso	dat	3-causa.c-vir
	trouxe para a suposta avó velhinha um ser do mal					

182)	a'e ramo rima dje, guywy pe aipoe'i							
	a'e	ramo	rima	dje	gu-ywy	pe	aipo	e'i
	esse	subor	trans	rep	3corr-irmão + novo	dat	ev.son	disse
	então, nisso, contam, disse ao irmão mais novo							

183)	-aỹ ma djaa mombyry-mbyrywe'i, e'i,					
	aỹ	ma	dja-a	mombyry-mbyry	we-'i	e'i
	agora	MD	1incl-ir	distante-red	adit-aten	disse
	agora vamos mais para longe, disse					

184)	a'e ramo rima dje mba'eypy waimi'i aipo e'i							
	a'e	ramo	rima	dje	mba'eypy	waimi'i	aipo	e'i
	esse	subor	trans	report	ser.do.mal	idosa	ev.son	disse
	então nisso, contam, a velha, ser do mal, disse							

185)	-pee wa'e ka'aguy owy wa'ere tema ke							
	pee	wa'e	ka'aguy	owy	wa'e	r-e	tema	ke
	aquela	NP	mata	verde	NP	R ¹ -rel	contraf.2	des
	a que está lá, a que é mata verde							

186)	tapeoeme, a'e wa'ere ma tapeoeme,									
	ta-	pe-o	emẽ	a'e	wa'e	r-e	ma	ta-	pe-o	emẽ
	permiss	23-ir	neg	esse	NP	R ¹ -rel	MD	permiss	23-ir	neg
	não vão naquela, não vão!									

187)	tapeoeme ke a'e py, e'i dje,							
	ta-	pe-o	emẽ	ke	a'e	py	e'i	dje
	permiss	23-ir	neg	des	esse	loc	disse	report
	é para vocês não irem lá!disse,contam,							

188)	a'e ramo rima dje kuaray aipoe'i:							
	a'e	ramo	rima	dje	Kuaray	aipo	e'i	
	esse	subor	trans	report	Sol	ev.son	disse	
	então, nisso, o sol disse							

189)	-mba'ere ndawy pee ka'aguy owy wa'ere							
	mba'ere	ndawy	pee	ka'aguy	owy	wa'e	r-e	
	por que	dub	aquela	mata	verde	NP	R ¹ -rel	
	Por que será que naquela mata verde							

190)	tapeoeme e'i txerywy, e'i dje,							
	ta-	pe-o	emẽ	e'i	txe-	r-ywy	e'i	dje
	permiss	23-ir	neg	disse	1-	R ¹ -irmão+ novo	disse	report
	não vão, disse, meu irmão, contam							

191)	a'e ramo dje tywy aipo e'i:					
	a'e	ramo	dje	t-ywy	aipo	e'i
	esse	subor	report	R ⁴ -irmão + novo	ev.son	disse
	então nisso o irmão mais novo disse:					

192)	- djaawe, djaa katu a'e py nhama'e, djaikuaa awã								
	dja-a	we	dja-a	katu	a'e	py	nha-ma"ẽ	dja-ikuaa	awã
	1incl-ir	adit	1incl-ir	boa	esse	loc	1incl-olhar	1incl-saber	fnl
	- vamos mais, bom ir e olhar para saber								

193)	mba'ere pa a'e py ndoipotai djaa awã,							
	mba'ere	pa	a'e	py	nd-	o-ipota-i	dja-a	awã
	por que	desc	esse	loc	neg	3-querer-neg	12(3)-ir	fnl
	por que não quer que agente vá lá							

194)	pe ka'aguy re, e'i dje tywy djatxy,						
	pe	ka'aguy	r-e	e'i	dje	t-ywy	djatxy
	aquele	mata	R ¹ -rel	disse	report	R ⁴ -irmão + novo	Lua
	naquela mata, disse o irmão lua						

195a)	a'e ramo dje odje'oi, odje'oi dju ma tape rupi,			
	a'e	ramo	dje	o-dje-'o-i
	esse	subor	report	3-pl-ir-aux.do.pl

195b)	o-dje-'o-i	dju	ma	t-ape	r-upi
	3-pl-ir-aux.do.pl	rep	MD	R ⁴ -caminho	R ¹ -pelo
	nisso então eles foram, foram novamente pelo caminho				

196)	djawe ma dje oetxa peteĩ ywyrá rembypy iny yary,								
	djawe	ma	dje	o-etxa	peteĩ	ywyrá	r-embypy	iny	yary
	enquan	MD	report	3-ver	um	árvore	R ¹ -pé (caule)	perm	cedro
	quando viu um tronco de uma árvore cedro								

197)	yary rembypy i'ãi, a'ewy ma dje					
	yary	r-embypy	i-'ã-ĩ	a'ewy	ma	dje
	cedro	R ¹ -pé (caule)	R ² -em.pé-estar	então	MD	report
	tronco de um cedro em pé, então					

198)	a'e aipoe'i: -aỹ ma ambodjera ta txi'y, e'i,								
	a'e	aipo	e'i	aỹ	ma	a-mbo-djera	ta	txi'y	e'i
	ele	ev.son	disse	agora	MD	1-caus-criar	poten	quati	disse
	ele disse -agora vou criar quati, disse								

199)	a'ewy dje ywate djawe rima dje					
	a'ewy	dje	ywate	djawe	rima	dje
	então	report	alto	enquan	trans	report
	então quando estava no alto					

200)	mba'eypy tudja'i ou iny, a'e wy rima dje,						
	mba'eypy	tudja'i	o-u	iny	a'ewy	rima	dje
	ser.do.mal	idoso	3-vir	perm	então	trans	report
	um ser do mal idoso estava vindo, por isso, contam,						

201)	txi'y eta ikuai ombodjerapa ma wa'ekwe ywyrá re,								
	txi'y	eta	i-kuai	o-mbo-djera-pa	ma	wa'e	kwe	ywyrá	r-e
	quati	muito	R ² -estar.pl	3-caus-criar-compl	MD	PN	retr	árvore	R ¹ -rel
	tinha muito quati que ele tinha gerado na árvore,								

202)	a'e wa'ekwe, tywy ma dje onhemi iny(tywy djatxy),							
	a'e	wa'e	kwe	t-ywy	ma	dje	o-nhemi	iny
	esse	PN	retr	R ⁴ -irmão + novo	MD	report	3-esconder	perm
	aquele era (trocou de sentido...), o irmão, contam, lua estava escondido,							

203)	a'ewy ma a'e ywate iny, kuaray nhamandu					
	a'ewy	ma	a'e	ywate	iny	Kuaray.Nhamandu
	então	MD	ele	alto	perm	Sol-Sol(NRS)
	então, ele estava no alto (da árvore), o Sol					

204)	(ywate iny ombodjera ma txi'y wy),					
	ywate	iny	o-mbo-djera	ma	txi'y	wy
	alto	perm	3-caus-criar	MD	quati	prog
	estava no alto e já gerado quati...					

205)	a'ewy ma dje txi'y o'a wa'e dje						
	a'ewy	ma	dje	txi'y	o-'a	wa'e	dje
	então	MD	report	quati	3-cair	PN	report
	então, aqueles quatis que caiam, contam,						

206)	mba'eypy tudja'i onhapyrupã (o'a wa'e onhapyrupã)		
	mba'eypy	tudja'i	o-nhapyrũpã
	ser.do.mal	idoso	3-golpear
	o ser do mal idoso, golpeava...(os quatis que caiam)		

207)	a'ewy ma dje adjaka tuwitxa wa'ekwe py							
	a'ewy	ma	dje	adjaka	tuwitxa	wa'e	kwe	py
	então	MD	report	cesta	grande	PN	retr	loc
	então, o que tinha de cesta grande...							

208)	dja omonyē rai'i ma, a'edjawe rima dje (omonyē ma)									
	dja	o-monyē	rai-'i	ma	a'e	djawe	rima	dje	omonyē	ma
	já	3-encher	quase-aten	MD	esse	enquan	trans	report	3-encher	MD
	que quase encheu, quando,contam, já cheia									

209)	djawe rima dje a'e py kuaray nhamandu oetxa,(ambiguidade)						
	djawe	rima	dje	a'e	py	Kuaray.Nhamandu	o-etxa
	enquan	trans	report	esse	loc	Sol.Sol.(NRS)	3-ver
	quando ali, ele viu o Sol						

210)	a'ewy ma dje a'e awi onhãpyrũpã,					
	a'ewy	ma	dje	a'e	awi	o-nhãpyrũpã
	então	MD	report	ele	também	3-golpear
	então, contam, golpeou ele também,					

211)	a'ewy dje odjuka merami,			
	a'ewy	dje	o-djuka	merami
	então	report	3-matar	parece
	então, parecia que ele o tinha matado,			

212)	a'ewy dje omboyru adjaka py,				
	a'ewy	dje	o-mboyru	adjaka	py
	então	report	3-embalar	cesta	loc
	então,contam, colocou o na cesta,				

213)	a'e dje ogweraa iny,			
	a'e	dje	o-gwera-a	iny
	ele	report	3-caus.c.-ir	perm
	ele,contam, estava levando			

214)	a'ewy dje djatxy oma'e iny akykwe,					
	a'e	dje	djatxy	o-ma'ẽ	iny	akykwe
	então	report	Lua	3-olhar	perm	atrás
	então,contam, a lua estava olhando atrás (levando Sol)					

215)	(ogweraa merami, ogweraa iny), djawe rima dje,						
	o-gwera-a	merami	o-gwera-a	iny	djawe	rima	dje
	3-caus.c.-ir	parece	3-caus.c.-ir	perm	enquan	trans	report
	parecia que estava levando, levando, quando, contam,						

216)	-tapytu'u'i ranhe txapy'a'i ,			
	ta-	pytu'u'-i	ranhe	txapy'a-'i
	permiss-	descansar-aten	primeiro	rapidamente-aten
	- primeiro deixa eu descansar um instante,			

217)	e'i djawe rima dje a'e kuaray nhamandu					
	e'i	djawe	rima	dje	a'e	Kuaray.Nhamandu
	disse	enquan	trans	report	ele	Sol.Sol.(NRS)
	quando disse,contam, ele, o Sol					

218)	mombyry'i oĩ djawe rima dje kuaray nhamadu					
	mombyry-'i	o-ĩ	djawe	rima	dje	Kuaray.Nhamandu
	distante-aten	3-estar	enquan	trans	report	Sol.Sol.(NRS)
	quando estava um pouco longe,contam, o Sol					

219)	a'e gui oẽ adjaka gui wy rima dje							
	a'e	gui	o-ẽ	adjaka	gui	wy	rima	dje
	esse	abl	3-sair	cesta	abl	prog	trans	report
	saiu da cesta,depois,contam,							

220)	ita tuwitxa wa'e omboyru pe adjaka py						
	ita	tuwitxa	wa'e	o-mboyru	pe	adjaka	py
	pedra	grande	PN	3-embalar	aquele	cesta	loc
	colocou uma pedra grande dentro da cesta						

221)	(a'ewy dje oẽ) oo dju,ou dju ma,							
	a'ewy	dje	o-ẽ	o-o	dju	o-u	dju	ma
	então	report	3-sair	3-ir	rep	3-vir	rep	MD
	então,contam, ele saiu, ele foi, e voltou novamente							

222)	a'ewy dje adjaka oupi dju ta ma						
	a'ewy	dje	adjaka	o-upi	dju	ta	ma
	então	report	cesta	3-levantar	rep	poten	MD
	então ele já ia levantar a cesta						

223a)	- nhãã, adjaka ipoyi,nhaah, ipoyiwe, ate apẽ, e'i dje,					
	nhãã	adjaka	i-poyi	nhãã	i-poyi	we
	surpr	cesta	R ² -pesado	surpr	R ² -pesado	adit

223b)	ate	a-pẽ	e'i	dje
	limit (empr.P.)	1-quebrar	disse	report
	nossa! a cesta está pesada, nossa! está pesada, ate mesmo vou me quebrar, disse,contam,			

224)	ogwerowy'a dje ipoyi rei ramo, a'e gui ma dje									
	o-gwero-wy'a	dje	i-poyi	rei	ramo	a'e	gui	ma	dje	
	3-caus.c.-alegrar	report	R ² -pesado	à.toa	subor	esse	abl	MD	report	
	ele estava feliz contam, porque estava pesadinho, de lá									

225)	dja ogweraa ogwerowãe ma a'e py,					
	dja (empr.P.)	o-gwera-a	o-gwero-waẽ	ma	a'e	py
	já	3-caus.c.-ir	3-caus.c.-chegar	MD	esse	loc
	já o levou, chegaram lá,					

226)	a'ewy rima dje - kowa'e txi'yy, kowa'e ma,								
	a'ewy	rima	dje	ko	wa'e	txi'yy	ko	wa'e	ma
	então	trans	report	este	NP	quati	este	NP	MD
	então,contam: -este quati, este,								

227)	oetxa ranga ramo dje, ita tuwitxa wa'e riwe dje								
	o-etxa	ranga	ramo	dje	ita	tuwitxa	wa'e	riwe	dje
	3-ver	frustr	subor	report	pedra	grande	PN	à.toa	report
	quando ele foi ver, contam, só tinha apenas pedra grande, contam,								

228)	iny ra'e, a'e py, a'ewy dje nhamadu kuaray						
	iny	ra'e	a'e	py	a'ewy	dje	Nhamadu.Kuaray
	perm	recente	esse	loc	então	report	Sol.(NRS).Sol
	havia lá dentro, então o Sol...						

229)	a'e adja guywy rewe dja oo ra'e ma.							
	a'e	adja	gu-ywy	rewe	dja	o-o	ra'e	ma
	esse	durante	3corr.irmão+ novo	junto	já	3-ir	recente	MD
	enquanto isso de repente ele foi embora com irmão mais novo.							

230)	amboae ara re ma dje, odje'oi dju (odje'oi dju)					
	amboae	ara	r-e	ma	o-dje'-o-i	dju
	outro	dia	R ¹ -rel	MD	3.pl-ir-aux.do.pl	rep
	outro dia,contam, eles foram andar novamente,					

231a)	a'e ramo dje, pe ka'aguy re odje'oi warã wa'ekwe			
	a'e	ramo	dje	pe
	esse	subor	report	aquele

231b)	ka'aguy	r-e	o-dje-'o-i	wa	rã	wa'e	kwe
	mata	R ¹ -rel	3-pl-ir-aux.do.pl	fnl	proj	PN	retr
	então quando, contam, eles eram para ir naquela mata (indicada pela suposta avó)						

232)	ndooi teri, a'e wa'e re imaendu'a						
	nd-	o-o-i	teri	a'e	wa'e	r-e	i-maendu'a
	neg	3-ir-neg	incompl	esse	PN	R ¹ -rel	R ² -lembrar
	ainda não foram, lembram						

233)	-mba'ere randawy, e'i dje, a'ewy dje odje'oi dje,								
	mba'ere	rã	ndawy	e'i	dje	a'ewy	dje	o-dje-'o-i	dje
	por que	proj	dub	disse	report	então	report	3-pl-ir-aux do pl	report
	-por que será, disse, contam, então eles foram,								

234)	djawe rima dje, oo dju ma iny						
	djawe	rima	dje	o-o	dju	ma	iny
	enquan	trans	report	3-ir	rep	MD	perm
	quando, contam, estava indo novamente						

235)	peitxa yakã rembe rupi			
	peixa	yakã	r-embe	r-upi
	assim	rio	R ¹ -beira	R ¹ -pelo
	assim pelo rio			

236)	djawe rima pe rami dju ma mba'eypy tudja'i							
	djawe	rima	pe	rami	dju	ma	mba'eypy	t-udja'i
	enquan	trans	aquele	comp	rep	MD	ser.do.mal	R ⁴ -idoso
	quando, o ser do mal estava por ali...							

237)	odjopoi djekuaa oiny, (odjopoi djekuaa iny)		
	o-djopo ¹	djekuaa	o-iny
	3-pescar	as.vistas	3-perm
	estava as vistas pescando		

238)	djawe rima dje, djatxy aipoe'i					
	djawe	rima	dje	djatxy	aipo	e'i
	enquan	trans	report	Lua	ev.son	disse
	quando, o Lua disse: (na cultura Gwarani a Lua é masculino)					

239)	- ãh, txe ma aa ta ambotawy,					
	ãh	txe	ma	a-a	ta	a-mbotawy
	interj	1	MD	1-ir	poten	1-enganar
	- ãh, eu vou lá enganar...(ele)					

240)	pira rima ra'e omõatã pindatxã re e'i awã								
	pira	rima	ra'e	o-mõatã	pinda-	txã	r-e	e'i	awã
	peixe	trans	recente	3-puxar	anzol-	corda	R ¹ -rel	dizer	fnl
	para ele dizer que era peixe que puxou a corda								

241)	a'e ramo dje yyguy rupi gwa'u oo iny,								
	a'e	ramo	dje	yy	guy	r-upi	gwa'u	o-o	iny
	esse	subor	report	ágwa	sob	R ¹ -pelo	burla	3-ir	perm
	então, contam, quando estava indo por debaixo d'água...								

242)	a'ewy pee py ma mba'eypy tudja'i					
	a'ewy	pee	py	ma	mba'eypy	t-udja'i
	então	aquele	loc	MD	ser.do.mal	R ⁴ -idoso
	então ali estava o ser primitivo idoso					

243a)	odjopoi inya py ipindatxã re omoatã djepi oikowy djatxy,				
	o-djopo ¹	iny	a-py	i-pinda-	txã
	3-pescar	perm	esse-loc	R ² -anzol-	corda

243b)	r-e	o-moatã	djepi	o-iko	wy	djatxy
	R ¹ -rel	3-puxar	frequen	3-existir	prog	Lua
	onde ele estava pescando e a lua puxava a corda de vez em quando					

244)	a'e ramia gui ma dje				
	a'e	rami	a-gwi	ma	dje
	esse	comp	esse-abl	MD	report
	depois dali, contam				

245)	oipintxa txapy'a riwe dju djatxy re,						
	o-ipintxã	txapy'a	riwe	dju	djatxy	r-e	
	3-beliscar	rapidamente(sem querer)	à.toa	rep	Lua	R ¹ -rel	
	de repente beliscou no Lua						

246)	a'ewy ma, mba'eypy odjopy wy odjuka djatxy,						
	a'ewy	ma	mba'eypy	o-djopy	wy	o-djuka	djatxy
	então	MD	ser.do.mal	3-pegar	prog	3-matar	Lua
	então, o ser do mal pegou o Lua e o matou,						

247)	odjuka wy ma ogweraa (ogweraa)			
	o-djuka	wy	ma	o-gwera-a
	3-matar	prog	MD	3-caus.c.-ir
	matou e o levou			

248)	tyke''y a'e py oma'ẽ odjae'o iny,					
	t-yke''y	a'e	py	o-ma'ẽ	o-djae'o	iny
	R ⁴ -irmão + velho	esse	loc	3-ver	3-chorar	perm
	lá estava irmão olhando e chorava,					

249)	a'e gui dje ogweraa wy dje ogwerowãe						
	a'e	gui	dje	o-gwera-a	wy	dje	o-gwero-wãe
	esse	abl	report	3-caus.c.-ir	prog	report	3-caus c.-chegar
	de lá,contam, ele o levou e chegou junto						

250)	(owerowae) a'e py wy o'upa ramo rima ma dje,							
	a'e	py	wy	o-'u-pa	ramo	rima	ma	dje
	esse	loc	abl	3-comer-compl	subor	trans	MD	report
	lá comeu-o tudo e quando							

251a)	tyke'y aipoe'i: - eh,txerywy kangwe'i ke emono'omba dju,					
	t-yke'y	aipo	e'i	ẽh	txe-	r-ywy
	R ⁴ -irmão + velho	ev.son	disse	interj	1	R ¹ -irmão + novo

251b)	kangwe-'i	ke	e-mono'o-mba		dju
	ossada-aten	des	2-juntar-compl		rep
	irmão mais velho disse: - ẽh, é preciso que junte todos os ossos do meu irmão novamente...				

252)	emono'omba dju, ambodjera,		
	e-mono'o-mba	dju	a-mbo-djera
	2-juntar-compl	rep	1-caus.-criar
	junte tudo de novo, vou gerar		

253)	a'e gui dje ogweraa dju ombodjera awã,						
	a'e	gui	dje	o-gwera-a	dju	o-mbo-djera	awã
	esse	abl	report	3-caus.c.-ir	rep	3-caus.-criar	fnl
	depois, contam, levou-o novamente para criar:						

254)	-mba'erã tu reipotã, e'i dje,				
	mba'erã	tu	re-ipota	e'i	dje

	para quê	topic	2-querer	disse	report
	-para quê você quer, disse, contam,				

255)	a'e ramo dje dja oo ogweraa dju ma dje								
	a'e	ramo	dje	dja	o-o	o-gwera-a	dju	ma	dje
	esse	subor	report	já	3-ir	3-caus.c.-ir	rep	MD	report
	então por isso, contam, ele foi e o levou novamente (a ossada do Lua)								

256)	guywy dja ombodjera dju, a'ewy dje,						
	gu-ywy		dja	o-mbo-djera	dju	a'ewy	dje
	3corr-irmão + novo	já	3-caus.-criar	rep	então	report	
	gerou novamente o irmão mais novo, então, contam						

257)	(a'ewy rima dje dja oo dju)					
	a'ewy	rima	dje	dja	o-o	dju
	então	trans	report	já	3-ir	rep
	então, contam, foram novamente					

258)	oo dju wy dje aipoe'i					
	o-o	dju	wy	dje	aipo	e'i
	3-ir	rep	prog	report	ev.son	disse
	ele indo novamente disse:					

259)	-aỹ ma djaawe'i djaikuaa pota					
	aỹ	ma	dja-a-	we-'i	dja-ikuaa	pota
	agora	MD	1 incl-ir-	adit-aten	1 inclus-saber	tratar
	agora vamos ir mais, vamos procurar saber					

260)	pee ka'aguy owy wa'e re, tapeoeme e'i rire,									
	pee	ka'aguy	owy	wa'e	r-e	ta-	pe-o-	emẽ	e'i	rire
	aquele	mata	verde	NP	R ¹ -rel	permiss	23-ir	neg	disse	depois
	naquela mata verde, naquele que disse que não podem ir,									

261)	e'i dje, a'e gui ma dje, odje'oi, (odje'oi)						
	e'i	dje	a'e	gui	ma	dje	o-dje-'o-i
	disse	report	esse	abl	MD	report	3-pl-ir-aux.do.pl
	disse, contam, depois, contam, eles foram						

262)	(tapeo eme ke e'i wa'ekwe ka'aguy re,								
	ta-	pe-o	emẽ	ke	e'i	wa'e	kwe	ka'aguy	r-e
	permiss	23-ir	neg	des	disse	NP	retr	mata	R ¹ -rel
	naquela mata (onde a suposta avó) disse que não podia ir								

263)	e'i agwe re), a'e kuéry odje'oi... gwerawy, wy,								
	e'i	agwe	r-e	a'e	kuéry	o-dje-'o-i	gwer-a	wy	wy
	disse	loc.ref	R ¹ -rel	esse	col	3-pl-ir-aux.do.pl	caus.c.-ir	prog	prog
	no que foi dito, eles foram...								

264)	odje'oi, guyra'i eta..., onhywõ odjuka,				
	o-dje-'o-i	gyra''i	eta	o-nhywõ	o-djuka
	3-pl-ir-aux.do.pl	passarinho	muito	3-flechar	3-matar
	eles foram, tinha muito passarinho, flechou e matou				

265)	odjuka wa'ekwe oku'a re omotxã py odje'oi,							
	o-djuka	wa'e	kwe	o-ku'a	r-e	o-motxã	py	o-dje-'o-i
	3-matar	NP	retr	β-cintura	R ¹ -rel	3-amarrar	instr	3-pl-ir-aux.do.pl
	aqueles que eles matavam amarrava na cintura e iam,							

266)	a'egui dja owãe ma a'e py,						
	a'e	gui	dja	o-wãe	ma	a'e	py
	esse	abl	já	3-chegar	MD	esse	loc
	depois eles já chegaram lá						

267)	a'ewy djoakaty'e'ỹ ma dje oo,						
	a'ewy	djoa-	katy	e'ỹ	ma	dje	o-o
	então	união-	direç	neg	MD	report	3-ir
	então foram para o lado diferente						

268)	tywy ma dje owái katy,				
	t-ywy	ma	dje	owa ⁱ	katy
	R ⁴ -irmão + novo	MD	report	oposto	direc
	o irmão mais novo, contam, para direção oposta				

269)	tyke'y ma dje owái katy oo,					
	t-uke'y	ma	dje	owa ⁱ	katy	o-o
	R ⁴ -irmão + velho	MD	report	oposto	direc	3-ir
	irmão mais velho, contam, foi para a direção oposta					

270)	a'ewy ma dje tywy oo iny,					
	a'ewy	ma	dje	t-ywy	o-o	iny
	então	MD	report	R ⁴ -irmão + novo	3-ir	perm
	então, contam, o irmão mais novo estava indo					

271)	a'ewy dje peitxa ywate iny parakau,					
	a'ewy	dje	peitxa	ywate	iny	paraka ^u

	então	report	assim	alto	perm	papagaio	
	então, contam, o papagaio estava assim no alto,						

272)	a'e py iny, a'e wa'e re ma dje guyrapia								
	a'e	py	inỹ	a'e	wa'e	r-e	ma	dje	guyrapia
	esse	loc	perm	esse	NP	R ¹ -rel	MD	report	flecha p/pássaro
	estava lá, direção a esse, contam, pegou a flecha próprio para pássaro,								

273	omombo wy rima dje,			
	o-mombo	wy	rima	dje
	3-jogar	prog	trans	report
	jogou-a,contam,			

274)	a'e ramo rima dje parakáu idjaywu:					
	a'e	ramo	rima	dje	paraka ^u	i-djaywu
	esse	subor	trans	report	papagaio	R ² -falar
	então, por isso, contam, o papagaio falou:					

275)	- ndetxy'uare pe maẽ ma, redjeporaka, e'i,							
	nde-	txy'u-	are	pe	maẽ	ma	re-djeporaka	e'i
	2	mãe-comer-	agente	dat	somente	MD	2-caçar	disse
	você alimenta somente aquele que comeu sua mãe,disse							

276)	a'e ramo rima ma dje:- ãh, mba'ewa'e e'i tu,								
	a'e	ramo	rima	ma	dje	ãh	mba'ewa'e	e'i	tu
	esse	subor	trans	MD	report	interj	o que	disse	topic
	então, por isso. contam:- uh, oque disse mesmo?								

277)	e'i dje, noendukuaai merami, a'e ramo dje,								
	e'i	dje	n-	o-endu-kuaa-i		merami	a'e	ramo	dje
	disse	report	neg	3-escutar-saber-neg		parece	esse	subor	report
	disse, contam, parecia que não compeendia, então por isso, contam,								

278)	- amombo dju ta, omombo dju, omombo djurã dje								
	a-mombo	dju	ta	o-mombo	dju	o-mombo	dju	rã	dje
	1-jogar	rep	poten	3-jogar	rep	3-jogar	rep	proj	report
	-vou jogar de novo, jogou de novo, quando ia jogar novamente								

279)	(guyrapia omombo djurã dje) a'ekwe rami dju idjaywu:									
	guyrapia	o-mombo	dju	rã	dje	a'e	kwe	rami	dju	i-djaywu

	flecha	3-jogar	rep	proj	report	esse	retr	comp	rep	R ² -falar
	quando ia jogar a flecha novamente, contam, da mesma forma falou novamente:									

280a)	- ndetxy'uare pe mae ma pedjeporaka, e'i dje parakáu,						
	nde-	txy	'u-	are	pe	maẽ	ma
	2	mãe-	comer-	agente	dat	somente	MD

280b)	pe-djeporaka	e'i	dje	paraka ^u
	23-caçar	disse	report	papagaio
	-vocês alimentam somente aquele que comeu a mãe de vocês, disse, contam, papagaio,			

281)	a'e ramo dje, a'ekwe rami idjaywu,						
	a'e	ramo	dje	a'e	kwe	rami	i-djaywu
	esse	subor	report	esse	retr	comp	R ² -falar
	então, por isso, contam, da mesma forma falou:						

282)	-mba'e e'i ete tu,			
	mba'e	e'i	ete	tu
	o quê	disse	vera	topic
	-o que disse mesmo?			

283)	a'egui ma dje guyke'y pe otxapukái,						
	a'e	gui	ma	dje	gu-yke'y	pe	o-txapuka ¹
	esse	abl	MD	report	3corr-irmão + velho	dat	3-gritar
	depois, contam, ele gritou para o irmão mais velho						

284)	-ke'yyy, edju apy, apy tu...guyra re guyrapia						
	ke'yyy	e-dju	apy	tu	guyra	r-e	guyrapia
	irmãao.voc	2-vir	aqui	topic	pássaro	R ¹ -rel	flecha
	-irmãao! vem aqui, aqui o pássaro,						

285a)	amombo rã tu idjaywu rity'y, wáiri naendukuaai ta wy,			
	a-mombo	rã	tu	i-djaywu
	1-jogar	proj	topic	R ² -falar

285b)	rity'y	wairi	n-	a-endu-kuaa-i	ta-	wy
	surpr	mas(restritivo)	neg	1-escutar-saber-neg	poten	prog
	quando eu ia jogar (por minha surpresa) ele falou, mas não entendo					

286)	mba'ewa'e porei ma, a'e ramo rima dja							
	mba'ewa'e	po	rei	ma	a'e	ramo	rima	dja

	o que	ev.son	à.toa	MD	esse	subor	trans	já
	o que pronunciou? Por isso já,							

287)	ou guywya py, -mba'e wa'e tu.				
	o-u	gu-ywy-a	py	mba'ewa'e	tu
	3-vir	3corr-irmão + novo-?	loc	o que	topic
	ele veio no irmão mais novo: -o que foi?				

288)	a'e ramo dje dja oetxa,				
	a'e	ramo	dje	dja	o-etxa
	esse	subor	report	já	3-ver
	então, por isso, contam, ele já o viu				

289)	oetxa a'e py parakáu iny,				
	o-etxa	a'e	py	paraka ^u	iny
	3-ver	esse	loc	papagaio	perm
	viu o papagaio lá (na árvore)				

290)	- ne emombo dju awy guyrapia,				
	ne	e-mombo	dju	awy	guyrapia
	exort	2-jogar	rep	exort	flecha
	-vai, joga novamente a flecha vamos ver				

291)	a'e ramo, omombo dju ri ramo dje parakáu idjaywu							
	a'e	ramo	o-mombo	dju	ri	ramo	dje	paraka ^u
	esse	subor	3-jogar	rep	se(hipot)	subor	report	papagaio
	então, quando ele jogou novamente, contam, o papagaio falou:							

292)	- pendetxy'uare pe mae ma pedjeporaka,							
	pende-	txy-	'u-	are	pe	maẽ	ma	pe-djeporaka
	23-	mãe-	comer-	agente	dat	somente	MD	23-caçar
	- vocês alimentam somente aquele que comeu a mãe de vocês,							

293)	a'e ramo rima dje Kuaray Nhamandu a'e py odjae'o								
	a'e	ramo	rima	dje	Kuaray.Nhamadu	a'e	py	o-djae'o	
	esse	subor	trans	report	Sol.Sol (NRS)	esse	loc	3-chorar	
	então por isso, contam, o Sol lá ele chorou,								

294)	(odjae'oo-djae'o-djae'o)	
	o-djae'o-o-djae'o-djae'o	
	3-chorar-along-red-red	
	ele chorou, chorou e chorou	

295)	nhã,odjere-djere odjere dje oikowy a'e rupi,							
	nhã	o-djere-djere	o-djere-djere	dje	o-iko	wy	a'e	r-upi
	admir	3-girar-red	3-girar-red	report	3-existir	prog	esse	R ¹ -pelo
	nossa! estava girando, girando e girando por lá							

296)	(odjere-djere odjae'o wy), a'e ramo dje tywy							
	o-djere-djere	o-djae'o	wy	a'e	ramo	dje	t-ywy	
	3-girar-red	3-chorar	prog	esse	subor	report	R ⁴ -irmão + novo	
	ele girava e girava chorando, então, por isso, contam, o irmão mais novo:							

297)	- mba'ewa'e e'i tu, mba'e re tu ke'y oko rami							
	mba'ewa'e	e'i	tu	mba'ere	tu	ke'y	oko	rami
	o quê	disse	topic	por quê	topic	irmão + velho	esse	comp
	-O que disse? Por quê, irmão, esta assim...							

298)	redjere-djere redjae'o wy, e'i,			
	re-djere-djere	re-djae'o	wy	e'i
	2-girar-red	2-chorar	prog	disse
	girando e girando chorando, disse			

299a)	- anyi, ndetxy'uare pe mãe ma peru mba'emokwe,			
	anyi	nde-	txy-'u-	are
	não ind	2-	mãe-comer-	agente

299b)	pe	mãe	ma	pe-r-u	mba'emokwe
	dat	somente	MD	23-caus.c-trazer	coisas
	-não! vocês trazem as coisas somente para aquele comeu sua mãe,				

300)	mba'emokwe'i pedjuka wa'e peme'e itxupe, e'i rima,							
	mba'emokwe-'i	pe-djuka	wa'e	pe-me'ẽ	i-txu	pe	e'i	rima
	coisas-aten	23-matar	NP	23-dar	R ² -dat	dat	disse	trans
	as coisinhas que vocês matam dão para ela, disse assim,							

301)	- ndetxy'uare pe rima, e'i,						
	nde-	txy-	'u-	are	pe	rima	e'i
	2-	mãe-	comer-	agente	dat	trans	disse
	- é para aquele que comeu sua mãe, disse						
	a'e ramo rima tywy oendukuaa ma wi wy						

302)	a'e	ramo	rima	t-ywy	o-endu-kuaa	ma	wi	wy
	esse	subr	trans	R ⁴ -irmão + novo	3-escutar-saber	MD	também	prog
	então quando o irmão mais novo entendeu também							

303)	a'e awi odjae'o (odjae'o-djae'o,odjae'o).				
	a'e	awi	o-djae'o	o-djae'o-djae-o	o-djae'o
	esse	também	3-chorar	3-chorar-red	3-chorar
	ele também chorou, chorou,chorou e chorou				

304)	a'e gwi mae ma dja a'ekuéry odje'oi dju ma:									
	a'e	gwi	maẽ	ma	dja	a'e	kuéry	o-dje-'o-i	dju	ma
	esse	abl	somente	MD	já	esse	col	3-pl-ir-aux.do.pl	rep	MD
	somente de lá, eles foram embora novamente									

305)	- aỹ ma djadjapo monde			
	aỹ	ma	dja-djapo	monde
	agora	MD	1incl-fazer	armadilha
	- agora vamos fazer armadilha,			

306a)	a'egwi ma mba'eypy kuéry nhambo'apa djadjukapa, e'i				
	a'e	gwi	ma	mba'eypy	kuéry
	esse	abl	MD	ser.do.mal	col

306b)	nha-mbo-'a-pa		dja-djuka-pa		e'i
	1incl-caus-cair-compl		1incl-matar-compl		disse
	depois vamos prender todos seres do mal e matar todos, disse				

307)	-a'e gui ma dja odje'oi wy ma, peitxa							
	a'e	gwi	ma	dja	o-dje-'o-i	wy	ma	peitxa
	esse	abl	MD	já	3-pl-ir-aux.do.pl	prog	MD	assim
	de lá eles indo embora, assim							

308)	(araguy regwa pytä wa'e kuéry py ogwereco ae) (explicação do narrador)									
	ara	gwy	r-egwa	pytä	wa'e	kuéry	py	o-gwer-eko	ae	
	céu	sob	R ¹ -pert	vermelho	NP	col	loc	3-caus.c-existir	enf	
	esses que são vermelhos que vivem abaixo do céu, têm mesmo									

309)	awatxi, awatxi pytä wa'e)			
	awatxi	awatxi	pytä	wa'e
	milho	milho	vermelho	NP
	milho que é vermelho,			

310)	a'ewy py dje peitxa idjyke re monde odjapo,							
	a'ewy	py	dje	peitxa	i-djyke	r-e	monde	o-djapo
	então	loc	report	assim	R ² -de.lado	R ¹ -rel	armadilha	3-fazer
	então fizeram armadilha assim bem de lado:							

311)	- aỹ ma djadjapo ma monde, e'i,					
	aỹ	ma	dja-djapo	ma	monde	e'i
	agora	MD	1incl-fazer	MD	armadilha	disse
	- agora vamos fazer armadilha, disse,					

312)	a'e gwi dje monde odjapo ma,					
	a'e	gwi	dje	monde	o-djapo	ma
	esse	abl	report	armadilha	3-fazer	MD
	depois, contam, eles fizeram a armadilha					

313)	a'e ramo dje, nhãã.de, odjodjai rei wa'ekwe dja								
	a'e	ramo	dje	nhãã.de	o-djodja ¹	rei	wa'e	kwe	dja
	esse	subor	report	admir.aux	3-rir	à.toa	NP	retr	já
	então, quando, contam, nossa! aqueles que estavam rindo já,								

314)	-oh, oko raingwa'i py tu ni...					
	oh	oko	raingwa-'i	py	tu	nĩ
	interj	esse	tipo-aten	instr	topic	nem
	-oh, desse tipo ai nem...					

315)	a'e ramo dje: -nẽ eike awy, eike awy,							
	a'e	ramo	dje	nẽ	e-ike	awy	e-ike	awy
	esse	subor	report	exort	2-entrar	exort	2-entrar	exort
	então quando, contam: -vamos entre então, então entre							

316)	e'i ramo dje,oike wy ramo dje ombopire,							
	e'i	ramo	dje	o-ike	wy	ramo	dje	o-mbopire
	disse	subor	report	3-entrar	prog	subor	report	3-matar(metáfora)
	quando disse, contam, quando entrou, contam, o matou:							

317)	-ah, mba'ere tu, a'e gui ma amboae dju oike								
	ãh	mba'ere	tu	a'e	gui	ma	amboae	dju	o-ike
	interj	por quê	topic	esse	abl	MD	outro	rep	3-entrar
	- ãh, por quê?(interrupção da fala), depois, novamente outro entrou								

318)	ramo dje a'ekwe rami dju odjuka dju,							
	ramo	dje	a'e	kwe	rami	dju	o-djuka	dju
	subor	report	esse	retr	comp	rep	3-matar	rep
	quando, contam, aconteceu da mesma forma, novamente o matou							

319)	a'e gui ma dje dja odjukapa ma.						
	a'e	gui	ma	dje	dja	o-djuka-pa	ma
	esse	abl	MD	report	já	3-matar-compl	MD
	depois, contam, eles já tinham matado todos:						

320)	- aỹ ma ipuru'a'i wa'e kuéry dju djadjuka, e'i dje,								
	aỹ	ma	i-puru'a'i	wa'e	kuéry	dju	dja-djuka	e'i	dje
	agora	MD	R ² -grávida-aten	NP	col	rep	1incl-matar	disse	report
	- agora vamos matar aquelas grávidas, disse. contam,								

321)	a'e kuéry aipoe'i:			
	a'e-	kuéry	aipo	e'i
	esse	col	ev.son	disse
	eles disseram:			

322a)	-aỹ ma djaa pe yakã rowaigwa'i re nhama'ẽ-ma'ẽ wy,				
	aỹ	ma	dja-a	pe	yakã
	agora	MD	1incl-ir	aquele	rio

322b)	r-owai	gwa-'i	r-e	nha-ma'ẽ-ma'ẽ	wy
	R ¹ -oposto	pert-aten	R ¹ -rel	1incl-olhar-red	prog
	- agora vamos lá do outro lado do rio para olhar (averigwar)				

323)	e'i dje, wy ma odje'oi a'e py						
	e'i	dje	wy	ma	o-dje-'o-i	a'e	py
	disse	report	prog	MD	3-pl-ir-aux.do.pl	esse	loc
	disse, contam, e foram para lá						

324)	rire ma dje petei gwawira rembypy iny wa'e							
	rire	ma	dje	petêi	gwawira	r-embypy	iny	wa'e
	depois	MD	report	um	gwaviraba	R ¹ -pé	perm	NP
	depois, contam, havia um pé de gwaviraba							

325)	dju ma odjou okuapy,			
	dju	ma	o-djou	o-kuapy
	rep	MD	3-achar	3-estar.pl.loc
	que eles novamente o acharam,			

326)	a'ewy rima dje aipoe'i				
	a'ewy	rima	dje	aipo	e'i
	então	trans	report	ev.son	disse
	então, contam, disse:				

327)	-aỹ ma ipuru'a'i wa'e kuéry djaru					
	aỹ	ma	i-puru'a-'i	wa'e	kuéry	dja-r-u
	agora	MD	R ² -grávida-aten	NP	col	1-incl-caus.c.-trazer
	-agora vamos trazer as grávidas					

328)	wy ma djadjukapa, e'i dje,				
	wy	ma	dja-djuka-pa	e'i	dje
	prog	MD	1incl-matar-term	disse	report
	e vamos matar todos, disse, contam,				

329)	odjapo yrywõwõ, peitxa (gesto) ywyrã onhonõ,				
	o-djapo	yrywõwõ	peitxa	ywyrã	o-nhonõ
	3-fazer	ponte	assim	árvore	3-deitar
	fizeram a ponte assim deitando os troncos,				

330)	peitxa yakã 'ary rupi, a'ewy dje aipoe'i							
	peitxa	yakã	'ary	r-upi	a'ewy	dje	aipo	e'i
	assim	rio	sobre	R ¹ -pelo	então	report	ev.son	disse
	assim por cima do rio, então, contam, e disse:							

331)	- aỹ ma ipuru'a wa'e kuéry ogwedjypaa ma							
	aỹ	ma	i-puru'a	wa'e	kuéry	o-gwedjy-pa	ma	
	agora	MD	R ² -grávida	NP	col	3-descer-compl	MD	
	- agora as grávidas desceram todos							

332)	yrywõwõ'ary rupi ma djawe mae ma nhambodjere,							
	yrywõwõ	'ary	r-upi	ma	djawe	maẽ	ma	nha-mbo-djere
	ponte	sobre	R ¹ -pelo	MD	enquan	somente	MD	1incl-caus.-virar
	vamos virar a ponte no momento que estiverem em cima,							

333)	a'ewy ma djadjukapa, e'i,			
	a'ewy	ma	dja-djuka-pa	e'i
	então	MD	1incl-matar-compl	disse
	então vamos matar todos, disse			

334)	a'ewy rima dje yrywõwõ odjapopa ma,				
	a'ewy	rima	dje	yrywõwõ	o-djapo-pa
	então	trans	report	ponte	3-fazer-compl
	então, contam, terminaram de fazer a ponte:				

335)	- reikuaa rã ta wy mboapykwe atxapymi djawe ma								
	re-ikuaa	rã	ta	wy	mboapy	kwe	a-txapymi	djawe	ma
	2-saber	proj	poten	prog	três	vezes	1-piscar	enquan	MD
	- tu deve saber quando eu piscar três vezes								

b

336)	nhambodjere, e'i ma dje tyke'y Nhamandu Kuaray,					
	nha-mbo-djere	e'i	ma	dje	t-tyke'y	Nhamandu.Kuaray
	1-incl-caus-virar	disse	MD	report	R ⁴ -irmão + velho	Sol (NRS).Sol
	vamos virar, disse, contam, o irmão Sol					

337)	a'ewy dje -nei awy, e'i dje,					
	a'ewy	dje	nei	awy	e'i	dje
	então	report	exort	exort	disse	report
	então,contam: -esta bem, disse, contam					

338a)	-nderetxarai eme ta wy. mboapykwe atxapymi djawe ma djawe,				
	nde-	r-etxarai-	emẽ	ta	wy
	2-	R ¹ -esquecer	neg	poten	prog

338b)	mboapy	kwe	a-txapymi	djawe	ma	djawe
	três	vezes	1-piscar	enquan	MD	enquan
	-não vai esquecer, quando piscar três vezes,					

339)	petẽi py ma anyi teri,				
	petẽi	py	ma	anyi	teri
	um	em	MD	não ind	ainda
	em um ainda não,				

340)	mokoia py ma anyi teri,				
	mokoi	a-py	ma	anyi	teri
	dois	esse-loc	MD	não ind	ainda
	em dois ainda não,				

341)	mboapyapy aỹ katu nhambodjere,				
	mboapy	apy	aỹ	katu	nha-mbo-djere
	três	esse-loc	agora	boa	1 incl-caus-virar
	em três ai sim, vamos virar				

342)	a'egui dje,- nei awy,				
	a'e	gui	dje	nẽi	awy
	esse	abl	report	exort	exort
	depois, contam, -esta bem,				

343)	a'ewy dje odje'io,		
	a'ewy	dje	o-dje-'o-i
	então	report	3-pl-ir-aux.do.pl
	então, contam, eles foram,		

344)	a'ewy dje owãe dju mba'eypya py,					
	a'ewy	dje	o-wãe	dju	mba'eypy	a-py
	então	report	3-chegar	rep	ser.do.mal	esse-loc
	então, contam, eles chegaram novamente onde estavam os seres do mal					

345)	a'ewy dje -nhãã pe py ko					
	a'ewy	dje	nhãã	pe	py	ko
	então	report	admir	aquele	loc	esse
	então, contam, -nossa lá,					

346)	gwawira rembypy iny, nhãã idjadjupa, e'i dje,						
	gwawira	r-embypy	iny	nhãã	i-djadju-pa	e'i	dje
	gwavirab a	R ¹ -pé	perm	admir	R ² -maduro-compl	disse	report
	pé de gwaviraba, nossa tava tudo maduro",disse						

347)	a'e ramo rima ipuru'a wa'e kuéry					
	a'e	ramo	rima	i-puru'a	wa'e	kuéry
	esse	subor	trans	R ² -grávida	NP	col
	então, por isso as grávidas:					

348)	- ne orereraa wy a'e py, e'i dje,						
	nẽ	ore-rera-a	wy	a'e	py	e'i	dje
	exort	12excl-caus.c-ir	prog	esse	loc	disse	report
	- vamos nos leva então lá,disse, contam						

349)	a'ewy dje ipuru'a wa'e mba'eypy kuéry odje'oi						
	a'ewy	dje	i-puru'a	wa'e	mba'eypy	kuéry	o-dje-'o-i
	então	report	R ² -grávida	NP	ser.do.mal	col	3-pl-ir-aux.do.pl
	então, contam, os seres do mal grávidas foram						

350)	odjoytxy ma odje'oi,		
	o-djo-ytxy	ma	o-dje-'o-i
	3-rec-fila	MD	3-pl-ir-aux.do.pl
	elas foram em filas		

351)	a'ewy ma owãe ma yrywõwõ oãa py,						
	a'ewy	ma	o-wãe	ma	yrywõwõ	o-ĩ	a-py
	então	MD	3-chegar	MD	ponte	3-estar	esse-loc
	então, chegaram onde tinha a ponte,						

352)	a'ewy dje kuaray nhamandu ma dje owái re						
	a'ewy	dje	Kuaray.Nhamadu	ma	dje	owa ¹	r-e
	então	report	Sol.Sol (NRS)	MD	report	oposto	R ¹ -rel
	então, contam, que o sol estava do outro lado						

353)	a'e gui djaxy (h)owái re,				
	a'e	gui	djaxy	owa ¹	r-e
	esse	abl	Lua	oposto	R ¹ -rel
	e a Lua estava do lado oposto (do Sol)				

354)	a'egwi ma dje kuaray nhamandu ogwedjy					
	a'e	gwi	ma	dje	Kuaray.Nhamadu	o-gwedjy
	esse	abl	MD	report	Sol.Sol (NRS)	3-descer
	depois o Sol Nhamadu desceu					

355)	- aỹ katu pegwedjy katu, a'egwi dje yrywõwõ py								
	aỹ	katu	pe-gwedjy	katu	a'e	gui	dje	yrywõwõ	py
	agora	boa	23-descer	boa	esse	abl	report	ponte	loc
	- agora já podem descer, depois, na ponte								

356)	dja ogwedjy ma djogwerowy dja djoytxyrei ma,								
	dja	o-gwedjy	ma	djo-gwer-o	wy	dja	djo-ytxy	rei	ma
	já	3-descer	MD	rec-caus.c.-ir	prog	já	rec-fila	à.toa	MD
	desceram e foram todos na fila								

357)	djawe ma Kuaray Nhamandu otxapymi guywy pe					
	djawe	ma	Kuaray.Nhamadu	o-txapymi	gu-ywy	pe
	enquan	MD	Sol.Sol NRS	3-piscar	3corr-irmão + novo	dat
	no momento o Sol piscou para o seu irmão mais novo					

358)	- anyi teri, nda'ewei teri, e'i,					
	anyi	teri	nd-	a'ewe-i	teri	e'i
	não ind	ainda	neg	anuência-neg	ainda	disse
	- ainda não, não pode ainda, disse,					

359)	a'e rire dje dja ogwedjypa rei ma,						
	a'e	rire	dje	dja	o-gwedjy-pa	rei	ma
	esse	depois	report	ja	3-descer-compl	à.toa	MD
	depois disso já estavam todos descendo.						

360)	ogwedjypa ma djawe		
	o-gwedjy-pa	ma	djawe
	3-descer-compl	MD	enquan
	no momento que desceram todos		

361)	peteĩ'i ma idjapy'i py ma iny djawe,						
	peteĩ-'i	ma	i-djapy-'i	py	ma	iny	djawe
	um-aten	MD	R ² -final-aten	loc	MD	perm	enquan
	quando estava só apenas uma na beirinha,						

362)	anyi teri e'i awã otxapymi ranga					
	anyi	teri	e'i	awã	o-txapymi	ranga
	não ind	ainda	disse	fnl	3-piscar	frustr
	para dizer (ainda não) ele piscou, mas,					

363)	monkoingwea py riwe dju djabatxy ombodjere imondowy								
	monkõi	ngwe	a-py	riwe	dju	djabatxy	o-mbo-djere	i-mondo	wy
	dois	vezes	esse-loc	à.toa	rep	Lua	3-caus-virar	R ² -rapidamente	prog
	a Lua rapidamente virou ainda na contagem dois.								

364)	(ombodjere imodowy) ramo rima dje					
	o-mbo-djere	i-mondo	wy	ramo	rima	dje
	3-caus-virar	R ² -rapidamen	prog	subor	trans	report
	virou-o rapidamente, por isso, contam					

365)	peteĩ opoo dju (ouwy) peitxa (uso de gesto) ywy'ã re							
	peteĩ	o-poo	dju	o-u-	wy	peitxa	ywy'ã	r-e
	um	3-pular	rep	3-vir	prog	assim	morro	R ¹ -rel
	uma pulou novamente, assim no morro							

366)	Yy py o'a ouwy wa'ekwe pe ma dje									
	yy	py	o-'a	o-u	wy	wa'e	kwe	pe	ma	dje
	ágwa	loc	3-cair	3-vir	prog	NP	retr	dat	MD	report
	para aquele que caiu na ágwa,									

367a)	Kuaray.Nhamandu:- djawamokéra ypo rami odje'oi awã, e'i,	
	Kuaray.Nhamadu	djawamokéra
	Sol.Sol (NRS)	(palavra do Deus Sol para fazer transformar o outro)

367b)	y-po	rami	o-dje-'o-i	awã	e'i
	ágwa-habitante	comp	3-pl-ir-aux.do.pl	fnl	disse
	o Sol (disse): - djawamokéra irmão como habitantes de ágwa, disse				

368)	pe ywy'ã re opo wa'ekwe pe ma							
	pe	ywy'ã	r-e	o-po	wa'e	kwe	pe	ma
	aquele	morro	R ¹ -rel	3-pular	NP	retr	dat	MD
	para aquele que pulou no morro							

369)	-djawamokéra ka'aguy mbowaetea rami,			
	djawamokéra	ka'aguy	mbowaete	a-rami
	palavra para transformar o outro	mata	periculoso	esse-comp
	- djawamokéra será habitante da mata,			

370)	a'e wa'e ma txiwi rami ombodjera					
	a'e	wa'e	ma	txiwi	rami	o-mbo-djera
	esse	NP	MD	onça	comp	3-caus-criar
	aquela ele transformou em uma onça					

371)	a'e gui ma dje dja Kuaray Nhamandu aipoe'i:							
	a'e	gui	ma	dje	dja	Kuaray.Nhamandu	aipo	e'i
	esse	abl	MD	report	já	Sol.Sol(NSR)	ev.son	disse
	depois, contam, o Sol disse:							

372)	- aỹ ma nhandetxy gui ma ambodjera ta,							
	aỹ	ma	nhande-	txy	gui	ma	a-mbo-djera	ta
	agora	MD	1incl-	mãe	abl	MD	1-caus-gerar	poten
	- agora de nossa mãe eu a transformarei							

373)	amboete dju ta ranhe, a'egui ma dje						
	a-mbo-ete	dju	ta	ranhe	a'e	gui	
	1-caus-corpo	rep	poten	primeiro	esse	abl	
	primeiro vou levantar o corpo dela de novo, depois						

374)	- enhemi tawy, ema'ê ki katy ranhe,					
	e-nhemi	tawy	e-ma'ê	ki	katy	ranhê
	2-esconder	condicional	2-olhar	pra.lá	direc	primeiro
	-mas se esconde, olha pra lá primeiro,					

375)	apy nhandetxy kangwe'i gui amboete dju ta, nhandetxy,									
	apy	nhande-	txy	kangwe-'i	gui	a-mbo-ete	dju	ta	nhande	txy
	aqui	l'incl-	mãe	ossada-aten	abl	1-caus-corpo	rep	poten	l'incl-	mãe
	aqui da ossada da nossa mãe vou transformar em corpo novamente, nossa mãe									

376)	a'egui dje ombodjera dju otxy,					
	a'e	gui	dje	o-mbo-djera	dju	o-txy
	esse	abl	report	3-caus-criar	rep	3.corr-mãe
	depois, contam, ele a criou a sua mãe novamente					

377)	a'e ramo dje a'e py djatxy aipo e'i:							
	a'e	ramo	dje	a'e	py	djatxy	aipo	e'i
	esse	subor	report	esse	loc	Lua	ev.son	disse
	por isso, contam, lá a lua disse:							

378)	- takambu-takambu-takambu, e'i, a'e ramo rima dje								
	ta-	kambu-takambu-takambu			e'i	a'e	ramo	rima	dje
	permiss-	mamar-red-red			disse	esse	subor	trans	report
	deixa eu mamar, deixa eu mamar, disse, por isso, contam								

379)	itxy ikangwepa'i dju a'egui ma dje								
	i-txy	i-kangwe-pa-'i			dju	a'e	gui	ma	dje
	R ² - mãe	R ² -ossada-compl-aten			rep	esse	abl	MD	report
	a mãe virou somente ossos novamente								

380)	-anyi, oko rami e'ỹ			
	anyi	oko	rami	e'ỹ
	não ind	esse	comp	neg
	não, assim não			

381)	tambodjera, ema'ẽ ki katy, e'i dje,						
	ta-	mbo-djera	e-ma'ẽ	ki	katy	e'i	dje
	permiss-	caus-criar	2-olhar	pra.lá	direç	disse	report
	-deixa eu criar, olha para lá, disse, contam,						

382)	a'egui ma dje a'ekwe rami dju ombodjera dju,									
	a'e	gui	ma	dje	a'e	kwe	rami	dju	o-mbo-djera	dju
	esse	abl	MD	report	esse	retr	comp	rep	3-caus-criar	rep
	depois, contam,criou de novo da mesma forma,									

383)	a'e py dje iny itxy,				
	a'e	py	dje	iny	i-txy
	esse	loc	report	perm	R ² -mãe
	lá, contam, a mãe dele estava (lá)				

384)	nhãã i'a wuku porã dje o'ãmy,						
	nhãã	i-'a	wuku	porã	dje	o-'ã	my
	admir	R ² -cabelo	comprido	bonito	report	3-em.pé	perm
	nossa! tinha cabelos lindos e compridos, contam, e ela estava em pé,						

385)	a'e ramo dje djatxy, -a'i takambu-takambu-takambu, e'i,							
	a'e	ramo	dje	djatxy	a''i (voc)	ta-	kambu-takambu	e'i
	esse	subor	report	Lua	mãe (voc)	permiss-	mamar-red	disse
	então, assim, contam, a Lua: -mãe deixa eu mamar-mamar, disse							

386a)	a'e ramo rima -nhaã, txerywy nerendui waiete rima,			
	a'e	ramo	rima	nhã
	esse	subor	trans	admir

386b)	txe	r-ywy	n-	er-endu-i	waiete	rima
	1-	R ¹ -irmão + novo	neg	2-escutar-neg	intens	trans
	então assim, -nossa, meu irmão você é muito teimoso mesmo,					

387)	rire dje a'ekwe rami dju ombodjera dju							
	rire	dje	a'e	kwe	rami	dju	o-mbo-djera	dju
	depois	report	esse	retr	comp	rep	3-caus-criar	rep
	depois, contam, criou novamente,							

388a)	mboapykwea py dje dja tywy a'ekwe rami dju idjaywu,			
	mboapy	kwe	a-py	dje
	três	vezes	esse-loc	report

388b)	dja	t-ywy	a'e	kwe	rami	dju	i-djaywu
	já	R ⁴ -irmão + novo	esse	retr	comp	rep	R ² -falar
	no trez, contam, o irmão dele falou de novo						

389)	a'e ramo rima dje -aỹ ma nhandetxy gui								
	a'e	ramo	rima	dje	aỹ	ma	nhande-	txy	gui
	esse	subor	trans	report	agora	MD	1incl-	mãe	abl
	então por isso, contam: -agora de nossa mãe...								

390a)	ambodjera ta djaitxa rami a'egui poypara rami ambodjera ta,			
	a-mbo-djera	ta	djaitxa	rami
	1-caus-criar	poten	paca1	comp

390b)	a'e	gui	poypara	rami	a-mbo-djera	ta
	esse	abl	paca2	comp	1-caus-criar	poten
	vou criar como uma paca1 (djaitxa) e como paca2 (poypara), vou criar-la					

391)	ka'aguy re odjedoraka oikowy wa'e,					
	ka'aguy	r-e	o-djedoraka	o-iko	wy	wa'e
	mata	R ¹ -rel	3-caçar	3-existir	prog	NP
	aquele que vive caçando no mato					

392)	monde upiarã odjapo wa'e,				
	monde	upi-a	rã	o-djapo	wa'e
	armadilha	levantar-ag	proj	3-fazer	NP
	aquele que fará armadilha				

393)	djaitxa e'i ramo ma txo o''arã are ma								
	djaitxa	e'i	ramo	ma	txo	o''a	rã	are	ma
	paca1	disse	subor	MD	só (empr.P.)	3-cair	proj	mora	MD
	se chamar de paca1, demorará a cair								

394)	monde yke idjypi opẽ-opẽ rei ma					
	monde	yke	i-djypi	o-pẽ-opẽ	rei	ma
	armadilha	de.lado	R ² -sujo	3-quebrar-red	à.toa	MD
	quando a armadilha estiver sujo, quebrando à toa					

395)	djawe ma o''arã, a'e rire ma dje,							
	djawe	ma	o''a	rã	a'e	rire	ma	dje
	enquan	MD	3-cair	proj	esse	depois	MD	report
	é o momento em que irá cair, depois, contam							

396)	dja odje'io ma a'e kuéry monkõi (odje'oi)						
	dja	o-dje-'o-i	ma	a'e	kuéry	monkõi	o-dje-'o-i
	já	3-pl-ir-aux.do.pl	MD	esse	col	dois	3-pl-ir-aux.do.pl
	os dois foram embora,						

397a)	a'egui ma dje dja odje'oi ta ma...mba'emo ywyrã'a					
	a'e	gui	ma	dje	dja	o-dje-'o-i
	esse	abl	MD	report	já	3-pl-ir-aux.do.pl

397b)	ta	ma	mba'emo	ywyrá-'a
	poten	MD	coisas	árvore-fruto
	depois, contam, eles já iam,... coisas como frutos			

398a)	(mba'emo ywyrá'a rera-rera idjaywu omobe'u, odje'oi awã py),			
	mba'emo	ywyrá'a	rera-rera	i-djaywu
	coisas	fruto	nome-red	R ² -falar

398b)	o-mobe'u	o-dje-'o-i	awã	py
	3-contar	3-pl-ir-aux.do.pl	fnl	loc
	revelou os nomes das frutas, as coisas da mata antes de ir			

399)	a'ewy odje'oi monde odjapo, (monde odjapo ka'aguy re),							
	a'ewy	o-dje-'o-i	monde	o-djapo	monde	o-djapo	ka'aguy	r-e
	então	3-pl-ir-aux.do.pl	armadilha	3-fazer	armadilha	3-fazer	mata	R ¹ -rel
	então eles foram para fazer armadilha, fazer armadilha no mato							

400)	a'ewy rima dje, odjapo iny djawe rima dje,							
	a'ewy	rima	dje	o-djapo	iny	djawe	rima	dje
	então	trans	report	3-fazer	perm	enquan	trans	report
	então, por isso, contam, quando ele estava fazendo, contam,							

401a)	tywy,(tywy) monde odjapo awi oikowy a'egui tyke'y awi,			
	t-ywy	monde	o-djapo	
	R ⁴ -irmão + novo	armadilha	3-fazer	

401b)	awi	o-iko	wy	a'e	gui	t-yke'y	awi
	também	3-existir	prog	esse	abl	R ⁴ -irmão + velho	também
	o irmão mais novo fazia armadilha e o irmão mais velho também,						

402)	a'ewy ma dje (tyke'y)tyke'ya py,(monde (odjapo)					
	a'ewy	dje	t-yke'y	a-py	monde	o-djapo
	então	report	R ⁴ -irmão + velho	esse-loc	armadilha	3-fazer
	então, contam,(a Lua) estava fazendo armadilha onde estava seu irmão,					

403)	odjapo oiny djawe rima dje)				
	o-djapo	o-iny	djawe	rima	dje
	3-fazer	3-perm	enquan	trans	report
	quando estava fazendo, contam:				

404)	- mba'ewa'e rupiarã tu redjapo, e'i,					
	mba'ewa'e	r-upi-a	rã	tu	re-djapo	e'i

	para qual (o quê)	R ¹ -levantar-ag	proj	topic	2-fazer	disse
	- para qual tipo de (bicho) você esta fazendo? disse					

405)	(- mba'ewa'e rupiarã tu redjapo,)					
	mba'ewa'e	r-upi-a	rã	tu	re-djapo	
	para qual (o quê)	R ¹ -levantar-ag	proj	topic	2-fazer	
	- para qual tipo de (bicho) você esta fazendo?					

406)	a'e djaitxa ae ma oporandu ra'e(itxupe), (expl. do narrador)							
	a'e	djaitxa	ae	ma	o-porandu	ra'e	i-txu	pe
	esse	paca1	enf	MD	3-perguntar	recente	R ² -dat	dat
	era a paca mesma que tinha perguntado para ele (desfarçado de irmão dele)							

407)	(- mba'ewa'e rupiarã tu redjapo, e'i ramo dje,							
	mba'ewa'e	r-upi-a	rã	tu	re-djapo	e'i	ramo	dje
	para qual (o quê)	R ¹ levantar-ag	proj	topic	2-fazer	disse	subor	report
	- para qual tipo de bicho você esta fazendo, disse, contam,							

408)	-kowa'e ma mbykupara rupiarã adjapo ta,							
	ko	wa'e	ma	mbykupara	r-upi-a	rã	a-djapo	ta
	este	NP	MD	paca3	R ¹ -levantar-ag	proj	1-fazer	poten
	- este que estou fazendo é para mbykupara cair (paca3)							

409)	a'e ramo rima dje, mbykupara oike omodeguy py,									
	a'e	ramo	rima	dje	mbykupara	o-ike	o-monde	guy	py	
	esse	subor	trans	report	paca3	3-entrar	3corr-armadilha	sob	loc	
	então por isso, contam, a paca3 entrou dentro da armadilha									

410)	(a'e ramo djepe..), a'e gui ma dje						
	a'e	ramo	djepe	a'e	gui	ma	dje
	esse	subor	apesar	esse	abl	MD	report
	apesar disso... depois, contam						

411)	tywya py dju owãe (tywya py dju owãe)			
	t-ywy	a-py	dju	o-wãe
	R ⁴ -irmão + novo	esse-loc	rep	3-chegar
	novamente ela (a paca) chegou onde o irmão mais novo estava:			

412)	- mba'ewa'e, mba'ewa'e rupiarã tu redjapo, e'i,						
	mba'ewa'e	mba'ewa'e	r-upi-a	rã	tu	re-djapo	e'i

	para qual (o quê)	para qual (o quê)	R ¹ -levantar-ag	proj	topic	2-fazer	disse
	- para qual tipo de bicho você esta fazendo? perguntou						

413)	ramo dje tywy aipo e'i:				
	ramo	dje	t-ywy	aipo	e'i
	subor	repor	R ⁴ -irmão + novo	ev.son	disse
	por isso, contam, o irmão mais novo lhe respondeu:				

414)	- kowa'e ma djaitxa rupiarã, e'i,						
	ko	wa'e	ma	djaitxa	r-upi-a	rã	e'i
	este	NP	MD	paca1	R ¹ -levantar-ag	proj	disse
	- este armadilha é para paca1, disse						

415)	a'e ramo dje idjyke rupi dju oatxa ouwy,								
	a'e	ramo	dje	i-djyke	r-upi	dju	o-atxa	o-u	wy
	esse	subor	report	R ² -de.lado	R ¹ -pelo	rep	3-passar	3-vir	prog
	por isso, contam, ela passou pelo lado,								

416)	mondeyke rupi dju oatxaouwy.						
	monde	yke	r-upi	dju	o-atxa	o-u	wy
	armadilha	de.lado	R ¹ -pelo	rep	3-passar	3-vir	prog
	passou pelo lado da armadilha novamente,						

417)	a'ewy ma, -djaitxa ere ramo, (disse o Sol à Lua)				
	a'ewy	ma	djaitxa	e-r-e	ramo
	então	MD	paca1	2-R ¹ -dizer	subor
	então, (se você disser paca1)				

418a)	(txo, opemba rei'i ma idjyke, monde kora, e'i,			
	txo	o-pe-mba	rei-'i	ma
	só (empr.P.)	3-quebrar-compl	à.toa-aten	MD

418b)	i-djyke	monde	kora	e'i
	R ² -de.lado	armadilha	cercado	disse
	somente quando estiver já meio quebrado, a cerquinha estiver de lado, disse			

419)	(monde kora, mondeyke (dja) opê-opê rei'i ma							
	monde	kora	monde	yke	dja	o-pê-opê	rei-'i	ma
	armadilha	cercado	armadilha	de.lado	já	3-quebrar-red	à.toa-aten	MD
	o cercado da armadilha, armadilha estiver de lado e meio quebrado							

420)	djawe te ma rã o'a, e'i,					
	djawe	te	ma	rã	o-'a	e'i
	enquan	vera	MD	proj	3-cair	disse
	nesse momento que cairá, disse					

421)	a'e rami ma dje ao'ã raka'e, peitxa....(expl. do narrador)						
	a'e	rami	ma	dje	o-a'ã	raka'e	peitxa
	esse	comp	MD	report	3-testar	pass.rem	assim
	foi assim, contam, que ele desafiou antigamente, assim						

422)	djaitxa dja'e ramo, monde djadjapo djaikowy, (expl. do narrador)						
	djaitxa	dja-'e	ramo	monde	dja-djapo	dja-iko	wy
	paca1	1incl-dizer	subor	armadilha	1incl-fazer	1incl-existir	prog
	quando dissemos paca1 no momento que fazemos armadilha,						

423)	mbykupara rupiarã ri djadjapo wy ma dje,							
	mbykupara	r-upi-a	rã	ri	dja-djapo	wy	ma	dje
	paca2	R ¹ -levantar-ag	proj	se(hipot)	1inclu-fazer	prog	MD	report
	se fizemos para paca2, contam,							

424)	djaitxa dja'e ramo dje, are o'a awã monde py,								
	djaitxa	dja-'e	ramo	dje	are	o'a	awã	monde	py
	paca1	1incl-dizer	subor	report	mora	3-cair	fnl	armadilha	loc
	quando dissemos paca1, demora para cair na armadilha								

425)	arã, mbykupara rupiarã dja'e ramo dje,						
	arã	mbykupara	r-upi-a	rã	dja-'e	ramo	dje
	condicional	paca2	R ¹ levantar-ag	proj	1incl-dizer	subor	report
	mas, quando dissemos que a armadilha é para paca2, contam,						

426)	o'a woiwe dju). A'e rami dje						
	o'a	woi-	we	dju	a'e	rami	dje
	3-cair	cedo-	adit	rep	esse	comp	report
	cai mais cedo, é assim, contam,						

427)	djaitxa, ombodjera raka'e otxy gui, Kuaray Nhamadu.					
	djaitxa	o-mbo-djera	raka'e	o-txy	gui	Kuaray.Nhamadu
	paca1	3-caus-criar	pass-rem	3corr-mãe	abl	Sol.Sol (NSR)
	que gerou a paca1, ele gerou de sua própria mãe, o Sol					

428)	A'e gui odje'oi wy ma, dja tywy owái rupi,							
	a'e	gui	o-dje-'o-i	wy	ma	t-ywy	owa ⁱ	r-upi
	esse	abl	3-pl-ir-aux.do.pl	prog	MD	R ⁴ -irmão + novo	oposto	R ¹ -pelo
	de lá eles foram, o irmão mais novo foi pelo outro lado							

429)	wy dje odje'oi, wy rima dje: mba'eitxagwa, a Lua pensou						
	wy	dje	o-dje-'o-i	wy	rima	dje	mba'eitxagwa
	prog	report	3-pl-ir-aux.do.pl	prog	trans	report	que coisa (tipo)
	eles foram, quando, contam: -que coisa é esse?						

430)	- apy, ke'y...	
	apy	ke'y (voc)
	aqui	irmão + velho (voc)
	-aqui, irmão...	

431)	apy ma oĩ ywyrá'a idju wairi awidju rei'i, e'i,								
	apy	ma	o-ĩ	ywyrá-'a	i-dju	wairi	awidju	rei-'i	e'i
	aqui	MD	3-estar	árvore-fruto	R ² -amarelo	mas	pêlos	à.toa-aten	disse
	aqui tem frutas amarelas mas meio peludas, disse								

432)	- mba'eitxa tu era, e'i ramo dje,					
	mba'eitxa	tu	era	e'i	ramo	dje
	como é	topic	nome	disse	subor	report
	- como é o nome? Quando perguntou, contam					

433)	-kowa'e ywyrá'a ma ywa-widju.				
	ko	wa'e	ywyrá-'a	ma	ywa-widju
	este	PN	árvore-fruto	MD	fruta com pêlo
	- essa fruta é ywa-widju.				

434)	e'i ramo dje oo dju, owái katy dju oo,								
	e'i	ramo	dje	o-o	dju	owa ⁱ	katy	dju	o-o
	disse	subor	report	3-ir	rep	oposto	direç	rep	3-ir
	quando disse, contam, novamente ele foi para outro lado								

435)	ramo tywy oetxa dju, -apy tu ywyrá'a oĩ,							
	ramo	t-ywy	o-etxa	dju	apy	tu	ywyrá'a	o-ĩ
	subor	R ⁴ -irmão + novo	3-ver	rep	aqui	topic	fruta	3-estar
	quando o Lua viu (outra fruta) novamente: -aqui tem fruta							

436)	-mba'eitxa tu inharupytã, marami tu itxã renda'i						
	mba'eitxa	tu	i-nharupytã	marami	tu	i-txã	r-enda-'i
	como é	topic	R ² -local do talo	como	topic	R ² -corda	R ¹ -lugar-aten
	como é a base do talinho, como é lugar do talinho?						

437)	e'i, ramo dje, -ikora'i wa'e rima, a'ewy ma, ma							
	e'i	ramo	dje	i-kora'i	wa'e	rima	a'ewy	ma
	disse	subor	report	R ² -cercado-aten	NP	trans	então	MD
	disse, então, contam: -ele é cercadinho, então,							

438)	-gwaporoity rima, gwaporoity rima, gwaporói rima, e'i						
	gwaporo ¹ -ty	rima	gwaporo ¹ -ty	rima	gwaporo ¹	rima	e'i
	gwaporo ¹ -lugar	trans	gwaporo ¹ -lugar	trans	gwaporo ¹	trans	disse
	é gwaporoity, é gwaroporoity mesmo, é gwaporói, disse						

439)	,a'e ramo rima dje dja odje'oi,(wy dje oo),					
	a'e	ramo	rima	dje	dja	o-dje-'o-i
	esse	subor	trans	report	já	3-pl-ir-aux.do.pl
	então por isso, contam, eles já estavam indo embora e foram,					

440)	(ooo iny), a'egui ma dje dja ombodjerapa ma							
	o-o-o	iny	a'e	gui	ma	dje	dja	o-mbo-djera-pa
	3-ir-along	perm	esse	abl	MD	report	já	3-caus-criar-compl
	estavam indo, depois, contam, ele já tinha criado tudo (tipos de frutas)							

441)	ywyrá'a-ra'a ikuai wa'e aedjawi, (ombodjerapa ma),					
	ywyrá'a-ra'a	i-kuai	wa'e	aedjawi	o-mbo-djera-pa	ma
	fruta-red	R ² -estar.pl	NP	todos	3-caus-criar-tudo	MD
	todas as frutas que existem, criou todas					

442)	ma wy rima dje aipoe'i:					
	ma	wy	rima	dje	aipo	e'i
	MD	prog	trans	report	ev.son	disse
	então, contam, disse:					

443)	- aỹ ma, txerywy,(e'i): -aỹ ma djaa ta ma									
	aỹ	ma	txe-	r-ywy	e'i	aỹ	ma	dja-a	ta	ma
	agora	MD	1-	R ¹ -irmão + novo	disse	agora	MD	1incl-ir	poten	MD
	- agora, meu irmão, disse: -agora nos já vamos									

444)	ywa re djaa ma, djaa dju ma ywate, e'i,								
	ywa	r-e	dja-a	ma	dja-a	dju	ma	ywate	e'i
	céu	R ¹ -rel	1incl-ir	MD	1incl-ir	rep	MD	alto	disse
	vamos para o céu, vamos novamente para o céu, disse								

445)	a'ewy ma - txe ma, txe ma, aa rã,							
	a'ewy	ma	txe	ma	txe	ma	a-a	rã
	então	MD	1	MD	1	MD	1-ir	proj
	então:- eu, eu mesmo já vou,							

446)	ara py ko'e rã ikuai wa'erã,						
	ara	py	ko'ẽ	rã	i-kuai	wa'e	rã
	dia	loc	manhã	proj	R ² -estar.pl	NP	proj
	de dia, para as pessoas ficarem de dia,						

447)	ikuai wa'erã pe atxape awã, e'i dje:							
	i-kuai	wa'e	rã	pe	a-txape	awã	e'i	dje
	R ² -estar.pl	NP	proj	dat	1-iluminar	fnl	disse	report
	iluminarei para aqueles que vão existir, disse, contam:							

448)	-aỹ ma txedjetxaka re ikuai'i wa'erã pe								
	aỹ	ma	txe-	dje-txaka	r-e	i-kuai-'i	wa'e	rã	pe
	agora	MD	1-	refl-brilhar	R ¹ -rel	R ² -estar.pl-aten	NP	proj	dat
	-agora eu vou para esses que vão ficar dependente da minha luz								

449)	ma txe aa ta, a'e ramo dje djatxy,							
	ma	txe	a-a	ta	a'e	ramo	dje	djatxy
	MD	1	1-ir	poten	esse	subor	report	Lua
	eu vou, por isso, contam, a Lua:							

450)	- (h)awy txee awy, e'i ramo dje tyke'y aipo e'i								
	awy	txee	awy	e'i	ramo	dje	t-yke'y	aipo	e'i
	exort	1	exort	disse	subor	report	R ² -irmão + velho	ev.son	disse
	- mas e eu? disse, quando perguntou, contam, o irmão mais velho disse:								

451)	-dee ma ko mba'emo, mba'emokwe'i onhotỹ okuapy wa'e,							
	dee	ma	ko	mba'emo	mba'emokwe-'i	o-nhotỹ	o-kuapy	wa'e
	2	MD	esse	coisa	coisas-aten	3-plantar	3-estar.loc	NP
	-você vai levar a sabedoria para essas pessoas que plantam as coisinhas,							

452	wa'e pe reikuaa uka awã,				
	wa'e	pe	re-ikuaa	uka	awã
	NP	dat	2-saber	caus.prep	fnl
	para você levar a sabedoria,				

453)	a'egui reikuaa awã mbowy ma'etÿa, mbowy djatxy, monkõi djatxy,									
	a'e	gui	re- ¹ kuaa	awã	mbowy	ma'etÿ	mbowy	djatxy	monkõ ¹	djatxy
	esse	abl	2-saber	fnl	quantos	anos	quantos	Lua	dois	Lua
	depois para você saber quantos anos, quantas meses, dois meses									

454)	mboapy djatxy rire-rire, e'i awã rupi warã, e'i,									
	mboapy	djatxy	rire-rire	e'i	awã	r-upi	wa	rã	e'i	
	três	Lua	depois-red	dizer	fnl	R ¹ -pelo	fnl	proj	disse	
	quantos meses depois, para dizer dessas formas, disse									

455)	- kowa'e djatxy ou wa'e py ma anhotÿ ta								
	ko	wa'e	djatxy	o-u	wa'e	py	ma	a-nhotÿ	ta
	esse	NP	Lua	3-vir	NP	loc	MD	1-plantar	poten
	na Lua que vem eu vou plantar...								

456)	mba'emo rembypy, mba'emo rembypy ^{rã} 'i anhotÿ awãe'ÿ awã,									
	mba'emo	r-embypy	mba'emo	r-embypy	rã-'i	a-nhotÿ	awã	e'ÿ	awã	
	coisas	R ¹ -pé	coisas	R ¹ -pé	proj-aten	1-plantar	fnl	neg	fnl	
	as mudas, coisas de mudas para não plantar (plantação de acordo com orientação lunar)									

457)	a'e nunga'i aedjawi, e'i,			
	a'e	nunga-'i	aedjawi	e'i
	esse	tipo-aten	todas	disse
	essas coisa todas, disse,			

458)	a'egui: -reikuaa wi awã kunhangwe rekorã'i awi,									
	a'e	gui	re- ¹ kuaa	wi	awã	kunha-	ngwe	r-eko	rã-'i	awi
	esse	abl	2-saber	também	fnl	mulher	pl	R ¹ -existir	proj-aten	também
	depois: -para você saber também sobre a vida das mulheres,									

459)	kunhangwe reko re awi reikuaa pota awi awã,									
	kunha-	ngwe	r-eko	r-e	awi	re- ¹ kuaa	pota	awi	awã	
	mulher	pl	R ¹ -existir	R ¹ -rel	também	2-saber	tratar.de	também	fnl	
	tratar de saber sobre a vida das mulheres também,									

460)	a'ekuéry, oĩ rã peitxa				
	a'e	kuéry	o-ĩ	rã	peitxa
	esse	col	3-estar	proj	assim
	elas estarão assim,				

461)	peteĩ djatxy nhawõ re rã, wembiapo e'ỹ awã							
	peteĩ	djatxy	nhawõ	r-e	rã	we-mbiapo	e'ỹ	awã
	um	Lua	toda.vez	R ¹ -rel	proj	3corr-trabalho	neg	fnl
	para não trabalhar a cada Lua							

462)	a'e nunga aedjawi'i re rã reikuaa pota awã, e'i,								
	a'e	nunga	aedjawi-'i	r-e	rã	re-ikuaa	pota	awã	e'i
	esse	tipo	todos-aten	R ¹ -rel	proj	2-saber	tratar.de	fnl	disse
	você tratará de saber dessas coisinhas, disse								

463)	a'e ramo dje djatxy aipoe'i:					
	a'e	ramo	dje	djatxy	aipo	e'i
	esse	subor	report	Lua	ev.son	disse
	por isso, contam, a Lua disse:					

464)	-mba'eitxa tu nhande kuéry regwa a'egui,						
	mba'eitxa	tu	nhande	kuéry	r-egwa	a'e	gui
	como é	topic	1incl	col	R ¹ -pert	esse	abl
	-como é isso é para todos nos índios e os outros também,						

465)	ko etawa'e regwa awi ma nha'ã,					
	ko	etawa'ekuéry	r-egwa	awi	ma	nhã'ã
	esse	não índios	R ¹ -pert	também	MD	hesitação
	esses não índios também...					

466)	mba'eitxa tu peteĩ kunhangwe reko					
	mba'eitxa	tu	peteĩ	kunha-	ngwe	r-eko
	como é	topic	um	mulher-	pl	R ¹ -existir
	somente na vida das mulheres de um povo					

467)	re anho'ĩ re pa apena, a'e ramo dje:						
	r-e	anhõ-'i	pa	a-pena	a'e	ramo	dje
	R ¹ -rel	somente-aten	desc	1-mexer	esse	subor	repor
	somente nelas irei cuidar? Então por isso, contam:						

468)	- ã, petẽi reko re anho'ĩ re rã repena,							
	ẽ.voc	petẽi	r-eko	r-e	anhõ-'i	r-e	rã	re-pena
	sim	um	R ¹ -existir	R ¹ -rel	somente-aten	R ¹ -rel	proj	2-mexer
	-sim, vocẽ irã cuidar somente na vida das mulheres de um povo,							

469)	a'e ramo rima dje -ahh, txe ma kunhangwe								
	a'e	ramo	rima	dje	ãh	txe	ma	kunha-	ngwe
	esse	subor	trans	report	interj	1	MD	mulher-	pl
	entã por isso, contam: - ãh, eu, se for nas mulheres								

470)	aedjawi re ramo tema aa rã apena awã,							
	aedjawi	r-e	ramo	tema	a-a	rã	a-pena	awã
	todas	R ¹ -rel	subor	contraf.2	1-ir	proj	1-mexer	fnl
	todas, eu irei para cuidar,							

471)	a'e ramo dje tyke'y:			
	a'e	ramo	dje	t-yke'y
	esse	subor	report	R ⁴ -irmão + velho
	por isso, contam, o irmão mais velho:			

472)	-tereio awy a'e ramo, aewe ae ma,							
	t(e)-	re-o	awy	a'e	ramo	a'ewe	ae	ma
	permiss	2-ir	exort	esse	subor	anuẽncia	enf	MD
	-entã vai por isso, esta bem,							

473)	A'e wy ma dje:		
	a'ewy	ma	dje
	entã	MD	report
	entã, contam:		

474)	- aỹ ma djatxy rami aa ta,					
	aỹ	ma	djatxy	rami	a-a	ta
	agora	MD	Lua	comp	1-ir	poten
	- agora irei como Lua.					

475)	a'e wy ma dje djatxy ma a'e rami,						
	a'ewy	ma	dje	djatxy	ma	a'e	rami
	entã	MD	report	Lua	MD	esse	comp
	entã, contam, da Lua foi desta forma,						

476)	a'e rami ae, a'e rami awã rami ae peitxa,								
	a'e	rami	ae	a'e	rami	awã	rami	ae	peitxa
	esse	comp	enf	esse	comp	fnl	comp	enf	assim
	foi desta forma mesma, era para ser desta forma mesma								

477a)	kunhangwe reko re awi opena awã, ko mba'emokwe,			
	kunha-	ngwe	r-eko	r-e
	mulher-	pl	R ¹ -existir	R ¹ -rel

477b)	awi	o-pena	awã	ko	mba'emokwe
	também	3-mexer	fnl	esse	coisas
	para cuidar da vida das mulheres e também das coisinhas,				

478)	(mba'emokwe)ma'tya re,		
	mba'emokwe	ma'enty a	r-e
	coisas	plantios esse	R ¹ -rel
	as coisas do tipo plantios,		

479)	mba'emokwe nhama'etÿtixe'i wa'ere				
	mba'emokwe	nha-ma''ëtÿ-	txe-'i	wa'e	r-e
	coisas	1incl-plantar-	des-aten	NP	R ¹ -rel
	coisinhas que agente queira plantar,				

480)	rekorã'i aedjawi re oikuaa awã,					
	r-eko-	rã-'i	aedjawi	r-e	o-ikuaa	awã
	R ¹ -existir	proj-aten	todas	R ¹ -rel	3-saber	fnl
	para ele saber e cuidar de todas essa coisinhas exitentes					

481)	a'e rami oo araka'e, a'e kuaray ma dja... aedjawi,								
	a'e	rami	o-o	araka'e	a'e	kuaray	ma	dja	aedjawi
	esse	comp	3-ir	pass-rem	esse	Sol	MD	já	todas
	foi desta forma que ele foi (subiu) no passado, já o Sol é em todas (as coisas)								

482)	ko ara re ikuai wa'e pe warã,						
	ko	ara	i-kuai	wa'e	pe	wa	rã
	esse	dia	R ² -estar-pl	NP	dat	fnl	proj
	para esses que vivem de dia						

483)	ara py ikuai wa'erã, aedjawi'i..ramo (aedjawi ko:).						
	ara	py	i-kuai	wa'e	rã	aedjawi-'i	ramo
	dia	loc	R ² -estar-pl	NP	proj	todas-aten	subor
	para viver de dia, todas, esses						

484a)	.(ara re anho' i ikuai' i wa'erã) oikuaa pota awã araka'e,					
	ara	r-e	anhõ-'i	i-kuai-'i	wa'e	rã
	dia	R ¹ -rel	somente-aten	R ² -estar-pl-aten	NP	proj

484b)	o-ikuaa	pota	awã	araka'e
	3-saber	tratar.de	fnl	pass-rem
	que viverão somente de dia, tratou de providenciar para essa finalidade			

485)	a'ewy ma, (a'egui mae dja..a'e wa'e)							
	a'ewy	ma	a'e	gui	maẽ	dja	a'e	wa'e
	entao	MD	esse	abl	somente	já	esse	NP
	então, somente depois essa							

486)	ko kuaray aegui djatxy reko regwa ma							
	ko	kuaray	a'e	gui	djatxy	r-eko	r-egwa	ma
	esse	Sol	esse	abl	Lua	R ¹ -existir	R ¹ -pert	MD
	existência desse Sol e da Lua							

487)	a'e rami pewe' i oo iny,				
	a'e	rami	pewe-'i	o-o	iny
	esse	comp	limit-aten	3-ir	perm
	é só ate aqui, vai indo assim,				

488)	a'e rami pewe ranhe amombe'u.				
	a'e	rami	pewe	r-anhe	a-mombe'u
	esse	comp	limit	R ¹ - primeiro	1-contar
	ate ai por enquanto vou contar.				